

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC - SP**

**Regina Helena Terlizzi**

**AS CAUSAS NATURAIS**

**A PERSPECTIVA DA ARTE MÉDICA NO *CORPUS***  
***HIPPOCRATICUM***

**MESTRADO EM FILOSOFIA**

**São Paulo**

**2016**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC - SP**

**Regina Helena Terlizzi**

**AS CAUSAS NATURAIS**

**A PERSPECTIVA DA ARTE MÉDICA NO *CORPUS***  
***HIPPOCRATICUM***

**MESTRADO EM FILOSOFIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Perine.

**São Paulo**

**2016**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura \_\_\_\_\_

Data 22/01/2016

e-mail: r.terlizzi@uol.com.br

T296

Terlizzi, Regina Helena

As causas naturais – a perspectiva da arte médica no *Corpus Hippocraticum*/  
Regina Helena Terlizzi – São Paulo: s.n., 2016.

162 p.; il. 30 cm.

Referências 110-115

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Perine

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.

1. Hipócrates
2. Medicina
3. Filosofia
4. Grécia

CDD 100

## **Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Marcelo Perine  
PUC-SP (orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Carolina Alves dos Santos  
Faculdade São Bento

---

Prof. Dr. Fernando Rocha Sapaterro  
PUC-SP

*Porque desde as origens, assim como o riso,  
a medicina é própria do homem.*

TERLIZZI, Regina Helena. **As causas naturais – a perspectiva da arte médica no *Corpus Hippocraticum***. 162 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2016.

## RESUMO

O *Corpus Hippocraticum* ou *Coleção Hipocrática* reúne um conjunto de tratados médicos gregos dos sécs. V e IV a.C., entre os quais encontramos o registro de discursos fundamentais de autores hipocráticos em defesa da existência da atividade médica como arte na cultura grega. A diversidade dos problemas e a intensidade das polêmicas de natureza epistemológica devem ser compreendidas no contexto de uma intensa atividade intelectual que alcança vários domínios do conhecimento humano e que caracteriza o chamado século de Péricles. Para estabelecer a medicina como arte, os hipocráticos devem apresentar os fundamentos do método que lhes permitiu o avanço do conhecimento das causas naturais das doenças humanas. Como tal conhecimento pressupõe uma série de noções elaboradas pela filosofia, causa (*aitia*) e natureza (*physis*), ocorre um entrelaçamento de questões e teorias que aproxima positivamente os dois campos de conhecimento, até o ponto no qual se instala uma divergência médica categórica em relação ao método filosófico. As polêmicas, como atestam os tratados, acabam opondo por um lado, aqueles que defendem a inserção de pressupostos filosóficos na medicina, segundo os quais ela não poderia avançar sem um conhecimento anterior sobre a natureza do homem e os elementos que o constituem, e por outro, aqueles que afirmam a existência de uma medicina antiga que há muito tempo soube encontrar os seus próprios meios de investigação e que, portanto, deve ser considerada autônoma em relação à filosofia. Para conhecermos o teor dos argumentos envolvidos nessas discussões, analisaremos quatro tratados hipocráticos onde as questões de ordem epistemológica são abordadas de forma mais específica: *Da doença sagrada*, *Da arte*, *Da medicina antiga*, *Da natureza humana*.

**Palavras-chave:** Hipócrates, medicina, filosofia, epistemologia, Grécia

TERLIZZI, Regina Helena. **The natural causes – the perspective of medical art in *Corpus Hippocraticum***. 162 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2016.

## ABSTRACT

The *Corpus Hippocraticum* or *Hippocratic Collection* brings together a group of Greek medical treatises from V and IV centuries BC, among which we find the register of fundamental speeches from Hippocratic authors in defense of the existence of medical activity as art in Greek culture. The diversity of problems and the intensity of polemics from epistemological nature should be comprehended in the context of an intense intellectual activity, which reaches several domains of human knowledge and which characterizes the so-called Pericles century. In order to establish medicine as art, Hippocraticals must present the basis of the method which enabled them the advance in knowledge of natural causes for human diseases. As such knowledge supposes a series of notions elaborated by philosophy, cause (*aitia*) and nature (*physis*), there is an interweaving of matters and theories which positively brings both knowledge fields closer, until the point in which a categorical medical divergence is installed related to the philosophical method. The polemics, as the treatises certify, end up opposing, on one hand, those who defend the insertion of philosophical assumptions in medicine, according to which it could not go on without previous knowledge regarding human nature and the elements which constitute it; on the other hand, those who affirm that the existence of an old medicine which long ago could find its own means of investigation, therefore, should be considered standalone related to philosophy. As to better know the arguments level involved in these discussions, we will analyze four Hippocratic treatises where epistemological matter are approached in a more specific way: *On the sacred disease*, *The art*, *On ancient medicine*, *On the nature of man*.

**Keywords:** Hippocrates, medicine, philosophy, epistemology, Greece

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - A ARTE MÉDICA HIPOCRÁTICA.....</b>	<b>15</b>
<b>1. Hipócrates de Cós, o Asclepiáde e as escolas médicas.....</b>	<b>15</b>
1.1. As práticas de cura mágica e religiosa no tempo de Hipócrates.....	23
1.2. Os centros de formação médica em Crotona, Agrigento, Cnide e Cós.	24
<b>2. O <i>Corpus Hippocraticum</i>.....</b>	<b>26</b>
2.1. A constituição do <i>Corpus Hippocraticum</i> e o trajeto da transmissão.....	26
2.2. A questão da autoria hipocrática e a análise do conjunto.....	32
2.3. O conhecimento médico: o método, o corpo e a noção de saúde e doença.....	34
<b>3. Noções de saúde em teorias filosóficas: o interesse pelos fenômenos biológicos.....</b>	<b>45</b>
3.1. Alcmeão de Crotona.....	47
3.2. Empédocles de Agrigento .....	48
3.3. Diógenes de Apolônia.....	50
<b>CAPÍTULO II - AS CAUSAS NATURAIS NOS TRATADOS.....</b>	<b>53</b>
<i>Da doença sagrada, Da arte, Da medicina antiga e Da natureza humana</i>	
<b>1. As noções de natureza e causa: φύσις (<i>physys</i>) e αἰτία (<i>aitia</i>).....</b>	<b>53</b>
<b>2. Da doença sagrada e as causas divinas.....</b>	<b>59</b>
2.1. As doenças são divinas e naturais.....	59
2.2. A crítica à magia e a defesa do divino.....	63
2.3. A causa natural da epilepsia: a hereditariedade, o cérebro e a fleuma.....	67



2.4. Uma teoria física do conhecimento: o ar e o cérebro como o intérprete da inteligência .....	73
<b>3. Da arte e o acaso.....</b>	<b>78</b>
3.1. Os argumentos em defesa da existência da arte.....	78
3.2. A noção de acaso e a “ordem dos porquês” .....	80
3.3. O doente como causa e os limites da arte.....	83
3.4. O visível e o invisível: o olho e a inteligência.....	85
<b>4. Da medicina antiga e a recusa das hipóteses filosóficas.....</b>	<b>88</b>
4.1 Recusa de postulados filosóficos e da concepção de causa única.....	88
4.2. Origens da medicina: a descoberta da alimentação como causa.....	90
4.3. Causas naturais: a mistura de qualidades nos alimentos e no homem..	93
4.4. A medicina: o verdadeiro conhecimento da natureza humana.....	97
<b>5. Da natureza do homem e o pluralismo causal.....</b>	<b>99</b>
5.1. Ataque às teorias monistas: filosóficas e médicas.....	100
5.2. A reunião e a dissolução dos elementos na formação dos seres.....	101
5.3. A relação dos humores com a natureza e a teoria dos contrários.....	104
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>106</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO</b>	<b>116</b>
1. <i>Da doença sagrada</i>	
2. <i>Da arte</i>	
3. <i>Da medicina antiga</i>	
4. <i>Da natureza humana</i>	

## Introdução

Os textos da antiga literatura médica grega dos séculos V e IV a.C. constituem um conjunto em torno de sessenta tratados conhecidos tradicionalmente como *Corpus Hippocraticum* ou *Coleção Hipocrática*. Se considerarmos um campo mais vasto de estudos a respeito das primeiras formas de pesquisa sobre a natureza, as obras médicas “se mantêm como um dos monumentos mais notáveis desse grande período e, na história do pensamento científico, o seu valor se encontra em primeiro plano”<sup>1</sup>. Na cultura grega, a arte médica e a filosofia possuem um vínculo profundo.

Os escritos, evidentemente, representam uma fonte preciosa de estudos sobre a história da medicina, pois reúnem, por exemplo, descrições minuciosas de patologias, noções de anatomia e fisiologia, doutrinas médicas, medicamentos e registros clínicos. No entanto, devemos apenas lembrar que a medicina não tem aqui o seu início absoluto: “*grosso modo*, o esquema usual das obras hipocráticas não difere muito dos papiros médicos egípcios (papiro Smith de 1600 a.C. e papiro Ebers de 1550 a.C.) e dos escritos médicos mesopotâmicos que remontam ao séc. VII a.C.”<sup>2</sup>. Também encontramos registros de sintomas, tipos de pessoas atingidas, medicações e até mesmo algumas tentativas de generalização teórica inseridos em um forte contexto religioso, como a enunciação de fórmulas encantatórias com o uso de medicamentos.

No caso da arte médica grega, originalmente vinculada à antiga tradição dos Asclepiades e convivendo com os rituais de cura religiosos e as práticas mágicas, o diálogo se estabeleceu com um outro tipo de discurso, aquele que florescia na região da Jônia e discutia sobre os princípios fundamentais da natureza na qual o homem está inserido. Segundo Pigeaud<sup>3</sup>:

---

<sup>1</sup> Cf. BOURGEY, L. *Observation et Expérience chez les médecins de la Collection Hippocratique*. Paris: Vrin, 1953, p. 7.

<sup>2</sup> Cf. CASERTANO, G. *Os pré-socráticos*. São Paulo Ed. Loyola, 2011, p. 143. À época de Hipócrates o Egito era conhecido como a terra dos remédios (HOMERO, *Odisséia*, IV, 238-242 ou HERÓDOTO, II, 84). Deixamos indicados alguns estudos específicos: *La Médecine égyptienne au temps des pharaons*- A-P, Leca, Paris, 1988 e, mais recentemente, T. BARDINET, *Les papyrus médicaux de l'Égypte pharaonique*, Paris, 1995 e BURGOS, J. O. *Hipócrates y los egípcios - Influencias egípcias en la medicina hipocrática do séc. IV a.C.* México: Editorial Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2009. Sobre a possível passagem de elementos da medicina antiga indiana, especialmente a noção de pneuma, afirmada no *Corpus*, ver FILLIOZAT, J. *La doctrine classique de la médecine indienne. Ses origines e ses parallèles grecs*. Paris, 1945.

<sup>3</sup> PIGEAUD, J. *Poétiques du Corps. Aux origines de la médecine*. Paris: Les Belles lettres, 2008.

A medicina ocidental nasceu de um discurso geral sobre o homem e sobre o mundo. Ela não nasceu originariamente como arte, como técnica. É assim que, a meu ver, é necessário compreender a dificuldade de fazer coincidir o mito e a história, na questão do nascimento da medicina e a “aparição”, se podemos falar assim, de Hipócrates<sup>4</sup>.

Os hipocráticos conduziram a atividade médica à posição de arte<sup>5</sup> na cultura grega, ao inscrevê-la nas discussões epistemológicas com a filosofia. Jaeger<sup>6</sup> afirma que “o apogeu da medicina naquele momento se explica pelo seu fecundo choque com a filosofia, graças à qual clarificou a consciência metódica de si mesma e pôde adquirir o cunho clássico do seu peculiar conceito de saber”.

Tais fatos devem ser inseridos no contexto grego do século V a.C., o século de Péricles, um período de florescimento de inúmeras artes nos domínios mais diversos, como a oratória, a escultura, a arquitetura, a pintura, a música, a ginástica e a dietética, juntamente com o surgimento de manuais com definições e regras. No entanto, ao mesmo tempo em que se estabeleciam, as artes eram questionadas sobre os seus fundamentos, em meio a debates muitas vezes polêmicos, como o caso da medicina<sup>7</sup> como atestam os tratados. Além disso, devemos ressaltar que a redação dos primeiros textos da *Coleção* ocorreu na segunda metade do séc. V a.C., um período de grande desenvolvimento da escrita<sup>8</sup>, repercutindo fortemente no ensinamento e na divulgação do conhecimento médico, como conferências públicas, discursos e discussões com outros domínios do conhecimento.

O principal questionamento dirigido à medicina se referia à capacidade de seu método de pesquisa em produzir um conhecimento verdadeiro sobre o homem, sem as elaborações da investigação filosófica sobre a natureza, admitidas até mesmo por alguns médicos.

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 4.

<sup>5</sup> O termo *arte*, que traduz o grego *techné*, é um termo frequente nos textos hipocráticos para designar o que se poderia chamar hoje de ciência médica. Cf. BOURGEY, L., 1953, p. 34-35. *Techné* designa a arte e habilidade de se fazer algo conhecendo bem as regras. O termo ciência é uma categoria moderna. Lloyd esclarece que “em grego não existe um termo único que seja um equivalente exato de nossa palavra ciência. Os termos *filosofia* (amor à sabedoria), *epistémé* (conhecimento), *teoría* (contemplação, especulação) e *peri physis historia* (investigação sobre a natureza), são todos usados em contextos particulares onde sua tradução por ciência é natural, sem risco excessivo de cometermos erros”. In LLOYD, G. E. R.. *Les débuts de la science grecque. De Thalès a Aristote*. Paris: La Decouverte, 1990, p. 7.

<sup>6</sup> JAEGER, W. *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995, p. 1002-3.

<sup>7</sup> Ao longo do trabalho usaremos indistintamente *arte médica* e *medicina*, considerando o sentido grego que será examinado na segunda parte no tratado *Da arte*.

<sup>8</sup> Sobre a questão da escrita e a medicina, ver VITRAC, B. *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 1989, p. 114.

No que concerne ao lugar da medicina em relação às outras *technai*, os médicos têm consciência que a medicina pertence à categoria das artes que tem o homem como objeto; mas eles se dividem quando se trata de saber se a ciência do homem é anterior à medicina ou se é ela quem a traz<sup>9</sup>.

As discussões sobre o método da arte médica e aquele da filosofia acabam opondo, por um lado, aqueles que pretendem inserir postulados filosóficos na atividade médica, e por outro, os partidários de uma medicina antiga que soube encontrar os seus próprios meios de investigação já há muito tempo, sem necessitar de nenhum outro pressuposto vindo do exterior. Diz Jaeger “que é nesse momento, cheio de perigos para a existência autônoma da medicina, que se inicia a mais antiga literatura médica dos gregos que chegou até nós”<sup>10</sup>. E é neste ponto que o nosso trabalho se insere: conhecer os argumentos dessas discussões por meio da análise de quatro tratados hipocráticos nos quais se encontram os registros dessa polêmica.

Para estabelecer a medicina como arte independente, os hipocráticos devem apresentar os fundamentos do método que lhes permitiu avançar o conhecimento das causas naturais das doenças humanas. Como tal conhecimento, na verdade, pressupõe uma série de noções elaboradas pela filosofia, ocorre um entrelaçamento denso de questões e teorias, aproximando-as de uma maneira fértil até um determinado ponto.

Além disso, devemos lembrar um pressuposto comum na base da pesquisa médica e da especulação filosófica: ambas acreditam que a razão humana seja capaz de identificar as causas naturais de diversos fenômenos sobre os quais refletem – seja a saúde e a doença dos homens, seja a constituição da natureza e seus movimentos. Considerando a amplidão do tema, vamos estabelecer a noção de causa natural como um fio condutor de nossa análise dos tratados, seja por se tratar de uma noção fundamental que presente nos dois campos de conhecimento, seja por reunir duas importantes concepções gregas: natureza (*physis*) e causa (*aitia*).

Na primeira parte de nosso estudo procuraremos compor um quadro de referências com diversos elementos necessários para nos aproximar do cenário e da atmosfera de ideias no quais se estabeleceram os debates. Com essa perspectiva, faremos uma breve exposição a respeito do mito fundador da medicina, dos centros médicos antigos, sobre a própria questão de Hipócrates, testemunhos e elementos históricos a

<sup>9</sup> JOUANNA, J. La naissance de l’art médical occidental, p. 26. In: GRMEK, M.D. *Histoire de la pensée médicale en Occident- Antiquité et Moyen Age*. Vol.1. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

<sup>10</sup> JAEGER, 1995, p. 1008.

respeito da constituição do *Corpus*. Devemos apresentar também algumas ideias filosóficas relacionadas com a questão da saúde, anteriores a Hipócrates, e certas noções fundamentais da própria medicina hipocrática, uma aproximação que julgamos necessária para nos acompanhar no exame dos tratados.

Como as divergências ocorrem a partir de posições a respeito de método de conhecimento, selecionamos quatro tratados hipocráticos que abordam de forma mais específica tais questões epistemológicas. São eles: *Da doença sagrada*, *Da arte*, *Da medicina antiga*, *Da natureza humana*. Ao longo da leitura indicaremos as passagens que consideramos relevantes para a nossa reflexão, tanto para ressaltar os graus de proximidade teórica entre medicina e filosofia, quanto para identificar os pontos de afastamento que definiram suas fronteiras. Vamos verificar que ao longo da apresentação de seus argumentos de defesa, os autores hipocráticos acabam por constituir um discurso próprio sobre a natureza humana, para além das questões da cura.

## CAPÍTULO I

### A ARTE MÉDICA HIPOCRÁTICA

#### 1. Hipócrates de Cós, o Asclepiáde e as escolas médicas

Uma dimensão lendária envolve a realidade histórica de Hipócrates de Cós, que nomeia o célebre conjunto de obras médicas e que se tornou um dos paradigmas da transmissão da medicina. Paradoxalmente, sabemos pouco sobre sua vida. Dada a notoriedade adquirida desde a antiguidade, histórias inverossímeis a respeito de seus prodígios contribuíram para formar sua imagem mítica. Procuraremos reunir as principais passagens e testemunhos fidedignos visando compor um quadro histórico em grandes traços, e recolher algumas das lendas que atravessaram os séculos.

Os textos que nos chegaram sobre a vida de Hipócrates são tardios e marcados por elementos incertos. O mais conhecido, intitulado *Vida de Hipócrates segundo Soranos*, editado entre os sécs. II e VI, seria parte de um livro de biografias médicas atribuído ao médico que teria vivido entre os sécs. I e II, Soranos de Éfeso<sup>11</sup>. O texto se tornou referência nos estudos por trazer compilações de documentos antigos, chegando mesmo a integrar algumas edições dos tratados hipocráticos como abertura do conjunto. Outra biografia bem menos conhecida foi descoberta em um manuscrito no início do séc. XX, em Bruxelas, por H. Schöne. Trata-se de um texto anônimo e lacunar em latim do séc. XII, denominado *Vida de Bruxelas*, com mais informações sobre Soranos e uma lista de discípulos de Hipócrates. Além disso, possuímos breves exposições nos verbetes *Hipócrates* e *Cós* em uma famosa enciclopédia bizantina grega do final do séc. X, a chamada *Suda*<sup>12</sup>, atribuída a um autor de nome Suidas e traduzida para o latim em 1564. E ainda por último, na obra *Chiliades*, de um erudito do séc. XII, Jean Tzestzes, Hipócrates é citado em forma de versos<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Médico formado em Alexandria com grande reputação na Antiguidade por suas obras. Pertencia à escola metódica de medicina, que enfatiza o método clínico empírico, contrário às doutrinas tradicionais, como a teoria dos quatro humores e a noção de *pneuma*. Sua celebridade se deve em grande parte a um tratado de ginecologia e obstetrícia adotado como referência na Idade Média. Cf. BOURGEY, L., 1953. Cap. III *Le problème d'Hippocrate*. Paris, Vrin, 1953, p. 79 e DACHEZ, R. *Histoire de la médecine. De l'Antiquité à nos jours*. Paris: Editions Tallandier, 2012, p. 188-190.

<sup>12</sup> Ver *Suda on line Byzantine - Lexicography*, com numeração e tradução inglesa a partir da edição grega realizada por Ada Adler entre 1928 e 1938, com uma reedição em 1971. O projeto *online* iniciou em 1998 e está disponível para consulta desde 2014. Encontramos também duas entradas sobre Soranos de Éfeso.

<sup>13</sup> Para estudo ampliado das biografias de Hipócrates e testemunhos JOUANNA, J. *Hippocrate*. Première Partie. Paris: Fayard, 1992; PINAULT, J. R. *Hippocratic Lives and Legends*, Leyde, 1992 e a reedição dos textos antigos em SMITH, W. D. *Hippocrates Pseudepigraphic Writings*. Leyde, 1990.

Hipócrates nasceu na ilha de Cós, em 460 a.C., em uma família de médicos de uma antiga tradição denominada Asclepiádes, linhagem que atribui sua origem ao próprio deus Asclépio e seus filhos Macáon e Podalírio. Na *Ilíada*<sup>14</sup>, Homero fala de Asclépio não ainda como um deus, mas como o príncipe da cidade de Tricca, na Tessália, que teria aprendido as artes da cura com o centauro Quíron e transmitido a seus filhos Macáon e Podalírio. Quando estes participam da guerra de Tróia como médicos e guerreiros, realizam grandes feitos que são enaltecidos no poema épico. Ao se referir a Macáon, que morre na luta, através do personagem Nestor, Homero enuncia o elogio que se tornou famoso: “vale por muitos, um homem que é médico”<sup>15</sup>. Podalírio sobrevive à guerra e em sua navegação de retorno é levado pelos ventos à costa da Ásia Menor, até Syrna, onde se estabelece e gera seus descendentes. Desse local, se deslocaram três ramos da família Asclepiádes para outros pontos que se tornaram renomados centros médicos: um em Rodes, que acabou desaparecendo, outro na península de Cnido e outro bem próximo, na pequena ilha de Cós. Cnido e Cós cresceram como os mais renomados locais de cura, formação e escrita do conhecimento médico. No templo de Epidauro, dados arqueológicos do séc. VII a.C. indicam que Asclépio já havia se tornado um deus curador e seu culto se espalhado em muitos santuários pela Grécia. No transcorrer do tempo, foram surgindo diversas versões do mito de acordo com as regiões que disputavam sua genealogia. Na versão mais conhecida, ele é filho de Apolo com a mortal Coronis que, ao cometer uma infidelidade com outro mortal, causa a ira do deus. Embora grávida, Apolo decide matá-la. No último momento, decide salvar seu filho Asclépio, deixando-o aos cuidados do famoso centauro Quíron<sup>16</sup>. Com ele Asclépio se forma nas artes da cura, adquirindo uma prodigiosa habilidade médica a ponto mesmo de ressuscitar os mortos, um excesso que confronta os poderes de Hades e ameaça a ordem do mundo. A imortalidade não cabe aos humanos, e por isso Zeus envia-lhe um raio, punindo-o justamente com a morte. Por ser filho de Apolo, no entanto, recebe um estatuto divino ao ser colocado eternamente no céu como a constelação de Ofíuco, “o portador das serpentes”, - imagem presente em suas representações nos santuários. É desse modo que

<sup>14</sup> HOMERO. *Ilíada*, II, v.729-732, IV, v.193-219 e XI, v.833-836. Paris: Belles Lettres, 2005.

<sup>15</sup> HOMERO, XI, v.514-5.

<sup>16</sup> Segundo o relato mítico, em torno do séc. XIII a.C., o centauro Quíron, um ser parcialmente humano com corpo de cavalo, viveu na Tessália em comunhão com a natureza e grande conhecimento dos poderes curativos das plantas, além de outras artes. Mestre de Asclépio e de Aquiles, além de outros personagens descritos na *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, ele seria o verdadeiro fundador da medicina, uma arte não totalmente humana. Cf. DACHEZ, R., 2012, p. 70.

Asclépio segue em seu propósito de curar as doenças e preservar a saúde dos homens, impedido, contudo, de curar toda doença mortal<sup>17</sup>.

Os conhecimentos de tão nobre linhagem eram cuidadosamente protegidos no interior das famílias por meio da transmissão oral de pai para filho e da prática comum, como fez Asclépio. Assim, Hipócrates recebe sua formação do avô, também Hipócrates - médico que teria escrito uma obra sobre fraturas -, e de seu pai Heráclides, - nome que designa uma ascendência também ilustre originada em Héracles<sup>18</sup>. Os filhos de Hipócrates, Tessalos e Dracon, recebem a formação do pai, assim como o genro e discípulo Pólibo. Provavelmente em torno de 430 a.C., de acordo com o costume, Hipócrates deixa o seu grupo em Cós aos cuidados de Pólibo e discípulos para viajar de cidade em cidade com Tessalos e Dracon pelo norte da Grécia e Tessália, berço de seus ancestrais. Sua vida como médico itinerante<sup>19</sup> lhe conferiu um reconhecimento ainda maior e muitos relatos de casos, autênticos ou lendários. O grupo de médicos passava temporadas trabalhando em cada região, registrando informações sobre as variações do clima, a qualidade das águas, a direção dos ventos, a alimentação e as doenças mais frequentes associadas a todas essas condições. Certamente com idade bem avançada, em datas que variam de 375 a 351 a.C. segundo diversas fontes, Hipócrates morre em Lárissa, cidade da Tessália, sendo enterrado no caminho de Gyrtion, uma cidade ao norte. Na ilha de Cós, se instaurou um culto público anual comemorando o seu nascimento. Segundo Soranos, uma antiga lenda conta que por muito tempo enxames de abelhas viveram sobre o túmulo de Hipócrates, produzindo um mel com grandes virtudes terapêuticas<sup>20</sup>.

Quanto à questão de outras formações de Hipócrates fora do círculo familiar, A *Vida de Hipócrates segundo Soranos* e a enciclopédia *Souda* afirmam que ele teria sido discípulo do médico Heródicos de Selimbria, do sofista Górgias de Leontini e do filósofo Demócrito de Abdera. No entanto, essas informações não se sustentaram por outros testemunhos e se mantêm incertas. Jouanna analisa que essas indicações “possuem o

---

<sup>17</sup> Sobre Asclépio, ver HART, G. D. *Asclepius, the God of Medicine*. Londres: The Royal Society of Medicine, 2000; BRUIT ZIDMAN, L. *Les grecs et leurs dieux: pratiques et représentations religieuses dans la cité à l'époque classique*. Paris: Armand Colin, 2005.

<sup>18</sup> Hipócrates teria uma dupla ascendência mítica, o que amplia ainda mais o poder de sua figura: Asclépio pela tradição médica e Héracles, recebido de seu pai. Conforme Soranos, isso se explicaria por Asclépio ter tido seus filhos Macáon e Podalírio com Epiona, a filha de Héracles. Cf. JOUANNA, J., 1992, p. 32.

<sup>19</sup> O conjunto de tratados *Epidemias*, com datação estabelecida desde o final do séc. V a.C. à metade do séc. IV a.C., registram fichas individuais de doentes, origem geográfica, descrição de regiões etc., atestando a presença da medicina hipocrática em várias cidades. *Ibid.*, p. 10.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 59.



mérito de lembrar que a formação de um bom médico na Antiguidade não devia se isolar do conhecimento do homem. Ela englobava certamente a retórica e, plausivelmente, a filosofia enquanto conhecimento do universo”<sup>21</sup>.

Dos autores da filosofia do período clássico, embora não muito frequentes, temos algumas alusões diretas a Hipócrates. No diálogo platônico *Protágoras*<sup>22</sup>, um jovem ateniense de nome Hipócrates é questionado por Sócrates a respeito da natureza dos ensinamentos que ele esperava ansiosamente receber do sofista Protágoras. Na passagem 311b, Sócrates cita Hipócrates de Cós, o Asclepiade, que receberia dinheiro em troca dos ensinamentos que o tornariam um médico, do mesmo modo que os escultores Policeto de Argos e Fídias de Atenas receberiam dinheiro em troca dos ensinamentos que os tornariam escultor. A cena apresenta Hipócrates como o modelo de excelência na transmissão da arte médica no século de Péricles, enquanto que na arte da escultura, Policeto e Fídias são os paradigmas.

Em uma famosa cena do diálogo *Fedro*<sup>23</sup>, Hipócrates é citado novamente por Platão, agora se referindo à questão do método. Sócrates procura a definição da verdadeira arte, questionando a respeito dos conhecimentos envolvidos na retórica, para além da técnica dos discursos. O conhecimento a ser procurado é aquele sobre a natureza da alma daqueles para os quais se dirigem os discursos. Assim, Sócrates questiona Fedro a respeito do método que se deve seguir para conhecer a alma humana:

- Mas, a natureza da alma, acredita que podemos conhecê-la perfeitamente sem conhecer a natureza do todo?
- Se devemos ter alguma confiança em Hipócrates, da família dos Asclepiades, não é possível mesmo ter um conhecimento sobre o corpo sem esse método.
- É a justo título, meu amigo, que ele diz. É necessário, no entanto, examinar por uma pesquisa se a razão está de acordo com Hipócrates<sup>24</sup>.

Do testemunho platônico, primeiramente, ressaltamos o valor atribuído ao pensamento hipocrático por vincular o conhecimento do corpo a um princípio de totalidade, como o ideal a ser feito quando nos propomos a investigar a natureza da alma.

<sup>21</sup> Além disso, uma tradição antiga afirmava que ele teria se utilizado das inscrições do santuário de Asclépio em Cós, o que indicaria sua proximidade com a chamada medicina dos templos, totalmente inverossímil se considerarmos os pressupostos racionais dos tratados. Cf. JOUANNA, J., 1992, p. 34.

<sup>22</sup> PLATÃO, *Protágoras*, 311b. Tradução Carlos Alberto Nunes. Ed. Universitária UFPA, 2002.

<sup>23</sup> PLATÃO, *Fedro*, 270 c. Tradução Carlos Alberto Nunes, Ed. Universitária UFPA, 2011. A passagem foi muito discutida por especialistas, ao permitir algumas interpretações a respeito da noção de todo envolvida no método hipocrático e filosófico.

<sup>24</sup> PLATÃO, 2011, 270 c.

A interpretação da passagem suscitou inúmeras discussões<sup>25</sup> que dividiram os eruditos sobre a questão de qual seria a noção de “todo” implicada na afirmação de Platão a respeito do método hipocrático. Se considerarmos que o sentido aponta para o “todo universal”, analisa Jouanna<sup>26</sup>, o método hipocrático se vincularia mais a uma medicina cosmológica ou meteorológica, aproximando-o dos tratados que defendem tal perspectiva e que seriam, portanto, propriamente de Hipócrates. Ou então, se o “todo” se referir mais à totalidade dos elementos que constituem o corpo, o método hipocrático estaria representado especialmente nos tratados *Da natureza do homem* e *Da medicina antiga*, que analisaremos na segunda parte deste estudo, nos quais a noção de saúde segue justamente essa perspectiva, sugerindo a autoria de Hipócrates. No entanto, as pesquisas não ofereceram uma posição conclusiva e Platão não acrescenta mais indicações a respeito.

O método chamado hipocrático, que fundamenta as atividades da medicina racional, conforme veremos, de fato concebe as partes sem as abstrair da totalidade que elas compõem, seja da unidade do corpo, seja no universo no qual ele está inserido. Entretanto, sublinhamos que a distinção platônica entre o conhecimento do corpo e o conhecimento da alma, enquanto domínios separados que devemos conhecer por meio de um método semelhante, não faz parte das considerações dos escritos médicos que pertencem ao *Corpus*, que de fato não opera com tal distinção.

No caso de Aristóteles, temos uma breve menção direta a Hipócrates na *Política* enaltecendo sua grandeza: “Podemos dizer que Hipócrates é grande não como homem, mas como médico, pois qualquer outro lhe seria superior em tamanho”<sup>27</sup>. Bourgey<sup>28</sup> comenta que, “nos escritos científicos de Aristóteles, encontramos uma série de referências prováveis aos textos hipocráticos, e o pensamento do filósofo parece em grande parte ligado diretamente à corrente de pesquisas e estudos que se exprime através do *Corpus*”.

---

<sup>25</sup> A literatura a respeito é imensa; citamos uma referência recente que analisa as principais posições. Ver JOLY, R. Platon, Phèdre et Hippocrate: vingt ans après. In: LASSERTE, F. et MUDRY, P. *Formes de pensée dans la Collection hippocratique*. Genève, 1983, p. 407-422.

<sup>26</sup> Ver discussão ampliada em JOUANNA, J. 1992, p. 88-89.

<sup>27</sup> ARISTÓTELES. *Política*, VII, 1326a 15. Madri: Gredos, 1998.

<sup>28</sup> Em *Pesquisas sobre os animais* (III 3, 512 b12 – 513 a7), Aristóteles cita algumas opiniões sobre a distribuição das veias do corpo: uma é atribuída a Políbio de Cós e outra a Synnesis de Chipre. As duas passagens se encontram textualmente, respectivamente, nos tratados *Da natureza do homem* e *Da natureza dos ossos*. Cf. BOURGEY, L., 1953, p. 28-9.

No séc. II, os estudos hipocráticos atingem grande altura e difusão com Galeno de Pérgamo<sup>29</sup>, o grande admirador e comentador de Hipócrates. Com imensa obra médica e filosófica, redigiu um *Glossário* dos termos da *Coleção*, além de estudos importantes a respeito de vários tratados, cuja interpretação marcou fortemente a transmissão da herança hipocrática. Para ele, doenças do corpo e doenças da alma são categorias distintas que possuem uma interação estreita. O desequilíbrio dos temperamentos do corpo é a causa dos sofrimentos da alma, que, por sua vez, tem poder de ação sobre ele. No tratado *O melhor médico é também um filósofo*<sup>30</sup>, Galeno ressalta algumas das características fundamentais do método de Hipócrates, assim como enaltece e faz de suas condutas o modelo de todos os médicos. Para melhor assistir aos pacientes, o princípio fundamental de todo raciocínio em medicina é o conhecimento mais exato possível da natureza do corpo para adquirir uma boa habilidade no prognóstico: conhecer as doenças que lhe aconteceram, ser capaz de penetrar com acuidade o estado presente e prever os acidentes possíveis. As informações biográficas de Hipócrates apresentadas no tratado se referem especialmente às descrições e elogios sobre seu longo período de viagens na Tessália para conhecer “todas as circunstâncias sobre as quais um bom médico deve se instruir, a fim de verificar por sua própria experiência o que o raciocínio lhe ensina”. Para Galeno, o médico que seguir Hipócrates, “não somente desprezará as riquezas, mas amará o seu trabalho com ardor”<sup>31</sup>.

Histórias fantásticas repercutiram os prodígios de Hipócrates, conferindo-lhe uma dimensão lendária. Nas *Cartas*<sup>32</sup> que integram a *Coleção*, encontramos dois exemplos famosos. A primeira história ocupa as primeiras nove cartas e se refere à reputação do médico de Cós, na Pérsia. Por meio de um de seus governadores, Artaxerxes I, filho de Xerxes, envia uma carta a Hipócrates, da família dos Asclepiádes, oferecendo-lhe dinheiro e ouro em profusão, além das mesmas honras que o melhor dos persas, para que fosse o mais breve possível curar os persas atingidos por uma peste. A resposta de Hipócrates está na carta cinco. Como um patriota helênico e sem abstrair a questão política no exercício da medicina, pede ao governador que transmita sua recusa ao rei, alegando que não lhes faltam provisões, roupas, alojamentos e tudo o que fosse suficiente à vida, e acrescenta que não lhe seria permitido usufruir da abundância dos

<sup>29</sup> Ver GALIEN. *Que excellent médecin est aussi philosophe*. Tome I. Paris, Belles Lettres, 2007 e SARTON, G. *Galen of Pergamos*. Lawrence, 1954.

<sup>30</sup> GALIEN, 2007, p. 284-293.

<sup>31</sup> Ibid., p. 287.

<sup>32</sup> São vinte e quatro cartas apócrifas e tardias. Ver LITTRÉ, E. *Oeuvres complètes d'Hippocrate. Lettres*. Vol. IX. Paris: E. Baillière, 1839-1861, p. 308-429

persas nem livrar os Bárbaros de suas doenças, uma vez que eles são inimigos dos gregos<sup>33</sup>. O episódio se tornou exemplar a ponto de ser mencionado por Galeno no tratado citado acima sobre o médico excelente e se tornar tema de um quadro de Girodet, em 1792, *Hipócrates recusando os presentes de Artaxerxes*.

Outra história de grande popularidade chegou a inspirar uma das fábulas de Jean de La Fontaine, no séc. XVII, intitulada *Demócrito e os Abderianos*<sup>34</sup>. O relato começa na décima carta e narra um episódio entre Hipócrates e o filósofo Demócrito, seu contemporâneo. Os habitantes de Abdera, preocupados com um riso desmesurado de Demócrito, julgaram-no tomado pela loucura. Assim, enviam uma carta a Hipócrates solicitando sua vinda à cidade para curá-lo. Os dois se conheciam apenas por reputação e, ao aceitar o convite, Hipócrates toma suas providências para a viagem, solicitando a amigos um navio para a travessia e as plantas necessárias para o tratamento. Em sua chegada, Hipócrates encontra os abderianos entristecidos por seu filósofo e imediatamente segue para vê-lo. Na cena do encontro, Demócrito está sentado perto de um ribeirão, rodeado de livros e animais dissecados por ele, e ocupado em escrever uma obra justamente sobre a loucura. No diálogo, o médico descobre que Demócrito ria da loucura que é vaidade humana, constantemente preocupada em perseguir riquezas e glória. Essa seria a verdadeira doença e loucos seriam os habitantes da cidade que o julgaram doente. O filósofo diz a Hipócrates que a medicina não cura a alma dos homens. O médico reconhece que seu próprio pensamento teria sido curado por “Demócrito, o mais sábio entre os sábios”, pois seu riso é sinal de extrema sabedoria. Em um relato de sonho, Hipócrates vê o deus da medicina Asclépio se retirar diante de Aletheia, a deusa da verdade filosófica.

Na interpretação de Ayache<sup>35</sup>, o interesse da história não se limita apenas à questão moral da ambiguidade da loucura, mas aponta uma oposição entre medicina e filosofia diante das doenças da alma. O Hipócrates das *Cartas* não foi capaz de julgar se a loucura estaria em Demócrito ou nos habitantes da cidade, pois a medicina conhece somente valores relativos. Para um médico, nenhum elemento seria um bem ou um mal em si, na medida em que a doença advém do isolamento de um elemento do todo e a

<sup>33</sup> A lenda teria aparecido na época da dominação da Grécia por Roma, em torno do séc. II a.C., motivada pela intenção de tornar Hipócrates o grande defensor de seu povo. Cf. AYACHE, L. *Hippocrate*. Paris: PUF, 1992, p. 7.

<sup>34</sup> DE LA FONTAINE, J. *Fables de La Fontaine*. Paris: Ed. Dayenne Selleiers, 2009, p. 414-16.

<sup>35</sup> AYACHE, L., 1992, p. 8.

saúde retorna com o reequilíbrio da composição. No entanto, Ayache comenta que esse relativismo encontra seus limites ao se tratar das chamadas doenças da alma, pois não é indiferente alterar o comportamento do filósofo conforme os critérios da cidade ou transformar os habitantes a partir dos princípios de Demócrito. Nesse caso, estaríamos diante de uma questão de ordem moral que somente a filosofia seria capaz de avaliar. Hipócrates e Demócrito das *Cartas* protagonizam uma história que se eternizou, ecoando aspectos do debate entre a medicina e a filosofia daquele tempo. Quando a loucura é compreendida como um desequilíbrio moral da alma humana, a filosofia ganha a primazia e Asclépio se retira. Para Ayache, essa perspectiva não é insignificante quando nos lembramos que Platão faz uma distinção análoga entre os domínios da alma e do corpo na alusão ao método hipocrático no *Fedro*, como citamos.

Em meio a lendas e documentos da tradição, tal nos parece ter sido o Hipócrates histórico que nomeia uma obra da qual ele não é o único autor. A riqueza e a profundidade de análise de diversos médicos que podemos ler no *Corpus* se tornaram referência de estudos por séculos. Quais seriam, afinal, os tratados redigidos por ele e as concepções propriamente hipocráticas? Desde a Antiguidade, o problema se constituiu como um campo de pesquisas que ficou conhecido como a “questão hipocrática”. Na verdade, os conhecimentos médicos que ele representa se destacaram de quaisquer autorias e se tornaram noções compartilhadas por muitos. Não podemos esquecer que a própria forma de transmissão do saber no interior da tradição dos Asclepiades não seria mesmo propícia a protagonismos. No entanto, coube à Hipócrates a paternidade da medicina racional nascida na Grécia do séc. V a.C. Podemos supor que sua genialidade, junto a seu grupo, que revolucionou a arte médica, tenha incidido na definição de um método racional de investigação das causas naturais das doenças, o método de Hipócrates, o Asclepiade, como denominou Platão. Ou ainda, no aprimoramento da dietética como terapêutica<sup>36</sup>, um conhecimento sobre a potência dos elementos da natureza que compõem as plantas e os alimentos, os verdadeiros remédios para os desequilíbrios do corpo, submetido às minuciosas observações hipocráticas. A nova forma de intervenção sobre as doenças terminou por resgatar das mãos dos deuses a própria noção de cura e posicioná-la no âmbito humano. O valor desses aspectos ganha contornos ainda mais claros ao lembrarmos que na primeira metade do séc. V a.C.,

---

<sup>36</sup> Para muitos estudiosos a questão metodológica e a dietética são os dois elementos que representam a revolução hipocrática. Ibid., p. 5-6.

contemporânea dos primeiros tratados do *Corpus*, a literatura trágica<sup>37</sup> ecoava largamente a maldição sagrada sob a forma de doenças. As concepções hipocráticas, sem qualquer recurso ao divino, se aproximam da ideia de leis naturais ao observar as regularidades da natureza e dos corpos para obter conhecimento e decidir suas intervenções.

No entanto, devemos lembrar que as raízes de tal método estão entrelaçadas profundamente às especulações naturalistas dos primeiros filósofos, no tempo mesmo em que se repetiam nos santuários os rituais de devoção a seu divino ancestral.

### 1.1. As práticas de cura mágica e religiosa no tempo de Hipócrates

Não havia antagonismo entre a crescente medicina racional e os sacerdotes que praticavam rituais de cura religiosa no interior dos templos de Asclépio<sup>38</sup>, o mais famoso, assim como de outras divindades como Apolo e Ártemis, potências ambivalentes de cura e punição, além dos heróis curadores, protetores locais da coletividade<sup>39</sup>. Lloyd<sup>40</sup> analisa que as mais variadas crenças religiosas e práticas mágicas são atestadas desde Homero até o fim da Antiguidade e se prolongam na Idade Média. Há uma influência ininterrupta do mito e da magia na cultura grega, simultânea ao desenvolvimento das pesquisas nas quais podemos reconhecer a ciência (*epistémé*) e a filosofia. Para ele, a obra clássica de Doods<sup>41</sup> é o ponto de partida para analisar tais relações no mundo antigo. Especialmente no caso das doenças, os discursos do mito e da magia detinham um enorme poder. Envolvidas em mistério, culpa e temor, a causa e a cura dos males se relacionavam profundamente com o domínio divino, o grande agente das forças naturais, e mesmo com aqueles que pretendiam falar em seu nome.

Asclépio detinha uma competência oracular e o rito de incubação era prática frequente em seus templos. Após os rituais de sacrifícios, banhos de purificação e cantos, os sacerdotes invocavam o poder curador do deus e os suplicantes dormiam uma noite sob o pórtico do santuário aguardando a visita em sonhos do próprio deus. Assim,

<sup>37</sup> Ver exemplos em BYL, S. De la médecine magique et religieuse à la médecine rationnelle. Hippocrate. Cap. II - *L'etiologie divine dans l'antiquité classique*. Paris: L'Harmattan, 2011.

<sup>38</sup> O culto de Asclépio se expandiu rapidamente na Grécia. Desde o santuário mais antigo na Tessália, em Tricca, surgiram inúmeros outros, como por exemplo, os mais ilustres, em Cós, Rhodes, Cnido, Tarente, Atenas, Pérgamo e, sobretudo, em Epidauro, um dos mais magníficos, ao norte do Peloponeso. Cf. JOUANNA, J. *Hippocrate L'Art de la médecine*. Paris: Flammarion, 1999, p. 33.

<sup>39</sup> Cf. VITRAC, B., 1989, p. 42-43.

<sup>40</sup> LLOYD, G., 1990, p. 17-18

<sup>41</sup> DODDS, E. R. *Os gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta, 2002.

ao longo da noite, recebiam as orientações para o tratamento ou mesmo a cura direta por meio do toque divino na área enferma, exceto nos casos das doenças mortais interditadas por Zeus, conforme explica o mito. As prescrições recebidas por meio dos sonhos da experiência ritual enunciadas pela própria divindade operavam curas miraculosas que eram registradas nos templos. Os sonhos incubados eram verdadeiros encontros com a divindade que fortaleciam o convencimento dos enfermos<sup>42</sup>.

Os próprios sacerdotes também indicavam um regime especial, plantas e minerais, como complemento do processo curativo, o que os aproximaria de condutas hipocráticas. O *Corpus* não faz críticas a essas práticas de cura religiosa, mas ataca fortemente os rituais mágicos de purificação. A coexistência pacífica poderia ser explicada em grande medida pelo vínculo comum e profundo de sacerdotes e médicos com Asclépio. Além disso, muitos daqueles que buscavam a cura nos templos ansiavam por um tratamento sem dor, procurando evitar intervenções cirúrgicas, assim como casos muito graves com tratamento recusado pelos médicos. Enfim, as diferenças entre a medicina religiosa e a racional “são muito profundas para que se pudesse supor uma filiação qualquer entre medicina dos templos e medicina hipocrática”<sup>43</sup>. Ao lado da medicina dos templos, curadores, adivinhos e magos se diziam detentores de um poder de intermediação do homem com o divino e as forças da natureza. Por meio desse dom especial, consultavam a vontade divina e direcionavam as forças por meio de rituais mágicos e amuletos de proteção para atrair benefícios<sup>44</sup>. O tratado *Da doença sagrada*, que será examinado na segunda parte deste estudo, ataca radicalmente esses tipos de praticantes, por pretenderem manipular enganosamente o divino, e afirma a existência de causas naturais para todas as doenças.

## 1.2. Os centros de formação médica em Crotona, Agrigento, Cnido e Cós

Os dois ramos da família dos Asclepiádes herdeiros de Podalírio, conforme o relato homérico, se estabeleceram na ilha de Cós e em uma península próxima, Cnido, situadas na costa jônica da Ásia Menor. Ambas dominaram o mundo médico grego, no

<sup>42</sup> No santuário de Asclépio, em Epidauro, foram encontrados vários registros de testemunhos de cura, com o nome da pessoa, a doença e o tratamento utilizado. Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 33.

<sup>43</sup> Ibid., p. 34.

<sup>44</sup> Ver estudo de LANATA, G. *Medicina magica e religione popolare in Grecia fino all'eta de Ippocrate*. Roma, 1967; BYL, S., 2011.

séc. V a.C., como as duas grandes escolas médicas<sup>45</sup> marcadas pela presença de Hipócrates.

No entanto, em um tempo bem anterior e ao longo de uma secularização progressiva da atividade médica, existiram outros centros que atuavam por meio de práticas fundamentadas em concepções de saúde nascidas das especulações de tipo filosófico.

Ao final do séc. VI a.C., havia o centro médico de Cirene, uma colônia grega fundada em 630 a.C. na Líbia e local de um grande templo a Apolo. Mas, desde o séc. VII a.C. em Crotona, ao sul da Itália, na Magna Grécia, citado por Heródoto<sup>46</sup>, existiu um reputado centro médico marcado pela influência pitagórica e ao qual pertenceram Demócedes, Alcmeón, que teria sido seu discípulo, e Filolau. Outro centro que compõe a chamada escola médica italiana se estabeleceu na Sicília, em Agrigento, cujos expoentes foram Pausânias, Filiston e Empédocles<sup>47</sup>. Aspectos importantes das teorias médico-filosóficas de Crotona e Agrigento, especialmente aqueles de Alcmeón e Empédocles, podem ser encontrados nas discussões de alguns tratados hipocráticos, como veremos.

Em Cnido e Cós, a forma familiar de transmissão do saber se manteve ao longo do tempo. No entanto, adquiriram características próprias e se definiram como as duas grandes tendências que dividiram a prática médica daquele período. Os praticantes de Cnido, especialmente os médicos Heródicos, Ctésias e Eurífon, privilegiaram uma abordagem diagnóstica fundada em um rigoroso detalhamento de descrições clínicas e uma preocupação menor em reunir as informações em grandes categorias, acabando por constituir uma grande base de observações. O método resultou em uma multiplicação das entidades clínicas e dos tratamentos devido à alta precisão diferencial dos sintomas, fato citado sarcasticamente pelos médicos de Cós, que privilegiavam o estabelecimento de ligações entre sinais semelhantes visando compor grandes categorias por meio do raciocínio prognóstico. Além disso, Cnido codificou a auscultação do paciente como forma de exame clínico e criou procedimentos novos e ousados em cirurgia, muitas vezes considerados rudes, apesar de bem-sucedidos. As *Sentenças cnidianas*, uma obra coletiva que se perdeu e que é citada em um dos tratados do *Corpus*, como veremos mais adiante,

---

<sup>45</sup> O termo “escola médica” não deve ser entendido no sentido moderno de doutrinas e métodos definidos em um sistema fechado, mas sim no sentido amplo de um local que reúne um grupo de praticantes que exercem atividades de atendimento, estudos e transmissão, com tendências teóricas características.

<sup>46</sup> HERÓDOTO. *Histoires*, (III, 131,3). Paris: Les Belles Lettres, 1970.

<sup>47</sup> Ver exposição detalhada dos personagens em BATISTA, R. S. *Deuses e Homens – mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy Editora, 2003, p. 207 e FRIAS, I. *Doença do corpo, doença da alma - Medicina e Filosofia na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Edições Loyola, 2005, p. 35.



é uma comprovação das diferenças teóricas transmitidas por gerações em Cnido e Cós, o que levou a suposições a respeito de uma rivalidade hierárquica entre elas, tese relativizada recentemente<sup>48</sup>.

## 2. O Corpus *Hippocraticum*

### 2.1. A constituição do Corpus *Hippocraticum* e o trajeto da transmissão

O *Corpus Hippocraticum* ou *Coleção Hipocrática*<sup>49</sup> reúne sessenta tratados redigidos no dialeto jônico, o mesmo dos primeiros filósofos, com datações estabelecidas em sua maior parte entre a segunda metade do séc. V a.C. e início do séc. IV a.C., sendo o núcleo principal, mais precisamente entre 420 e 350 a.C.<sup>50</sup>. O conjunto se constituiu pouco a pouco e a ele foram integrados dois discursos, um decreto e vinte e quatro cartas consideradas apócrifas. Os textos são heterogêneos, com diversidade de estilos, léxico e doutrinas médicas, a depender do período de sua composição, do autor e de sua finalidade, como conferências de divulgação ou compilações e tratados mais especificamente técnicos dirigidos aos especialistas. Eles reúnem as grandes linhas do pensamento médico das escolas de Cós e Cnido, bem como os confrontos epistemológicos necessários à fundamentação de um conhecimento médico constituído, resultando em um complexo e extraordinário testemunho. A tradição não estabeleceu nenhuma forma rigorosa de organização das obras, propiciando variações no número final de textos, a depender de cada edição. Apresentamos a proposta de Jouanna<sup>51</sup> que classifica cinquenta e oito tratados em oito categorias temáticas.

A. Deontologia e reflexão sobre a arte médica:

(1) *Juramento*

(2) *Lei*

<sup>48</sup> Para maior detalhamento da abordagem cnidiana, ver DACHEZ, R., 2012, p. 97-99. Sobre as diferenças entre Cnido e Cós ver estudo específico de JOUANNA, J. *Hippocrate: por une archéologie de l'école de Cnide*. Paris: Belles Lettres, 1974.

<sup>49</sup> CORPUS HIPPOCRATE. *Oeuvres complètes d'Hippocrate*. Introdução, tradução e notas por Émile Littré. Paris: J. B. Baillière, 1839-1861. Reimpressão A. M. Hakkert. Amsterdam, 1973-1982. A edição de 10 volumes, com texto grego e tradução francesa, se tornou a referência do séc. XIX para os estudos recentes, apesar de objeções modernas a algumas propostas de interpretação.

<sup>50</sup> Ver exposição sobre estudos de datação e testemunhos em BOURGEY, L., p.21, 1953, p.21 e JOUANNA, J. *Hippocrate*, 1992, p. 85.

<sup>51</sup> No essencial, sua proposta deriva da classificação adotada por Erotiano. Cf. JOUANNA, J. e MAGDELAINE, 1999, p. 14-5.

- (3) *Da Arte*
- (4) *Da Medicina Antiga*
- (5) *Do Médico*
- (6) *Da probidade*
- (7) *Preceitos*
- (8) *Testamento de Hipócrates*

B. Semiologia:

- (9) *Prognóstico*
- (10) *Epidemias I e III*
- (11) *Epidemias II, IV e VI*
- (12) *Epidemias V e VII*
- (13) *Aforismos*
- (14) *Humores*
- (15) *Crises*
- (16) *Dias Críticos*
- (17) *Profecias I*
- (18) *Profecias II*
- (19) *Prenosções coacas*

C. Etiologia no sentido largo:

- (20) *Da Natureza do Homem*
- (21) *Geração / Natureza da criança*
- (22) *Carnes*
- (23) *Fetos de oito meses /Fetos de sete meses*
- (24) *Semanas*
- (25) *Dentição*
- (26) *Coração*
- (27) *Glândulas*
- (28) *Natureza dos ossos*
- (29) *Ares, águas, lugares*
- (30) *Dos Ventos*
- (31) *Da Doença sagrada*

D. Dietética:

- (32) *Regime*
- (33) *Regime nas doenças agudas*
- (34) *Regime nas doenças agudas, apêndice*
- (35) *Alimento*

E. Nosologia e terapêutica:

- (36) *Doenças I*
- (37) *Doenças II*
- (38) *Doenças III*
- (39) *Doenças IV*
- (40) *Afecções*
- (41) *Afecções internas*
- (42) *Remédios*
- (43) *Lugares no homem*
- (44) *Uso dos líquidos*
- (45) *Visão*

F. Ginecologia:

- (46) *Doenças das mulheres I-II*
- (47) *Doenças das jovens meninas*
- (48) *Natureza da mulher*
- (49) *Superfetação*
- (50) *Excisão do feto*

G. Cirurgia:

- (51) *Oficina do médico*
- (52) *Fraturas/Articulações*
- (53) *Mochlique*
- (54) *Feridas*
- (55) *Fístulas*
- (56) *Hemorroidas*
- (57) *Feridas da cabeça*
- (58) *Anatomia*

#### H. Cartas e escritos biográficos:

(59) *Decreto dos atenienses*

(60) *Discurso ao altar*

(61) *Discurso à embaixada*

(62) *Cartas (conjunto de 24 cartas)*

Em que momento a coleção dos escritos se constituiu como um conjunto autônomo? Indicaremos de modo sumário os principais personagens conhecidos e os períodos que acabaram definindo a transmissão dos textos. Por um longo período, desde a morte de Hipócrates em torno de 375 a.C., os tratados preservados em Cós e Cnido devem ser considerados à parte, sem ainda formar um todo. Somente no início do séc. III a.C., na época helenística, os textos são reunidos na famosa biblioteca de Alexandria, novo centro cultural hegemônico, quando acontece uma expansão dos estudos médicos, com as primeiras compilações das obras e a abertura de uma longa série de comentadores. As discussões a respeito da questão hipocrática se intensificaram nos círculos médicos alexandrinos, que viviam uma atmosfera intelectual de renovação das pesquisas em fisiologia e anatomia com o início da prática sistemática de dissecação de cadáveres, ampliando o conhecimento antes limitado pela opacidade dos corpos, propiciando naturalmente uma revisão das doutrinas tradicionais.

Os primeiros estudos filológicos significativos ocorreram no grupo de Herófilo de Calcedônia<sup>52</sup>, médico anatomista de grande renome e um dos fundadores da Escola de Medicina de Alexandria. Seu discípulo Baccheio de Tanagra<sup>53</sup> editou o terceiro livro das *Epidemias* e organizou o primeiro *Glossário* dos termos hipocrático em três livros, representando assim a posição do grupo de Herófilo a respeito da questão hipocrática. Da obra, restaram fragmentos esparsos e referências posteriores de Galeno e Erotiano que nos permitem conhecer vinte e três tratados<sup>54</sup> analisados por Baccheio em Alexandria, a comprovação mais antiga da transmissão.

---

<sup>52</sup> Herófilo viveu entre 330 e 260 a.C. e foi discípulo de Praxágoras de Cós. Fez progressos importantes sobre a morfologia do cérebro ao descrever minuciosamente os dois hemisférios e os nervos cranianos, distinguir artérias, veias e suas funções, além de nervos motores e nervos sensoriais. Cf. VON STADEN, H. *Herophilus. The arte of medicine in Early Alexandria*. New Yorker: Cambridge, 1989 e DACHEZ, R., 2012, p. 151-4.

<sup>53</sup> Sobre testemunhos de Baccheio, que viveu entre 275 a 200 a.C., ver STADEN, H., *op. cit.*, p. 484-500 e GALIEN, VII, 752K.

<sup>54</sup> Ver a lista de Baccheio em JOUANNA, J. 1992, p. 593, nota 27.

A mais completa e antiga edição dos tratados atribuídos a Hipócrates que nos chegou é da época de Nero, no séc. I, organizada pelo médico Erotiano<sup>55</sup>. A partir da obra de Baccheio, ele faz um *Glossário hipocrático* acrescentando textos redigidos em Cnido, chegando a quarenta obras classificadas dentro de uma lógica temática: aqueles dedicados à etiologia e física, os semióticos, os mais específicos de cirurgia e regime, assuntos mistos e sobre a arte médica<sup>56</sup>. Erotiano é o responsável pela estrutura de organização do famoso documento que se tornou o *Corpus*, fonte sobre a qual se debruçou Galeno no século seguinte e à qual, sem conhecermos os dados precisos, foram inseridos ainda vinte tratados<sup>57</sup> que completam o conjunto atual exposto acima. Alguns tratados ausentes no *Glossário* de Erotiano são reconhecidamente posteriores a Hipócrates, como por exemplo, *Coração*, por apresentar uma descrição anatômica bem mais complexa, *Preceitos*, *Do médico* e *Da probidade*, que refletem sobre a ética médica em um período tardio, mas em total consonância com as ideias hipocráticas. Jouanna sintetiza:

*Grosso modo*, a situação se apresenta assim. Um conjunto de tratados forma o núcleo primitivo da *Coleção*, vindo da escola de Hipócrates, dita a escola de Cós. É o estado da *Coleção Hipocrática* à época helenística, do tempo de Baccheio. Outros tratados foram adicionados em seguida e são provenientes nomeadamente do grupo dos Asclepiades de Cnido, ou escola de Cnido. A lista de Erotiano, à época neroniana, corresponde a essa etapa intermediária da *Coleção Hipocrática*. Outros tratados são de proveniência desconhecida e se reuniram mais tarde às obras hipocráticas. É o estado da *Coleção Hipocrática* transmitida pelos manuscritos medievais. Devemos entender que esse resumo é esquemático e não dá conta dos determinantes de uma coleção de escritos em perpétuo movimento e cuja história de formação nos escapa em grande parte.<sup>58</sup>

A transmissão hipocrática, a partir de Erotiano, seguiu por caminhos diversos. Como já mencionado, no séc. II os estudos médicos alcançaram um apogeu com Galeno de Pérgamo<sup>59</sup>, que no conjunto de sua imponente obra médica e filosófica redigiu um *Glossário* dos termos médicos da *Coleção*. Seus estudos e comentários são marcados por uma leitura sistematizadora de conhecimentos diversos, mantendo Hipócrates em

<sup>55</sup> EROTIEN. *Catalogue et Glossaire des livres hippocratiques*. Upsal: Ed. Ernst Nachmansan, 1918.

<sup>56</sup> Essa organização foi retomada em uma edição famosa do séc. XVI de Anutius Foesuius. Ver a lista de Erotiano em JOUANNA, J., 1992, p. 95-96.

<sup>57</sup> Ver a lista de tratados reunidos posteriormente a Erotiano em JOUANNA, J., 1992, p. 593, nota 28.

<sup>58</sup> JOUANNA, J. 1992, p. 97-8.

<sup>59</sup> Ver BYL, S., 2011; GALIEN. *La survie d'Hippocrate et autres médecins de l'Antiquité*, Paris: L'Harmattan, 2011.

seus fundamentos. A obra de Galeno reúne os conhecimentos médicos da época e é tomada como referência em um movimento de traduções de obras gregas que aconteceu na Síria do séc. VI. Serge de Reshaina<sup>60</sup> seria o responsável pelo trabalho de tradução para o siríaco de doze tratados hipocráticos e trinta e sete obras de Galeno. Esses textos não chegaram a nós, mas as referências que temos sobre eles são comentários e revisões do siríaco feitas somente no séc. IX por Hunain ibn Ishaq, em Bagdá, na Casa da Sabedoria fundada pelo califa al-Mamoun<sup>61</sup>. Hunain e seus discípulos traduziram as obras médicas do siríaco para o árabe, embora a maior parte dessas traduções, conforme explica Jouanna, tenha sido realizada, de fato, a partir das citações dos textos hipocráticos e comentários feitos por Galeno, e não a partir do próprio texto da *Coleção*, de tal forma que *o hipocratismo oriental é antes de tudo um hipocratismo galênico*<sup>62</sup>.

Dois séculos depois, ao final do séc. XI, na Itália, a Escola de Medicina de Salerno, muito conhecida em toda a Europa por sua abertura ao pensamento de outras culturas, recebe os textos médicos árabes, que são traduzidos para o latim pelo monge beneditino Constantino, o Africano<sup>63</sup>. Os conhecimentos galênicos, hipocráticos e filosóficos ali sistematizados foram bem recebidos e assimilados como livros de referência para os estudos, e se integraram pouco a pouco na *Articella*, a famosa coletânea de tratados que definia o programa de estudos das universidades da Europa até o séc. XVI. Finalmente em 1525, em Roma, Fabio Calvo publica a primeira tradução latina do *Corpus* diretamente do grego hipocrático e não mais do galênico, enquanto em Veneza, em 1526, é publicada a primeira edição grega de todo o conjunto pela conhecida edição Aldina, do tipógrafo Aldo Manuzio, com a organização dos textos de Jean François d'Asola. Os estudos filológicos modernos ocorreram a partir dessas publicações.

---

<sup>60</sup> Médico, filósofo e padre cristão da Síria, morto em 536.

<sup>61</sup> Cf. JOUANNA, J., 1992, p. 63.

<sup>62</sup> Ibid.

<sup>63</sup> Médico tradutor de obras árabes do séc. XI, nascido em Cartago. Viveu entre 1015 e 1087 e foi monge beneditino na abadia de Monte Cassino, próximo à Escola de Salerno. Ver BURNETT, C. S. F., JACQUART, D. *Constantine the African and 'Alī Ibn Al-'Abbās Al-Magūsī: The Pantegni and Related Texts*. Leiden: Brill, 1995 e STROHMAIER, G. *Reception et tradition: la médecine dans le monde byzantine et arabe*. In: GRMECK, M.D. *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol.1, Paris, Seuil, 1995, p. 123.

## 2.2. A questão da autoria hipocrática e a análise do conjunto

Com a análise crítica maior do séc. XIX, Littré considera que onze tratados foram escritos diretamente por Hipócrates: *Medicina Antiga, Prognóstico, Epidemias I e III, Regime das doenças agudas, Ares, águas, lugares, Articulações, Fraturas, Mochlique, Juramento e Lei*. No entanto, suas posições não foram confirmadas e as pesquisas mais recentes demonstram que não existe até o momento nenhuma comprovação sólida<sup>64</sup> dessas afirmações, estabelecendo a direção dos estudos para a análise de conjunto do *Corpus* e não mais sobre o problema da autoria.

Bourgey<sup>65</sup> assume essa direção e afirma que são concebíveis duas atitudes no estudo da *Coleção*: a primeira é analítica, onde os tratados são considerados um a um a partir de seus problemas particulares, e a outra adota a visão sintética, que admite o documento como um todo e estuda os possíveis diálogos internos entre as partes. Reconhecendo o valor inestimável dos estudos analíticos desenvolvidos anteriormente, Bourgey adota a segunda posição, ao considerar que, efetivamente, as obras não constituem unidades separadas, ao contrário, existem múltiplas relações entre elas, justamente por participarem da constituição de um conhecimento que visa um mesmo fim, que define sua unidade profunda. E, por isso mesmo, a *Coleção* também é um campo de polêmicas.

[...] pois aqui o interesse se torna apaixonante, somos colocados em presença de grandes discussões que tocam a própria orientação da medicina; escutamos críticas incisivas, às vezes veementes, e essas discussões não ocorrem sobre obras inacessíveis ou estrangeiras, mas, no interior mesmo da coleção, encontramos os tipos de obras e o espírito que visam tais ou tais críticas claramente enunciadas. Eis porque nos parece essencial primeiro considerar longamente a *Coleção* em seu conjunto. Ela constitui um grande bloco que possui uma unidade original, não certamente de inspiração de um só autor, mas de uma posição em relação a uma dada época, de um testemunho notável sobre a vida médica e científica de um grande período da história<sup>66</sup>.

Nessa perspectiva, a abordagem do conjunto se fundamenta primeiramente na análise de dois tratados que pertencem ao núcleo mais antigo da *Coleção* e que nos

<sup>64</sup> Ver discussão ampliada com o exemplo de vários estudos em BOURGEY, L., 1953, cap. III, *Le problème d'Hippocrate*, p. 79.

<sup>65</sup> Cf. BOURGEY, L., 1953, p. 24.

<sup>66</sup> Ibid., p. 26-7.

oferecem critérios de articulação entre os textos apoiados em diferenças doutrinárias entre as escolas de Cós e Cnido, e diferenças teóricas com a chamada medicina filosófica<sup>67</sup>.

O primeiro tratado, escrito no final do séc. V a.C., pertence ao grupo de Cós: *Do Regime nas doenças agudas*<sup>68</sup>. A sua importância é para nós fundamental por ser o único lugar do *Corpus* onde podemos ler uma referência explícita a uma obra de vários autores do centro de Cnido, as *Sentenças Cnidianas*, já mencionada acima. Na abertura do tratado podemos ler uma crítica incisiva aos autores sobre a inconsistência dos tratamentos oferecidos pelos médicos de Cnido nos casos de doenças agudas, as mais perigosas na medicina e as que exigem maior precisão das prescrições. O médico de Cós ironiza o excesso de subdivisões descritivas dos sintomas, dificultando tanto a interpretação do quadro quanto a intervenção terapêutica. Assim, todos os aspectos da abordagem de Cnido descritos no texto e que sofrem as críticas de Cós, se constituem como um critério de distinção importante no interior do *Corpus*: de um lado, os tratados que se alinham com os procedimentos das *Sentenças Cnidianas* e de outro os que seguem as premissas defendidas pelo autor. Desse modo, os textos são classificados em dois grupos<sup>69</sup>, conforme o pertencimento a uma ou outra escola, que ao menos naquele momento possuíam claras diferenças doutrinárias, especificamente na forma de produzir conhecimentos. Tal distinção propiciou um aprofundamento dos estudos identificando relações mais específicas e profundas no interior de cada conjunto<sup>70</sup>.

O segundo texto no qual é possível identificar o segundo critério de distinção entre os tratados é *Da medicina antiga*<sup>71</sup>. O ponto diferenciador aqui é estabelecido com a polêmica direcionada a alguns médicos e sábios chamados “inovadores” por pretenderem inserir postulados filosóficos na medicina, simplificando excessivamente a explicação das causas das doenças. A riqueza do tratado está na exposição do teor dessas discussões. Ayache analisa que no séc. V a.C., o pensamento mais antigo jônico e as teorias filosóficas vinculadas à tradição desenvolvida nas cidades gregas do sul da

<sup>67</sup> A perspectiva sintética que organiza os textos da *Coleção* em três grandes grupos, Cós, Cnido e medicina filosófica, é admitida por BOURGEY, L., 1953, p. 43; JOUANNA, J., 1992, p. 98-105 e AYACHE, L., 1992, p. 18.

<sup>68</sup> HIPPOCRATE. Paris, Les Belles Lettres, 1970, vol. I.

<sup>69</sup> Ver a lista dos grupos de tratados classificados por escolas médicas em AYACHE, L., 1992, op. cit., p. 20.

<sup>70</sup> O estudo conjunto dos textos atribuídos a autores cnidianos possibilitou a observação de uma mudança ao longo do tempo na atitude excessiva de descrições de sintomas. Ver JOUANNA, J., 1974.

<sup>71</sup> HIPPOCRATE. *Da medicina antiga*. In: *Hippocrate – L’art de la Médecine*, JOUANNA, J., 1974, p. 74.



Itália, o pitagorismo, o eleatismo e a teoria de Empédocles, alimentaram uma atmosfera de debates e avanços do pensamento. As especulações a respeito da gênese do mundo e do homem, assim como a questão do movimento e das transformações da matéria, ocupavam as discussões. Ora, tais questões incidem diretamente sobre a prática médica, que toma posições a respeito de problemas semelhantes para compreender a gênese das doenças e suas transformações.

Em linhas gerais, segundo Ayache, pode-se admitir ou não a transformação dos elementos a partir de um que seja primordial, por trazer em si o princípio da mudança, ou seja, há uma passagem espontânea das qualidades em seu contrário. Essa concepção monista vincula-se ao pensamento jônico, e a medicina influenciada por essas ideias orienta suas condutas de uma determinada forma. Ao contrário, filosofias “inovadoras”, vindas do sul da Itália, não admitem a transformação dos elementos, pois eles não trazem em si um princípio imanente de movimento, e devido a essa posição, concebem um maior número de elementos que se mantêm irredutíveis entre si. Essas concepções também marcam a medicina, direcionando-a para posições pluralistas, por exemplo, na definição dos quatro humores que se mantêm como tais do início ao fim da vida.

Na interpretação de Thivel<sup>72</sup>, o *Corpus* é atravessado pelo debate do pensamento jônico com as filosofias itálicas e distingue dois modos de pensar fundamentais: aquele que admite a teoria dos contrários, onde tudo resulta de um equilíbrio dinâmico entre dois polos em tensão, e a posição a partir das semelhanças, onde os elementos se harmonizam sem tensões. Esse critério também possibilita uma classificação dos tratados segundo as teorias sustentadas em cada um, aproximando-os de uma ou outra das vertentes filosóficas. Ao analisarmos os tratados atribuídos à escola de Cós, segundo a distinção do primeiro critério fornecido em *Do Regime nas doenças agudas*, Hipócrates se aproximaria do pensamento jônico<sup>73</sup>, ao qual deveríamos atribuir a maior parte dos textos da *Coleção*, justamente pela admissão da teoria dos contrários.

### 2.3. O conhecimento médico: o método, o corpo e a noção de saúde e doença

Os laços conceituais entre os textos demonstram a pertinência do conjunto a um núcleo comum de conhecimentos. Embora existam muitas divergências internas sobre

---

<sup>72</sup> THIVEL, A. *Cnide et Cós? Essai sur les doctrines médicales dans la Collection hippocratique*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

<sup>73</sup> Cf. AYACHE, L., 1992, p. 20.

determinados assuntos, todas as teorias sobre as doenças apontam causas exclusivamente naturais, os registros individuais de observações clínicas testemunham a presença de um método nas atividades e os tratamentos se justificam por princípios semelhantes. Bourgey<sup>74</sup> comenta que “todos esses fatos indicam a presença de uma escola complexa e viva, onde devia se encarnar uma forte tradição médica, aquela que, segundo a história e a lenda, se manifesta da maneira mais eminente em Hipócrates de Cós”. Nessa mesma direção, e lembrando ainda as polêmicas no interior da *Coleção* a respeito das relações da medicina com a filosofia, Jouanna<sup>75</sup> afirma que “isso tudo não impede que um fundo comum de pensamento, uma certa unidade de atitude do médico diante do doente e da doença se mantenham. É o que poderíamos chamar de hipocratismo”. Quais seriam então as principais concepções que caracterizam essa tradição? Que elementos compõem o célebre método hipocrático transmitido por gerações? Nos limites desse estudo, faremos uma exposição geral do que julgamos essencial do conhecimento médico para nos acompanhar na leitura dos tratados.

#### *O método: observação e razão*

O aprimoramento da observação clínica ocupa um lugar privilegiado na obra hipocrática e caracteriza o método racional de pesquisa das causas naturais das doenças. Todos os procedimentos se desdobram a partir de uma atenção rigorosa dos fatos sobre os quais o pensamento deve operar. Um médico “deve ser um homem de observação e um homem de reflexão, sem admitir oposição ou separação dessas atitudes. O médico de Cós tem somente uma maneira de ser, mas o faz por dois esforços constantemente associados. É a experiência que desde o início chama a razão”<sup>76</sup>. As doutrinas concebidas de forma puramente teórica, segundo os médicos, fatalmente induzem a erros, pois são insatisfatórias e simplistas diante da complexidade do vivo e dos casos individuais<sup>77</sup>. Nesse sentido, a atividade da razão se apresenta como um tipo de instrumento suplementar que permite ao trabalho dos sentidos alcançar plenamente sua realização. Um bom exame clínico se faz através da visão, do toque, da escuta, do olfato e até mesmo do paladar, acompanhados sempre da inteligência. Devemos lembrar, no

---

<sup>74</sup> BOURGEY, L., 1953, p. 192.

<sup>75</sup> Cf. JOUANNA, J. 1953, p. 407.

<sup>76</sup> BOURGEY, L., 1953, op. cit., p. 193.

<sup>77</sup> A discussão contra os pressupostos filosóficos em medicina se encontra nos tratados *Da medicina antiga* e *Da natureza do homem* que serão examinados na segunda parte desse estudo.

entanto, que não havia um quadro pronto com descrições detalhadas e bem conhecidas de doenças que facilitasse o discernimento dos sinais<sup>78</sup>. Sobre esse fato Ayache assinala:

O médico é confrontado a cada vez com uma história inédita. Não há, propriamente falando, um diagnóstico em Hipócrates. Ele poderia até mesmo nomear uma afecção que tenha atingido um paciente, mas a história e a evolução do mal se mantinham indeterminados, pois cada doença conhecia múltiplas variações e poderia se metamorfosear, por metástases, em numerosas outras. O exame clínico visa menos identificar a doença do que reconstituir uma história singular e prever seus acontecimentos futuros<sup>79</sup>.

A reflexão nos permite distinguir as noções de diagnóstico e prognóstico. Se a primeira indica de forma mais específica um determinado estado de saúde atual, a segunda se refere à ideia de doença como um processo que se desenvolve no tempo e em vários níveis: acontecimentos passados determinam as manifestações presentes que, se forem bem captadas e compreendidas, aportam sinais dos acontecimentos futuros. Um bom prognóstico depende da habilidade de raciocínio aplicado sobre a observação clínica capaz de apreender relações não evidentes entre os dados. Além do aspecto técnico, uma dimensão ética acompanha a enunciação de um prognóstico, pois deve apontar as chances reais de cura ou sua impossibilidade, a duração da doença e o tratamento adequado. Do acerto dependia a credibilidade tanto do médico quanto do conhecimento que ele representa.

Se forem muitos os aspectos que concorrem no aparecimento e na direção de uma doença, a precisão das observações e a perspicácia dos raciocínios são de fato essenciais, pois os elementos observáveis em um exame não se restringiam ao corpo físico. Em uma passagem exemplar a respeito, o autor do tratado *Epidemias I* enumera um conjunto de sinais que deve orientar a atenção médica:

Nas doenças, aprendemos a extrair os sinais diagnósticos das seguintes considerações: da natureza humana em geral e da natureza de cada um em particular, da doença, do doente, das prescrições médicas; daquilo mesmo que foi prescrito, pois o melhor e o pior podem vir também disso; da constituição geral da atmosfera e das

<sup>78</sup> A questão nos remete à diferença metodológica entre os centros médicos quanto à questão do excesso de observações que multiplicava o número de doenças em Cnido, contra a aplicação mais frequente do raciocínio em Cós, que procurava reunir conjuntos de sinais em quadros mais definidos. O problema representa bem a questão metodológica enfrentada pela medicina daquele momento. Para um estudo amplo e geral sobre a classificação das doenças, ver GRMEK, M. *La Maladie all'alba della civiltà occidentale*. Bologna: Il Mulino, 1983.

<sup>79</sup> AYACHE, L., 1992, p. 91.

particularidades do céu e de cada lugar; dos hábitos, do regime alimentar, do gênero de vida, da idade de cada um; dos discursos e das maneiras de falar; dos silêncios, os pensamentos que ocupam o doente; do sono e da ausência de sono; dos sonhos, segundo o caráter que eles apresentam e o momento em que eles sobrevêm; dos movimentos das mãos; das aflições e das lágrimas; da natureza das pioras; das fezes e da urina; da expectoração; dos vômitos; de toda a sucessão de doenças observando quais cessam e quais retornam; dos depósitos que levam à perda do doente ou à solução da doença; dos suores; do resfriamento; dos arrepios; da tosse; dos espirros; dos soluços; das dificuldades respiratórias; dos arroto; das hemorragias; das hemorroidas. É a partir de todos esses sinais e de tudo o que é dado pela intermediação desses sinais que é necessário conduzir a observação<sup>80</sup>.

O programa é surpreendente e por meio dele vislumbramos uma concepção hipocrática sobre o homem, que possuiria uma natureza que lhe é particular, a dimensão própria da atividade médica, e participaria de uma natureza humana universal<sup>81</sup>. Observamos que não há uma ordem rigorosa de exposição dos elementos nem mesmo a indicação de qualquer hierarquia de valor: todas as manifestações devem ser igualmente consideradas. No entanto, a depender do domínio a que pertencem, identificamos naturezas diversas: desde os fenômenos mais densos que se revelam no corpo físico, passando pelas mutáveis disposições interiores<sup>82</sup>, até alcançar as características da natureza como um todo<sup>83</sup>.

O método preconizado pelo autor torna a tarefa extremamente complexa: um sintoma isolado não possui uma significação única. Ayache<sup>84</sup> comenta que um sinal de qualquer ordem somente adquire sentido ao estabelecer relações com outros sinais que se manifestem conjuntamente ou mesmo que tenham ocorrido anteriormente, definindo as configurações que oferecem contornos de um diagnóstico e permitem formular um prognóstico. Dessa forma, os sintomas podem ser tanto determinantes quanto

<sup>80</sup> CORPUS HIPPOCRATE. *Épidémies I*. Tradução. Littré, II, p. 669. Os sete tratados denominados *Epidemias* apresentam registros de casos bem detalhados, desde a identificação da pessoa e da doença, a localização e a causa, a descrição dos sintomas, as prescrições e o prognóstico. Esse conjunto de tratados é atribuído aos médicos de Cnido. Apud VITRAC, B. 1989, p. 79 e JOUANNA, J. 1992, p. 425-6.

<sup>81</sup> O autor não oferece mais elementos ao longo do tratado a respeito da relação entre as duas dimensões humanas evocadas. Bourgey considera que o fato se deve possivelmente à natureza filosófica e não médica da questão, apesar de citá-la nas considerações de um exame. Além disso, ele afirma que a passagem é esclarecedora para a questão do método de Hipócrates evocado por Platão no diálogo *Fedro*, já mencionado. A impossibilidade de se conhecer o corpo sem o conhecimento do todo adquire aqui uma significação mais precisa. Cf. BOURGEY, L., 1953., p. 262 e p. 196, nota 1.

<sup>82</sup> Para o discernimento das doenças deve-se ultrapassar o plano orgânico. As disposições interiores são mencionadas com frequência nos tratados hipocráticos. Ibid., p. 262-3.

<sup>83</sup> O tratado *Ares, águas, lugares* é consagrado inteiramente a esse assunto. A preocupação com as variações da natureza como uma fonte de observação da arte de curar representa bem a concepção médica a respeito da inserção do homem no cosmos. Ibid., p. 205.

<sup>84</sup> Ver discussão ampliada em AYACHE, L., 1992, p. 91-95.

determinados, na medida em que representam manifestações de partes de uma totalidade ameaçada em sua unidade, partes estas que podem convergir ou conflitar. O pensamento hipocrático se orienta por um princípio de totalidade na interpretação dos sinais: uma doença sempre é uma desarmonia global. Tal perspectiva é claramente afirmada no tratado *Lugares no homem*<sup>85</sup>: “A meu ver, nada no corpo é origem, tudo é igualmente origem e fim; com efeito, um círculo sendo traçado, a origem não pode ser encontrada. De todo modo, a origem das doenças está no todo do corpo”<sup>86</sup>.

### *O corpo: anatomia e fisiologia*

Os primeiros sinais corporais em um exame, em um primeiro momento, dizem respeito a tudo o que se evidencia em sua superfície. Dada a opacidade dos corpos, todos os que se alojam mais internamente necessitam da investigação dos outros sentidos, dos interrogatórios diretos com os doentes e de medicamentos específicos para fazê-los emergir<sup>87</sup>. Como não havia dissecação humana na época clássica nem qualquer prática ritual de embalsamamento que propiciasse uma experiência direta com o interior dos corpos, os médicos se utilizavam da observação das disseções animais, estabelecendo regras de correspondência com as estruturas próximas<sup>88</sup>. A anatomia interna se encontrava em um estágio rudimentar, pois, como já mencionado, somente na época helenística em Alexandria, com a permissão da dissecação humana, ela irá se impor fortemente gerando um enorme avanço nos conhecimentos. Uma exceção, no entanto, deve ser lembrada: nos tratados cirúrgicos, os ossos, o crânio e as articulações são muito bem descritos<sup>89</sup>, evidentemente, por meio dos tratamentos de fraturas e ferimentos de guerra.

O médico hipocrático não conhece um modelo natural universal de Homem: cada organismo tem qualquer coisa de singular. *Da medicina antiga* evoca milhares de configurações diferentes entre os homens; *Lugares no homem* e *Feridas da cabeça* admitem fortes variações individuais do esqueleto. Esse lugar e esse papel da anatomia

<sup>85</sup> HIPPOCRATE. *Des lieux dans l'homme*. Paris: Les Belles Lettres, vol.13, 2000.

<sup>86</sup> Apud DACHEZ, R., 2012, p. 119.

<sup>87</sup> A passagem do que é invisível nos corpos para o visível é conquista da arte médica como argumenta o autor do tratado *Da arte*, examinado na segunda parte.

<sup>88</sup> Uma passagem do tratado *Da doença sagrada*, também examinado na segunda parte, se tornou referência sobre esse aspecto, onde o autor se apoia no exemplo do cérebro de cabras para demonstrar o excesso de umidade cerebral nos casos de epilepsia.

<sup>89</sup> Na família de Hipócrates existia uma sólida tradição de conhecimento sobre os ossos, inclusive com um texto atribuído a seu pai. Cf. DACHEZ, R., 2012, op. cit., p. 113.

explicam o desacordo dos tratados, notadamente quanto ao número e o trajeto dos vasos<sup>90</sup>.

Sem um modelo anatômico universal, a fisiologia não é definida a partir das estruturas nas quais se desenvolve, ao contrário, as descrições anatômicas é que lhes servem de suporte. Ayache explica que esse aspecto se evidencia nas diferentes descrições de trajetos dos vasos que decorrem uns dos outros, realizando a comunicação de todas as partes do corpo, atividade essencial da fisiologia para dar conta de fenômenos patológicos e terapêuticos que ocorrem em pontos distantes. No *Corpus* há divergências quanto ao ponto de partida e chegada dos vasos e os órgãos que atravessam, variando geralmente em torno de três principais: a cabeça, o fígado e o coração. Do mesmo modo, a depender da tese fisiológica que pretendem demonstrar, há um desacordo sobre a local sede da inteligência que oscila entre o cérebro e o coração<sup>91</sup>.

Naquele período, não havia ainda uma concepção de órgão associado a uma função específica, mas sim a ideia de “partes do corpo” (*schêmata*) que se comunicam entre si sem nenhuma primazia, como o cérebro, o coração, o fígado, a bexiga e outras. Assim, o corpo se compõe por essas estruturas sólidas e as partes líquidas que se deslocam pelos vasos. O fato de as partes sólidas possuírem formas, tamanhos e texturas diferentes faz com que elas participem das causas de um adoecimento ao possibilitarem ou não o preenchimento, o acúmulo ou a absorção da parte líquida que recebe dos vasos. Por esses trajetos correm ininterruptamente todos os fluidos do organismo: água, liquor, sangue, bile, fleuma, além do próprio ar que se mistura a eles trazendo o *pneuma*, um tipo de força vital<sup>92</sup> que deve circular por todo o corpo sem obstruções.

### *Fisiologia*

A mais célebre concepção fisiológica dessa tradição é a teoria humoral<sup>93</sup>, forte referência nos estudos de medicina posteriores. Nela podemos reconhecer a influência de concepções filosóficas sobre os constituintes básicos da natureza, mais especificamente a teoria das quatro raízes, de Empédocles, e ideias pitagóricas, como veremos adiante. Os médicos, com sua experiência clínica concreta, formularam uma

---

<sup>90</sup> AYACHE, L., 1992, p. 77.

<sup>91</sup> Para um estudo aprofundado, ver DUMINIL, M. P. *Le sang, les vaisseaux, le coeur dans la Collection Hippocratique, anatomie et physiologie*. Paris, 1983 Apud JOUANNA, J., 1999, p. 23, nota 45.

<sup>92</sup> Sobre a teoria pneumática, ver DACHEZ, R., 2012, p. 114 e AYACHE, L., 1992, p. 23.

<sup>93</sup> Na *Coleção* a teoria é apresentada no tratado atribuído ao genro de Hipócrates, Pólibo, *Da natureza humana*, que será examinado na segunda parte desse estudo.

composição de secreções características do corpo, que se manifestam de forma semelhante nos diferentes corpos e em circunstâncias diversas ao longo do tempo: os chamados humores. Eles são observados especialmente nas alterações típicas das estações do ano, onde há predominância de uns sobre os outros, nos momentos agudos de várias doenças, nos ferimentos e, especialmente, no momento da morte quando ocorrem frequentemente escorrimentos dessas secreções.

Embora os contornos não sejam fixos, a formulação teórica<sup>94</sup> mais aceita que seguiu na transmissão considera que os humores (*khymos*) são quatro fluidos orgânicos verificáveis na circulação dos corpos humanos e também dos animais. Dachez<sup>95</sup> explica que o mais evidente é o sangue (*haîma*), quente e úmido, que aporta o calor ao coração; o mais antigo é a bile amarela (*cholè xanthè*), um líquido viscoso presente na vesícula, cujo excesso produz a cor amarelada na pele. A fleuma (*phlégma*), também chamada *pituíta*, de natureza fria e úmida é uma secreção clara e mucosa que se acreditava ser produzida pelo cérebro por aparecer nas fraturas cranianas e nos escorrimentos comuns pelas narinas nos casos de corizas. O quarto humor, já mais tardio, seria a bile negra (*cholè melanè*), chamado também como melancolia (*mélancholie*) e mais tarde *atrabile* (do latim *atra*, “negro”). De natureza fria e seca, seu significado é associado a pacientes prostrados e astênicos e seria produzida no baço, órgão que possuiria uma massa escura e pegajosa ao ser aberto em dissecções animais.

### *Concepção de saúde e doença*

Os quatro humores estabelecem uma tensão dinâmica interna característica para cada indivíduo. Do mesmo modo que os elementos e as qualidades do mundo, eles circulam, se acumulam, se misturam, se harmonizam, se separam, penetram, escorrem e mudam de consistência conforme as circunstâncias. A essa compreensão de uma dinâmica fisiológica dos fluidos orgânicos deve-se acrescentar a noção de equilíbrio e medida, ou seja, a justa proporção das qualidades do conjunto<sup>96</sup>. Não se trata de um

<sup>94</sup> O número de humores varia nos tratados, a divisão em quatro não é a regra na *Coleção*. A bile negra foi considerada uma variação da bile ou até mesmo como um estado patológico. A água, o liquor e o pneuma chegam a ser apontados com estatuto humoral. A dupla de humores que aparece com frequência nos tratados como explicação de doenças é aquela da bile e da fleuma, dois polos extremos de um arco contínuo do quente ao frio. Cf. AYACHE, L., 1992, p. 81-2.

<sup>95</sup> Para um estudo mais detalhado sobre os humores e sua história, ver DACHEZ, R., 2012, p. 115-9 e ARIKHA, N. *Gli Umori, sangue, flemma e bile*. Itália: Bompiani, 2009.

<sup>96</sup> A noção de medida e proporção da mistura reflete outra influência filosófica, nesse caso, do pitagórico Alcmeon de Crotona, que veremos a frente.

agregado de elementos, mas a uma mistura harmoniosa que compõe e qualifica um todo. Desde o nascimento de uma criança, normalmente a natureza conduz uma boa mistura de humores, uma boa crase (*krêsis*, “mistura”), condição que determina o estado saudável, embora sensível às oscilações. Um regime de vida inapropriado - noção grega que inclui comida, bebida, exercícios e banhos -, ou mudanças bruscas do clima das estações, podem levar à quebra da harmonia da composição, causando excessos, faltas ou mesmo o isolamento de um dos humores, instalando a chamada discrasia, condição favorável às doenças<sup>97</sup>.

As doenças nascem todas de uma fase mais ou menos silenciosa, durante a qual o corpo inteiro é afetado, e se diversificam em uma segunda fase, durante a qual o mal se separa da totalidade orgânica para se portar para um ou mais lugares do corpo<sup>98</sup>.

No vocabulário hipocrático uma doença é considerada como um ser vivo e desarmônico que se separa do todo e passa a se movimentar pelo corpo, suscitando reações de todo o conjunto, que tentará realizar uma reintegração ou uma expulsão.

Uma noção de individualidade é fortemente associada à questão da saúde por exigir uma contínua adaptação ao meio, que ocorrerá conforme a história, o regime e a mistura humoral particular, as chamadas idiosincrasias (do grego *idio*, “próprio”). Assim como não havia um modelo anatômico de homem universal, não encontramos no *Corpus* um modelo de saúde ideal que indique a composição humoral correta: o ideal é sempre a busca constante de equilíbrio. Na verdade, determinados humores podem até mesmo prevalecer um pouco em uma dada composição sem qualquer prejuízo da crase, ou seja, pessoas com tendências biliosas ou fleumáticas podem usufruir de boa saúde<sup>99</sup>. Como já mencionado, para o entendimento das causas de uma afecção, o raciocínio hipocrático opera sempre sobre as relações entre as partes e o todo. “O estado de saúde resulta de uma dupla dialética de acomodação e adaptação do indivíduo e dos elementos dos quais ele constitui o todo, e do indivíduo e do meio no qual ele é um elemento”<sup>100</sup>.

---

<sup>97</sup> Exceto os traumatismos, ferimentos e fraturas, uma doença sempre é uma consequência da perda da justa proporção entre os humores que aportam suas qualidades. Não havia, evidentemente, a noção de lesão ou alterações de tecidos por agentes patogênicos, fato que chegará somente com a revolução da anatomia clínica do séc. XIX que dominará toda a medicina. Cf. DACHEZ, R., 2012, p. 119.

<sup>98</sup> AYACHE, L., 1992, p. 89.

<sup>99</sup> Essa perspectiva será sistematizada por Galeno, que estabeleceu os temperamentos sanguíneo, fleumático, bilioso e melancólico, associados aos quatro elementos, qualidades e estações. Na *Coleção*, os temperamentos são citados em contextos específicos sem uma classificação exata, como no caso dos fleumáticos do tratado *Da doença sagrada*, examinado na segunda parte.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 82.



Nesse sentido, a noção de saúde deve ser compreendida como uma espécie de índice a respeito do grau de qualidade das relações que um homem estabelece nos diversos níveis em que participa. Assim, “a circularidade faz parte do paradigma hipocrático. Isso significa que, como num círculo, tudo é ligado a tudo e tudo circula no corpo: nada pode ser visto separado ou independente”<sup>101</sup>.

### *Noções básicas gerais*

Os médicos construíram suas hipóteses a partir de um campo de observações que revelou uma série de processos comuns em casos diversos, permitindo a definição de alguns conceitos e regras gerais. Jouanna comenta:

Para dar conta dos fenômenos internos que lhes escapava e da aparição da doença, os médicos hipocráticos forjaram sistemas explicativos coerentes, frequentemente por analogias com os fenômenos visíveis que eles observavam. A observação deixa o lugar então para a imaginação<sup>102</sup>.

As noções “imaginadas” extraem sua força do vínculo permanente e vivo com a experiência, o que também lhes define os limites. Bourgey comenta que, de fato, nos escritos hipocráticos não encontramos conceitos concebidos somente pela razão e as observações não são simplesmente justapostas, ao contrário, elas são associadas e interpretadas por meio de um certo número de noções fundamentais.

Mas as noções exprimem antes de tudo ideias da experiência e, longe de dar a seus pensamentos um valor absoluto, o médico de Cós tem a preocupação de indicar muitas vezes o caráter aproximativo e mesmo o aspecto relativo das ideias às quais faz apelo<sup>103</sup>.

Algumas noções fundamentais dessa tradição revelam princípios que podem ser reconhecidos ainda hoje, como cocção, crise, dias críticos, resíduos, metástases, paroxismo e recidiva<sup>104</sup>.

---

<sup>101</sup> AYACHE, L., 1992, p. 80.

<sup>102</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 23.

<sup>103</sup> BOURGEY, L., 1953, p. 237.

<sup>104</sup> Faremos uma breve exposição a respeito dessas noções como exemplificação do pensamento hipocrático dos processos fisiológicos por meio dos quais explicavam suas atividades. A análise aprofundada de cada uma delas com as indicações dos tratados nos quais elas aparecem se encontra em BOURGEY, L., 1953, p. 236-48.

A partir da analogia com os processos de cozimento dos alimentos por meio do calor, os médicos acreditavam que o mesmo ocorria com os líquidos orgânicos por meio do calor corporal presente no sangue e no coração. A recuperação da saúde dependia, em grande medida, da capacidade de um indivíduo em superar as discrasias e retomar a harmonia humoral. A chamada cocção seria o processo fisiológico responsável pela transformação dos humores por meio do calor, levando-os de volta a uma condição de equilíbrio anterior. Ela seria um movimento de regulação natural dos corpos que promoveria uma modificação lenta e contínua dos humores, eliminando todas as características anormais desencadeadas pelos adoecimentos.

A noção de crise<sup>105</sup> ocupa um lugar essencial no pensamento hipocrático, associada ao tempo da doença e aos processos de cocção.

O interessante dessa noção, e de outras vizinhas, é introduzir a duração, reintroduzir o tempo, aquele do crescimento, das modificações, da diversidade de interpretações, ligadas às evoluções na medicina. A noção de crise nasce de uma concepção de corpo, de doenças, do tempo, que nos é estranha; ela implica que nós saibamos dar à Antiguidade uma dimensão temporal. Quero dizer que temos uma tendência de comprimir o tempo, enquanto é necessário distendê-lo<sup>106</sup>.

Em um determinado momento da evolução de uma doença, na maioria dos casos, ocorre uma intensificação das manifestações sintomáticas, chamadas de paroxismos, que se impõem de forma decisiva, sugerindo uma piora fatal. Se uma crise ocorre de forma completa, ela tem o poder de reverter a afecção para uma direção favorável, sinalizando o avanço dos processos naturais de reequilíbrio. Em um menor número de casos, quando incompleta, pode indicar o fracasso da luta, apressando o processo da morte. Por esse motivo, o momento da crise é considerado como um “julgamento” da doença diante de todas as forças envolvidas, separando os humores mórbidos daqueles saudáveis, pois trata-se do tempo de decisão e resolução das turbulências geradas pela discrasia.

Se uma crise não se completa favoravelmente nem fracassa totalmente, o ideal é que ela deixe um depósito, um resíduo que reúna todo o produto da desarmonia dos humores e que se fixe em um local propício à sua eliminação, mais à superfície

---

<sup>105</sup> Em um estudo específico a respeito, Pigeaud aprofunda aspectos do pensamento hipocrático, especialmente a respeito da temporalidade no pensamento antigo. Ver PIGEAUD, J. *La Crise*. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2006. Ver também AYACHE, L., 1992, p. 88.

<sup>106</sup> PIGEAUD, J., 2006, p. 8.

corporal. Caso se acumulem em determinados pontos que viabilizem um deslocamento espontâneo pelo corpo, podem se alojar em uma outra região reinstalando a doença, às vezes com formas alteradas, definindo uma metástase. As crises, portanto, revelam as condições reais do paciente e definem os rumos de uma história clínica. Caso elas ocorram seguidamente com intervalos menores, por exemplo, demonstram a luta e as tentativas de recuperação do corpo e podem significar várias etapas de melhora. Além disso, é possível ocorrer também as chamadas recidivas, que comprovam a presença de um desequilíbrio ainda latente que volta a se manifestar, revelando ao médico a necessidade de novas intervenções.

Os dias críticos, última noção importante que gostaríamos de ressaltar, se refere também à observação dos movimentos de uma afecção e à temporalidade. Os médicos constataram que determinados sintomas ou mesmo a eclosão de crises se manifestam segundo um ritmo regular passível de ser apreendido, como no caso das febres que se intensificam a cada três, quatro ou sete dias, conforme autores diversos da *Coleção*.

Bourgey comenta:

Esse novo conceito é muito importante para os Antigos, pois o tempo, longe de ser indiferente ou secundário nas afecções mórbidas, possui um papel positivo claramente determinado, cujo conhecimento é essencial. Com efeito, não é em qualquer momento que se manifesta a crise, ela ocorre frequentemente conforme um ritmo de duração quase matemática, que se calcula a partir do dia preciso do início da doença; em muitos casos os médicos podem formular prognósticos sérios a partir disso<sup>107</sup>.

O conhecimento dos dias críticos, dos intervalos entre os acessos e do período esperado de uma crise aparece como um elemento chave na formulação dos prognósticos e no discernimento dos momentos oportunos das intervenções, que ficam potencializadas se estiverem de acordo com os ritmos próprios das afecções.

A terapêutica hipocrática<sup>108</sup>, além de interferir em todo o regime de vida do paciente de forma preventiva ou curativa, procura restabelecer a unidade ameaçada seguindo o famoso princípio dos contrários, ou seja, visa sempre se contrapor aos efeitos causados pelos excessos ou faltas humorais. Desse modo, deve atrair, repelir ou expulsar os líquidos orgânicos, promovendo purgações ou catarses por meio de

<sup>107</sup>BOURGEY, L., 1953, p. 239.

<sup>108</sup> Para uma análise sobre os diversos tipos de ação terapêutica e a natureza dos medicamentos, segundo os tratados específicos da *Coleção* que as descrevem, ver AYACHE, L., 1992, p. 96-102 e JOUANNA, J., 1999, p. 30.

medicamentos de origem mineral, animal e vegetal, principalmente, capazes de promover os movimentos necessários.

### 3. Noções de saúde em teorias filosóficas: o interesse pelos fenômenos biológicos

Se os escritos da *Coleção* começaram a ser redigidos a partir da segunda metade do séc. V a.C., desde o séc. VI a.C., os discursos filosóficos surgiam na costa jônica da Ásia Menor, na cidade de Mileto, e ao final desse mesmo século seguiram com Pitágoras e Xenófanos para as cidades gregas do sul da Itália onde teriam ensinado<sup>109</sup>. As primeiras indagações dos jônios procuravam respostas a respeito da origem do universo e seus movimentos, propondo cosmogonias e cosmologias, além de teorias explicativas sobre os princípios fundamentais da natureza como uma totalidade (*physis*), afirmando a existência de uma única substância material originária, fonte das transformações de todas as coisas<sup>110</sup>.

No entanto, eles não se desinteressavam pela sociedade dos homens dos quais retiravam as técnicas. Mesmo enquanto observavam a natureza e o céu e formulavam teorias sobre a natureza e a forma dos astros, eles não hesitavam em fazer apelo a comparações com objetos produzidos por técnicas humanas: as analogias com práticas técnicas familiares a seus leitores e auditores, parecem ter oferecido aos pré-socráticos uma fonte fecunda para dar a ver coisas que não se oferecem a olho nu - o funcionamento mesmo das coisas que compõem o universo. O interesse pelas técnicas não é somente teórico: atribui-se também aos pré-socráticos um interesse pela prática e inovação técnica, pelo desenvolvimento da medicina e, de uma forma geral, das técnicas que contribuem ao desenvolvimento humano. É do caráter central do saber fazer técnico na organização humana que seu pensamento testemunha.<sup>111</sup>

<sup>109</sup> KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 222.

<sup>110</sup> Os fragmentos e testemunhos conservados dos pensadores desse longo período estão reunidos na obra de Diels-Kranz. Ao discutir as muitas razões que o levam a criticar o título *Os pré-socráticos* dessa obra, Luc Brisson cita a não inclusão do *Corpus Hipocraticum* como um de seus argumentos para refletir sobre os critérios de escolha dos textos daquele período. DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlim: Weidmann, 1951-1952. Utilizaremos a tradução italiana de Giovanni Reale, *I Presocratici Prima Traduzione Integrata Con Testi Originali A Fronte Delle Testimonianze E Dei Frammenti Nella Raccolta Di Hermann Diels e Walther Kranz*, Bompiani, Il Pensiero Occidentale, 3ª edição, Milano, 2008. As notas das citações dos fragmentos e testemunhos seguirão o padrão: DK, seguida do número de cada autor, A e o número do testemunho e B se tratar de um fragmento. Ver BRISSON, L., JOURNÉE, G. Introduction à la lecture des présocratiques. In: BRISSON, L.; MACÉ, A.; THERME, A. L. *Lire les présocratiques*. Paris: PUF, 2012, p. 24-25

<sup>111</sup> CAMBIANO, G. *Les présocratiques et la technique*. In: BRISSON, L., MACÉ, A., THERME, A. L., *Lire les présocratiques*. Paris: PUF, 2012, p. 45.

“É sobretudo com a medicina que os pré-socráticos estabeleceram relações mais estreitas”<sup>112</sup>. Exceto a antiga tradição médica pitagórica que já se desenvolvia há tempos em Crotona, ao longo do séc. V a.C., os fenômenos biológicos passaram a ser considerados de forma mais intensa como um problema de pesquisa filosófica, tais como o estudo da anatomia interna de animais, dos órgãos sensoriais, das funções vitais, da formação e crescimento dos seres, até as manifestações propriamente humanas.

De todas essas questões, aquela que implicava em um maior número de problemas e que era debatida com maior ardor pelos médicos e pelos filósofos concernia à geração, que nós diríamos hoje, embriologia. A paixão pela embriologia, ao menos nos filósofos, se insere no contexto mais vasto de sua paixão pelas origens do homem e do universo, daquilo que eles chamavam, nessa época, de “pesquisa sobre a natureza”<sup>113</sup>.

A reflexão filosófica sobre essas questões<sup>114</sup> culminou em diversas teorias sobre a saúde e a doença, uma vez que a natureza (*physis*) do homem seria constituída pelos mesmos elementos do universo e regida pelas mesmas regularidades. Evidentemente, tais explicações de cunho filosófico diziam respeito a problemas centrais do domínio médico que, apesar de ainda estar muito impregnado pelas crenças mágico-religiosas, a família dos Asclepiádes avançava em seus conhecimentos e práticas, adquirindo crescente reconhecimento público. Assim, em torno de fenômenos de interesse comum, o encontro do pensamento filosófico com as concepções de uma atividade médica fundada na observação e experiência, gera um período fértil de reconhecimento e assimilação de teorias, cujos registros verificamos no *Corpus*. No entanto, certos pressupostos concebidos arbitrariamente pelos filósofos são estranhos à medicina, o que a levou a defender seus próprios princípios. O limite se estabeleceu tanto a partir das perspectivas metodológicas de ambas, quanto do objetivo final do conhecimento, evidentemente a cura para os hipocráticos. Devemos lembrar que naquele momento da cultura grega, diversos conhecimentos redigiam suas regras, afirmando e assumindo suas próprias configurações, fato demonstrado de forma exemplar nos documentos da *Coleção*.

Como já mencionado, um dos critérios adotados pelos estudiosos para uma classificação do conjunto dos textos reunidos no *Corpus*<sup>115</sup> se apoia na análise dos textos

---

<sup>112</sup> Ibid., p. 51.

<sup>113</sup> JOUANNA, J., 1992, p. 380.

<sup>114</sup> Jouanna faz uma interessante exposição do nível de conhecimento da época a respeito de cada um desses temas. Ibid., p. 380-98.

<sup>115</sup> Ver a análise exposta no cap. I, item 2.2.

onde os autores direcionam suas críticas aos discursos filosóficos, por meio dos quais é possível identificar as principais tendências por eles evocadas, permitindo uma organização em grupos a partir das premissas que defendem. Assim, foi ressaltado que o núcleo das polêmicas gira em torno das posições filosóficas a respeito da unicidade ou da pluralidade dos princípios da natureza, observados a partir dos fenômenos biológicos e fisiológicos.

Na segunda parte do estudo analisaremos os argumentos das duas posições de forma mais detalhada, especialmente com a exposição dos tratados *Da medicina antiga* e *Da natureza do homem*. No entanto, para os nossos objetivos, abordaremos brevemente algumas das formulações filosóficas relacionadas com a saúde humana que parecem ter sido assimiladas ou desenvolvidas pelo âmbito médico e que podemos reconhecer no corpo dos textos. Trata-se do pensamento de Alcmeão de Crotona, que teria nascido em torno de 535 a.C., Empédocles de Agrigento, que viveu no período de 492 a 432 a.C., e Diógenes de Apolônia, nascido em torno de 500 a.C.

### 3.1. Alcmeão de Crotona

O pitagórico Alcmeão pertencia ao círculo médico italiano e, segundo o testemunho de Écio, enunciou uma teoria sobre a saúde e a doença:

Alcmeão afirma que o mantenedor da saúde é a “igualdade de direitos” dos poderes, do úmido e do seco, do frio e do quente, do amargo e do doce, e dos restantes, ao passo que a “monarquia” de um deles é a causa da doença; é que a monarquia de qualquer deles é destrutiva. A enfermidade sobrevém diretamente por excesso de calor ou de frio, indiretamente por excesso ou carência de nutrição; e o seu centro é o sangue ou a medula ou o cérebro. Ela surge por vezes nesses centros a partir de causas externas, de certas umidades ou do ambiente ou da fadiga ou do constrangimento ou de causas similares. A saúde, por outro lado, é a mistura proporcionada das qualidades<sup>116</sup>.

A concepção se baseia na configuração de forças em termos políticos e estabelece uma noção de causalidade: a saúde é mantida por uma isonomia de poder entre as qualidades opostas que estão presentes no corpo e o fator doentio está na supremacia de uma sobre as outras. Ao acrescentarmos a essa primeira definição os problemas da alimentação e do ambiente natural como possíveis causas de enfermidades, somos

---

<sup>116</sup> DK 24 B 4.

remetidos diretamente à influência dessas ideias no pensamento hipocrático, notadamente nos tratados *Da medicina antiga* analisado neste estudo. Além de considerar o cérebro como o centro para onde convergem todos os desequilíbrios internos, além da medula e do sangue, Alcmeão foi o primeiro a reconhecê-lo como sede do pensamento, função anteriormente atribuída ao coração ou ao fígado. No tratado *Da doença sagrada*, considera-se a contribuição de Alcmeão quando o autor reafirma de forma contundente a posição do cérebro no corpo, como veremos adiante. Dada a ruptura com crenças antigas, suas teorias não foram aceitas imediatamente, sendo retomadas por Hipócrates, que possui o mérito de tê-las desenvolvido<sup>117</sup>. Sabe-se também que desenvolveu a prática de dissecação de animais, com descrições das principais vísceras, do sistema de vasos e de alguns órgãos dos sentidos, como a anatomia interna do ouvido, dos olhos e suas inervações, assim como os canais do olfato<sup>118</sup>. Segundo Aristóteles<sup>119</sup>, Alcmeão afirmava que a multiplicidade das coisas humanas pode ser reduzida a pares de contrários, embora não os tenha definido com precisão como fizeram os pitagóricos. Como vimos no fragmento, essa teoria foi aplicada por ele à fisiologia humana e está na base de sua noção de saúde, na medida em que a reação do corpo às forças de composição desses opostos elementares, como o quente e o frio, o seco e o úmido, o amargo e o doce, o cru e o cozido e outros, é a determinante da saúde.

### 3.2. Empédocles de Agrigento

O segundo testemunho se refere a uma doutrina central do filósofo siciliano Empédocles, citado nominalmente pelo autor do tratado *Da medicina antiga* em sua crítica aos discursos da filosofia sobre assuntos médicos. A despeito de sua suposta reputação de médico, causada por seus lendários poderes curativos, ele teria desenvolvido enorme interesse de estudos sobre os grandes temas biológicos e funções fisiológicas, como digestão, respiração, embriologia e sistemas de percepção.

Para algumas demarcações de seu pensamento, devemos assinalar que ele foi o primeiro a afirmar que a natureza se compõe e se transforma por meio da mistura e da separação contínua de quatro elementos materiais originários, irreduzíveis entre si e imutáveis, que ele denominou de “quatro raízes”. Empédocles estabeleceu uma ruptura

<sup>117</sup> Cf. DACHEZ, R., 2012, p. 80.

<sup>118</sup> DK 24 A 10, A 13-17 e B 4.

<sup>119</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica* I, 5, 986 a. Madrid: Gredos, 1998.

com a perspectiva jônica anterior, que admitia somente um elemento primordial, a partir do qual todas as coisas seriam derivadas por meio de diferenciações, uma vez que possui em si um princípio de movimento. As quatro raízes, - terra, água, fogo e ar -, estão submetidas ao poder de duas forças cósmicas opostas, agregadoras ou desagregadoras, que ele denominou *Philia*, traduzida como Amizade ou Amor, e *Néikos*, que seria a Discórdia ou o Ódio. Assim, os seres nascem quando se ocorre a reunião dos elementos gerada pela supremacia da Amizade, e morrem quando as raízes se separam ao vencer a Discórdia. Cada um é o resultado de uma mistura única e heterogênea, sempre uma unidade composta por quatro elementos primordiais e eternos. A vida que observamos transcorrer continuamente somente pode ocorrer em um estado intermediário de equilíbrio entre as forças, e assim os seres nascem, crescem, envelhecem e morrem de forma permanente. São os deslocamentos das raízes, imutáveis sob a ação das forças, que geram as mudanças. O homem pode observá-las na superfície do que aparece, mas, na verdade, nada morre nem nasce definitivamente, pois na grande ordenação das coisas da natureza, cada força predomina até o seu esgotamento, ao mesmo tempo em que cresce o poder oposto. A posição de Empédocles procura conciliar concepções contraditórias a respeito da mudança e da imutabilidade da natureza, e soluciona a questão admitindo mais elementos imutáveis submetidos às forças de atração e repulsão<sup>120</sup>.

Conforme o testemunho de Simplicio, Empédocles enuncia a sua doutrina em estilo poético:

Uma dupla história te vou contar: uma vez, elas (as raízes) cresceram para serem uma só a partir de muitas, de outra vez separaram-se de uma que eram, para serem muitas. Dupla é a formação das coisas mortais e dupla a sua destruição; pois uma é gerada e destruída pela junção de todas as coisas, a outra é criada e desaparece, quando uma vez mais as coisas se separam. E essas coisas nunca param de mudar continuamente, ora convergindo num todo graças ao Amor, ora separando-se de novo pela ação do ódio da Discórdia. Assim, tal como elas aprenderam a tornar-se uma só a partir de muitas, e de novo, quando uma se separa, geram muitas, assim elas nascem e sua vida não é estável; mas na medida em que jamais cessam o seu contínuo intercâmbio, assim existem sempre imutáveis no ciclo. [...]. Todas essas coisas são iguais e da mesma idade, mas cada uma tem uma diferente prerrogativa e cada uma o seu próprio caráter, e umas vezes uma, umas vezes outra, predomina no tempo. E sem elas nada mais nasce e nem cessa de existir. Como é que poderia, de fato, ser isso totalmente destruído, se nada está vazio delas? Porquanto só se elas

<sup>120</sup> Para estudo ampliado, ver KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2005, p. 301 e THERME, A. L., *Empédocle*. In: BRISSON, L.; MACÉ, A.; THERME, A. L., 2012, p. 167.



estivessem continuamente a perecer, não mais existiriam. E o que poderia aumentar esse todo? De onde poderia ter vindo? Não só essas é que existem, mas passando umas através das outras, tornam-se ora estas ora aquelas coisas sempre eternamente iguais<sup>121</sup>.

Dois elementos de sua cosmologia poderiam ser identificados na teoria fisiológica dos quatro humores, conforme exposta no tratado *Da natureza do homem*: o pressuposto da eternidade das raízes imutáveis e irredutíveis entre si e a contínua composição e decomposição de diferentes combinações das raízes em cada unidade que nasce e morre.

Na leitura do texto veremos que, ao apresentar a constituição do homem a partir dos quatro humores, o autor os define de forma muito semelhante ao descrever suas propriedades e prerrogativas e também quando afirma a eternidade das composições e dissoluções das misturas. A teoria humoral parte da admissão da posição pluralista sobre a natureza humana, em oposição ao princípio único, e se tornou a principal fonte de explicações sobre as causas da saúde e da doença.

Com a atenção crescente dos pensadores a respeito dos fenômenos biológicos, anteriormente voltada de maneira mais intensa à cosmologia, observa-se que na metade do séc. V a.C., já mais próximo do tempo de Sócrates, um contemporâneo de Hipócrates, ocorre uma mudança significativa de atitude dos filósofos em direção a uma perspectiva mais humanística. É a partir dessa análise que Kirk assinala:

Não há dúvida de que, a partir de Alcmeão e Empédocles, se usou a estrutura, mais facilmente determinável do corpo humano, como chave para a estrutura de todo o mundo. A assunção de um paralelismo entre os dois parece ter sido sustentada de algum modo por Anaxímenes, provavelmente como desenvolvimento da tendência em tratar o mundo exterior como uma pessoa, de o dotar de alma e o considerar como um organismo vivo<sup>122</sup>.

### 3.3. Diógenes de Apolônia

A filosofia de Anaxímenes é justamente a posição adotada pelo filósofo médico cretense Diógenes de Apolônia, contrário à doutrina de Empédocles. Para ele, não é possível conceber nenhum tipo de interação entre substâncias essencialmente distintas,

---

<sup>121</sup> DK31 A 17.

<sup>122</sup> KIRK et al., 2005, p. 476-7.

seja a geração, o crescimento ou as diferenciações de tudo aquilo que aparece no domínio da natureza. Segundo Simplício:

A minha opinião, em poucas palavras, é que todas as coisas existentes se diferenciam da mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente: pois se as coisas que existem presentemente nesse mundo – terra e água e ar e fogo e todas as demais que nele aparecem -, se alguma delas fosse diferente da outra (isto é, diferente na sua própria natureza), e não retivesse uma identidade essencial enquanto passa por um grande número de mudanças e diferenciações, não seria, de modo algum, possível que se misturassem umas com as outras, ou que uma ajudasse ou prejudicasse a outra, ou que uma planta crescesse da terra, ou que uma criatura viva, ou qualquer outra coisa nascesse, a menos que fossem compostas de forma a serem a mesma coisa. Mas todas essas coisas, sendo diferenciadas da mesma coisa, convertem-se, em épocas diferentes, em espécies diferentes e regressam à mesma coisa<sup>123</sup>.

Diógenes não aceita a teoria de múltiplos elementos em sua concepção de natureza e reafirma a tese da unicidade do princípio, iniciada com os jônios. Como Anaxímenes, considera o *ar* o elemento primordial, infinito e eterno, que por meio de processos de rarefação e condensação toma diferentes formas conforme modulações de calor, secura, movimento etc. Além disso, o princípio deve ser dotado de inteligência (*nous*), incorporando a concepção de Anaxágoras, demonstrando que a substância originária é reguladora dos movimentos e define as mudanças, ou seja, há uma ordem racional que organiza a medida de todas as partes, dirigindo-as sempre para o melhor, como demonstram as regularidades naturais. Diógenes desenvolveu também diversos estudos a respeito dos processos fisiológicos e biológicos e admitiu o princípio de que todo nascimento é mistura, e morte, separação, considerando apenas que os elementos de qualquer mistura são sempre de uma só espécie<sup>124</sup>.

Para ele, no essencial de sua doutrina, “o ar é deus, governa todas as coisas, tem poder sobre elas, é inerente a elas e a todas elas dispõe, é eterno e imortal”<sup>125</sup>. Essa visão cosmológica foi assimilada por alguns autores hipocráticos quando se referem *ao pneuma*; veiculado pelo ar, ele é uma espécie de força vital da natureza em sua totalidade. Ao circular pelo corpo juntamente com o sangue, deve alcançar o cérebro da forma mais pura possível para que os pensamentos tenham estabilidade<sup>126</sup>. Por ele ser o

<sup>123</sup> DK 64 B 2.

<sup>124</sup> Cf. KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2005, p. 462-4 e CASERTANO, G., 2011, p. 177.

<sup>125</sup> KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2005, p. 469.

<sup>126</sup> Essa teoria é exposta no tratado *Da doença sagrada*, que relaciona ar e pensamento. Ver na segunda parte.

agente mais potente da natureza, qualquer obstrução, excesso ou falta leva a estados doentios. O tratado *Dos ventos*<sup>127</sup> documenta a admissão dessa teoria cosmológica na medicina, alvo de críticas em *Da natureza do homem*. O autor desenvolve toda a sua argumentação a favor do monismo causal com argumentos que nos remetem à Anaxímenes e Diógenes de Apolônia. Os seres em geral e o homem são nutridos por três tipos de alimentos: comida, bebida e pneuma. Quando ele está em circulação no interior do corpo, se denomina *vento*, e no exterior, ar. Para os mortais, sendo ele o agente mais potente da natureza, qualquer obstrução, excesso ou falta cria as condições favoráveis às doenças. A respiração é o processo vital para todos os seres e uma atividade contínua de opostos: inspiração e expiração, plenitude e esvaziamento; a mesma coisa com os alimentos. Essa é a razão pela qual a teoria dos contrários deve orientar os tratamentos, pois na medicina tudo é subtração e adição. Os agentes mais ativos são os ventos, pois os outros elementos são causas concomitantes ou secundárias<sup>128</sup>. A doutrina de Diógenes se integrou como uma das fortes tendências teóricas no interior do *Corpus*. Como exemplo, deixamos a passagem onde o autor enuncia o princípio, com o estilo retórico característico do texto:

O ar é um soberano muito poderoso que rege tudo e sobre tudo. Vale a pena contemplar sua potência. O vento é um fluxo e um escoar de ar. Quando então o ar em grande quantidade provocar um fluxo potente, as árvores são arrancadas até a raiz devido à violência do sopro, o mar se enche de ondas, os navios de transporte de tamanho imenso são projetados em todos os sentidos. Tal é então a potência que ele detém nesses domínios. No entanto, ele é invisível para os olhos, mas é visível para a razão. Pois, qual ser poderia viver sem ele? Ou, de qual ser ele se ausenta? Ou, em qual ser ele não está conjuntamente presente? Pois todo espaço entre o céu e a terra é preenchido de pneuma<sup>129</sup>.

<sup>127</sup> HIPPOCRATE – *Des Vents – De l’Art*. Texto estabelecido e traduzido por Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

<sup>128</sup> Se o ar detém o poder sobre todas as coisas, os humores não são os agentes principais, mas concomitantes ou secundários, ou seja, a ideia que existem níveis diferentes com poder de causa. Essa noção não é desenvolvida no texto, mas indica uma elaboração diferenciada a respeito das causas naturais. A cosmologia na medicina parece estabelecer uma hierarquia de causas.

<sup>129</sup> HIPPOCRATE, (III, 2, 3), 1988, p. 106.

## CAPÍTULO II

### AS CAUSAS NATURAIS NOS TRATADOS

#### *Da doença sagrada, Da arte, Da medicina antiga e Da natureza humana*

#### 1. As noções de natureza e causa: φύσις (*physis*) e αἰτία (*aitia*)

A leitura dos textos necessitaria uma exposição anterior que lhe oferecesse elementos de orientação. Isso feito, consideramos necessário ainda um recurso à análise linguística para nos aproximar do campo semântico dos dois termos gregos utilizados nos escritos que veiculam as noções de natureza e causa, nosso fio reflexivo. A ideia de natureza, veiculada pelo termo em φύσις (*physis*) e a ideia de causa, pelo termo αἰτία (*aitia*), são noções vizinhas que adquiriram uma especificidade maior com as pesquisas médicas e filosóficas, uma vez que as duas áreas procuram por regularidades ou conexões em uma série de eventos da natureza. Embora não haja uma unanimidade sobre o sentido exato dos termos, os estudos nos permitem delinear um horizonte com os significados mais próximos para o nosso entendimento.

#### φύσις (*physis*)

Um conceito primordial do pensamento grego antigo reside no significado da palavra *physis*. O termo possui grande densidade filosófica e não há um equivalente nas línguas modernas que possua um campo semântico de igual abrangência. O mais antigo registro da palavra situa-se em torno do séc. VIII a.C. e ocorre na literatura<sup>130</sup>. Trata-se de uma passagem de Homero, no canto X da *Odisseia*, que narra um episódio vivido por Odisseu na ilha de Circe. Na cena, o deus Hermes lhe mostra um remédio que ele deve mastigar para que resista aos sortilégios de Circe, revelando-lhe a natureza e a forma particular de uma planta<sup>131</sup>. O uso do termo, em uma primeira concepção, ocorre a propósito do mundo vegetal e seus poderes, com a descrição da forma de uma planta e das propriedades que traz em si. Em Hesíodo não há registro da *physis* e a atmosfera dos poemas é essencialmente mitológica.

<sup>130</sup> Cf. MURACHCO, H. G. O conceito de *physis* em Homero, Heródoto e nos Pré-socráticos. *Revista Hypnos*, São Paulo, Educ - Palas Athena, v. 1, n. 2, p. 14, 1997.

<sup>131</sup> Cf. HOMERO, *Odisseia*, X, 280-300. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

No entanto, a encontramos em abundância nos textos de especulação filosófica dos sécs. VI e V a.C. nos discursos sobre os princípios fundamentais da *physis*. Lloyd<sup>132</sup> analisa que ao longo do desenvolvimento de um pensamento de tipo racional “foi explicitamente afirmada a ideia de uma natureza implicando um laço universal de causa e efeito”<sup>133</sup>. O homem percebeu que ocorre uma transferência de *algo* para *algo*, inerente à própria manifestação da *physis* como um todo, independente da ação divina e apreensível por sua razão. Na mesma perspectiva, Hadot<sup>134</sup> ressalta que é possível reconhecer de forma evidente uma abstração e generalização da palavra *physis* no uso filosófico. E sublinha que no século V a.C., antes de Platão e Aristóteles, especialmente com os sofistas e os textos do *Corpus*, verificava-se a consolidação do uso da palavra *physis* de uma forma absoluta, bem distante do significado inicial vinculado ao mundo vegetal. “*Physis* não será mais a forma de alguma coisa, mas designará o processo de formação ou o seu resultado, em geral tomado abstratamente.”<sup>135</sup>.

No contexto da saúde, o uso do termo realmente adquire contornos específicos. Ele corresponde muitas vezes àquilo que provém do nascimento, no sentido da própria constituição física de um paciente, e ao longo dos tratados ocorre uma ampliação passando a se referir aos “caracteres próprios de um ser, à sua maneira de ser primeira e original: o que ele é *de nascimento*, o que é congênito, ou ainda, a matéria de que é constituído um órgão, ou, enfim, ao organismo como resultado do crescimento”<sup>136</sup>. Encontramos diversas conotações a depender do contexto no qual o termo está inserido,

Mas, o que nos diz a análise linguística? A etimologia de *physis*<sup>137</sup> indica que é um nome decorrente do verbo grego φύω (*phyô*), infinitivo φύειν (*phyein*), e significa “produzir”, “fazer crescer”, “gerar”, “crescer”, “formar-se”. A ideia implícita nesses significados é a de que em tudo aquilo que surge, que nasce, que é gerado ou gera, está presente uma qualidade inata, um princípio em si que faz uma coisa ser o que é. O termo, por um lado, designa algo que tem em si mesmo a força do movimento pelo qual chega a ser o que é durante um crescimento ou desenvolvimento e, por outro lado, indica o próprio processo do emergir, do nascer, quando tal processo surja do ser mesmo que emerge e nasce. Os dois sentidos são complementares: no primeiro caso, *physis* pode ser

<sup>132</sup> LLOYD, G. E. R., *Magie, Raison et Expérience. Origines et développement de la science grecque*. Paris: Flammarion, 1990b.

<sup>133</sup> Ibid., p. 61.

<sup>134</sup> HADOT, P. *O véu de Ísis - Ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 36.

<sup>135</sup> Ibid., p. 39.

<sup>136</sup> Ibid.

<sup>137</sup> Cf. FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia. Verbetes Physis*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 2271.

identificada com a ideia de princípio (*arché*) - a substância fundamental, primária e permanente em tudo o que há - e no segundo, com a ideia de princípio de movimento. Podemos afirmar, em um sentido amplo, que a *physis* é uma atividade que inclui o fundo do qual procede a atividade e, por isso, muitas vezes é considerada como um manancial do qual emerge tudo o que é. A tradução mais aceitável e adotada habitualmente é *natureza*, uma palavra derivada do latim *natura*, nome que corresponde ao verbo *nascor* (infinitivo, nasci) e significa “o que surge”, “o que nasce”, “o que é gerado”, possuindo também certa propriedade inata à coisa da qual se fala e que a leva ser aquilo que é.

Loraux<sup>138</sup> considera que a tradução *natureza* para o termo grego sempre expressará algo de parcial, na medida em que, ao longo da história, diversos valores foram associados à palavra latina, resultando em permanente dificuldade de compreensão da acepção grega original, da qual não temos cognição direta. Afirma também que, como observadores do exterior, necessitamos de um salto do espírito para acessá-la e, para isso, precisamos da chave apropriada que somente um rigoroso trabalho filológico pode oferecer. Tal chave se encontra na proposta defendida por Benveniste: etimologicamente, no grego antigo, um nome que designa uma ação e seu resultado pode ser derivado de todo verbo pela junção do sufixo *-sis*. A partir dessa informação, fica evidente a impossibilidade de traduzir *physis* como *natureza*, porque o termo designa claramente “o ato completo de constituir-se”, “a realização (efetuada) de um devir”, “a natureza enquanto concretizada em todas as suas propriedades”.<sup>139</sup> A noção implica a ideia de um processo que associa e integra todos os momentos de um desenvolvimento, ao longo do qual determinada coisa aparece e desaparece.

A distinção entre os termos ganha contornos nítidos quando analisamos o significado de *natura*. Benveniste explica que toda palavra latina dotada do sufixo *-ura* indica “ação como uma atividade e uma situação própria ao sujeito, atividade e situação que representam um modo de ser”. O sentido nesse caso remete à “um modo de nascer”, “um modo de aparecer”<sup>140</sup> conforme sua natureza, enquanto *physis* designa o ato completo de um processo, para além de seu modo de surgir. Assim, a *physis* grega não é a *natura* latina. Na conclusão de sua análise sobre a diferença de significados, Loraux define o conceito nos seguintes termos:

<sup>138</sup> LORAUX, P. *L'invenzione della natura*. In SETTIS, S. *I greci. Storia Cultura Arte Società*, vol. 1. *Noi e i Greci*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1997, p. 321.

<sup>139</sup> BENVENISTE, E. *Noms d'agent et noms d'actions en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948, p. 78-79.

<sup>140</sup> Idem, p. 103.

A *physis* em sua potência sem limites, representava o processo soberano que geria a ordem do Todo. Sua invenção corresponde ao esforço de liberar completamente o reino das transformações naturais da tutela dos deuses. Eram eles, de fato, que vigiavam e puniam, que assistiam e conservavam, que distribuíam a vida e a morte: ora, ei-los agora privados dessas prerrogativas. Agora é a *physis* anônima, una e múltipla ao mesmo tempo, que lhes toma essas funções.<sup>141</sup>

Naddaf<sup>142</sup>, em seu estudo sobre a origem e evolução do conceito, sustenta uma posição alinhada com Loraux e Benveniste, e enfatiza o sentido de totalidade que o termo foi adquirindo ao longo do tempo. Para o autor, não devemos perder de vista que as explicações sobre a origem e o desenvolvimento dos homens e da sociedade devem forçosamente seguir aquelas que se aplicam ao mundo.

Quando examinamos o conteúdo das obras intituladas *Peri physis* (*Sobre a Natureza*) verificamos claramente seu principal objetivo: explicar como foi constituída a ordem atual das coisas através de diversas teorias sobre a origem e o desenvolvimento do mundo, dos humanos, da cidade e da sociedade, levando-nos à constatação que a palavra *physis*, usada no contexto dessas pesquisas, significa a origem e o crescimento do universo concebido como um todo, incluindo, evidentemente, a sociedade e os humanos que a constituem.<sup>143</sup>

Quando consideramos todas as composições do termo *physis* e dos verbos *phyo-* *phyomai* que lhe correspondem, observamos que no curso da Antiguidade conservaram o primeiro sentido de *crescer, estar em crescimento*, notadamente ligado à vegetação. O mundo vegetal seria, de fato, o originário, mas o significado do verbo foi se estendendo a ponto de assumir uma amplitude máxima. A pesquisa constata que *physis* designa todo processo de crescimento, desde o surgimento até sua desapareção.

Se na formulação de Loraux, citada acima, *physis* representa o processo soberano que gera a ordem do Todo, estão implícitas as ideias de regularidade e da existência de laços causais entre os fenômenos. Se o Todo é ordenado e passível de observação pela razão humana, é possível obter certa previsibilidade. Nessa mesma linha de interpretação, Lloyd<sup>144</sup> sublinha a íntima relação que existe entre os conceitos de natureza e causa, e afirma que o salto que distingue um pensamento não filosófico da elaboração propriamente filosófica foi o ato humano de percepção dessa conexão. A busca por

<sup>141</sup> LORAUX, 1997, p. 334.

<sup>142</sup> NADDAF, G. *Le concept de nature chez les présocratiques*. Ed. Klincksieck, 2008. Sobre suas referências e comentários sobre a análise linguística de Benveniste, ver p. 21-24.

<sup>143</sup> Idem, p. 9-10.

<sup>144</sup> LLOYD, 1990, p. 41.

regularidades e relações entre os eventos levou ao estabelecimento de parâmetros que permitiram reconhecer interferências de qualquer natureza sobre aquilo que seria habitual e previsível.

Assim, são colocadas à luz a relação e a diferença que existe entre a filosofia da natureza e o pensamento não filosófico. A relação é a noção de *physis*, que podemos dizer que é diretamente fundada sobre a experiência habitual das regularidades da natureza: em particular, inferir uma intervenção divina fundando-se sobre uma violação dessa regularidade pressupõe que temos dela uma concepção clara. Mas a ideia de que todos os fenômenos físicos têm uma causa natural, não é enunciada como regra universal – nem suposta, como parece – antes da aparição da filosofia.<sup>145</sup>

### **αἰτία (*aitia*)**

As narrativas míticas atribuíam os acontecimentos à vontade dos deuses, os soberanos artífices, sem propiciar a passagem de algo desconhecido para um conhecido, pois daquele modo apenas trocavam um desconhecido por outro. A partir dessa análise, Lloyd<sup>146</sup> exemplifica que, em termos humanos, podemos até mesmo imaginar os motivos de Poseidon para enviar um terremoto, mas isso não explicará *como* os terremotos se produzem. No pensamento mítico, nenhum desses termos seria reconhecido como um problema. Somente com os primeiros filósofos surgiram as pesquisas deliberadas a respeito de fenômenos naturais, procurando explicar o que são e o que causam os trovões, os raios e os eclipses. Na verdade, segundo ele, toda sociedade tem preocupações e indagações a respeito de quem ou o que estaria na origem de um ato ou acontecimento, e também a quem devemos imputar responsabilidade ou culpa por determinada ação.

Reconhecemos há muito tempo que, no desenvolvimento das concepções gregas de causalidade, uma boa parte da terminologia e algumas noções-chave tomam sua fonte na esfera do humano. Entre as palavras que terminaram por se aplicar à causalidade em geral, *aitia* e o adjetivo relacionado *aitios*, na origem, são principalmente utilizados na esfera do agente individual, onde *aitia* pode significar culpa ou culpabilidade.<sup>147</sup>

---

<sup>145</sup> LLOYD, 1990, p. 62.

<sup>146</sup> LLOYD, 1990, p. 64.

<sup>147</sup> LLOYD, 1990, p. 64.



De fato, em sua origem, o termo grego αἰτία pertence ao campo jurídico e significa *acusação, imputação*, segundo a análise de Ferrater Mora<sup>148</sup>. A tradução latina do termo jurídico *causa*, supostamente derivada do verbo *caveo*, oposto ao grego, ressalta a ideia de *defesa* ou significados próximos: *paro o golpe, tomo precauções contra alguém ou algo*. Se por um lado, no grego, *atribuo uma responsabilidade a alguém ou a algo*, no sentido latino, *ajo em defesa diante de um ato que vem em minha direção*. Nas duas acepções está presente o sentido característico da relação causal: *passar de algo a algo*, estabelecendo uma relação entre eles. O uso do termo no campo filosófico não se restringiu ao sentido jurídico, mas passou a designar uma noção mais ampla de “produção de algo de acordo com certa norma ou o acontecer algo segundo certa lei que rege todos os acontecimentos da mesma espécie, ou transmissão de propriedades de uma coisa à outra segundo certo princípio, ou todas estas coisas em um só tempo”<sup>149</sup>.

No estudo de Darbo-Peschanski<sup>150</sup> sobre a evolução e as conotações que o termo assume em determinados contextos, fica destacada a ambivalência de sentidos revelada pelo estudo semântico. A ideia de causa pode significar tanto uma atribuição positiva de responsabilidade a alguma coisa ou mesmo a um agente humano, quanto a determinação de uma culpa por uma ação propriamente humana. Devemos acrescentar uma outra conotação que está na raiz do termo, que amplia ainda mais o campo de sentidos ao apontar para o agente de atribuição dos valores, como *um dono que faz a distribuição dos bens* e decide a parte que cabe a cada um.

Diversas entidades fazem as divisões e criam uma ordem fundamental: o destino, os deuses, o *logos*, a *physis*, ou seja, qual seria afinal o interventor de tais distribuições? [...] Quem age? O quadro se complica quando o ente que preside a distribuição fica indeterminado: seria a sorte ou o destino?<sup>151</sup>

A vivacidade inerente a essas questões parece tocar o fundamento da polêmica a favor das causas naturais. *Da doença sagrada* exemplifica bem o sentido de acusação quando o autor se dirige àqueles que responsabilizam as divindades pelo envio de doenças devido aos erros humanos. Como dois campos privilegiados de elaboração conceitual, a filosofia e a medicina acabaram especializando o termo *aitia* no sentido de

<sup>148</sup> FERRATER MORA, 2001, p. 423.

<sup>149</sup> Ibid., p. 423.

<sup>150</sup> DARBO-PESCHANSKI, C. *Aitia*. In SETTIS, S. *I greci*, vol. 2. *Una storia greca, II. Definizione*, p. 1065-9.

<sup>151</sup> Ibid., p. 1068-9.

causa e não naquele de *culpa*, que se manteve no campo jurídico. Darbo-Peschanski sintetiza:

O conceito de causa torna-se então um quadro de reflexão sobre a responsabilidade, dado que qualquer acontecimento necessita de um responsável que tenha feito alguma coisa particular e que participa da concatenação determinística na qual o destino é um fator coadjuvante. A casuística da responsabilidade inserida na relação causa efeito solicita nessa corrente de pensamento um esforço de distinção entre diversas espécies de causas<sup>152</sup>.

Podemos seguir na leitura dos tratados. A noção de causa natural enfrentará a crença na etiologia divina, responderá aos ataques que atribuem, ao acaso, à responsabilidade das curas e entrará em polêmicas a respeito de seus próprios fundamentos.

## **2. Da doença sagrada e as causas divinas.**

### **2.1. As doenças são divinas e naturais.**

A expressão *doença sagrada* é antiga na cultura grega. Acreditava-se que as divindades seriam as responsáveis pelo aparecimento de enfermidades individuais ou mesmo coletivas, como formas de punição e purificação dos atos julgados sacrílegos. Tal origem sobrenatural conferia um caráter maravilhoso e assustador às chamadas *doenças sagradas*, sob as quais, debilitados por forças desconhecidas, os homens seriam radicalmente impotentes. Essas concepções se inserem em um tipo de pensamento mítico e religioso no qual os acontecimentos humanos se ordenam ao redor de um centro gerador de sentidos e valores identificado com instâncias divinas. No relato mítico do poeta Hesíodo<sup>153</sup>, ouvimos sobre um tempo em que o coração dos homens vivia livre de preocupações, ao abrigo de doenças dolorosas e flagelos, antes que Pandora, em um ato sacrílego, abrisse o jarro no qual Zeus havia guardado todos os males. As doenças, entre outras tristezas, se dispersaram pela terra como criaturas imprevisíveis e silenciosas, pois a sábia divindade lhes havia recusado a palavra. E assim passaram a errar por entre os homens causando dores e sofrimentos aos mortais.

---

<sup>152</sup> Ibid., p. 1080.

<sup>153</sup> HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, v. 90-116. In: VITRAC, B., *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, VIII, 1989, p. 69-71.

Os textos médicos mais antigos<sup>154</sup>, anteriores à cultura grega, documentam amplamente o vínculo profundo entre as doenças humanas e a participação divina, seja no envio, seja nas esperanças de cura. Possivelmente devido a um caráter excepcional e pouco frequente, algumas enfermidades se destacavam como mais sagradas do que outras, como por exemplo, a lepra, a epilepsia e a peste – palavra que designa toda espécie de epidemia que poderia atingir uma população a depender dos atos de seus governantes. No entanto, a cegueira, incontestavelmente, é a doença individual mais frequente nos relatos<sup>155</sup>, caso de muitos adivinhos que recebiam o dom da clarividência como uma forma de compensação após a perda da visão física. Em um mundo onde a fonte de explicação da vida humana é profundamente enraizada no convívio com a dimensão sagrada, a concepção de doença adquire um caráter objetivo<sup>156</sup>, na medida em que ela é percebida como uma *criatura silenciosa*, proveniente *de fora* dos homens, uma mensageira divina que impõe sofrimentos disciplinares, que carrega um sinal da morte ou oferece uma oportunidade de redenção. Nesse sentido, a responsabilidade humana sobre sua saúde fica vinculada de forma essencial às questões de ordem moral, uma vez que um adoecimento vem acompanhado de forma imediata com as noções de culpa e impureza, demandando rituais e sacrifícios expiatórios, os únicos capazes de apaziguar os laços com as divindades.

O tratado *Da doença sagrada* combate fortemente essa concepção. Considerado um dos mais famosos do *Corpus*, foi escrito provavelmente na segunda metade do séc. V a.C. Além da referência e repúdio a uma categoria de magos e curadores de vários tipos, apresenta uma explicação racional da origem e tratamento de uma patologia tradicionalmente considerada sagrada, a epilepsia, na qual o cérebro ocupa um papel essencial. Pigeaud<sup>157</sup> esclarece que a palavra epilepsia (*epilêpsiê*) não se refere ainda a uma entidade clínica estabelecida, embora esteja presente no texto, mas sim à ideia de que é uma doença que apreende bruscamente os sentidos e o espírito de forma simultânea. No mesmo sentido, Jouanna<sup>158</sup> aponta que a palavra designa “ataque” ou “acesso” de uma doença, qualquer que ela seja. Nesses casos, o importante é ressaltar que, de qualquer modo, ocorre um espetáculo impactante como uma crise convulsiva ou

<sup>154</sup> Cf. GRMECK, M. D. *Les maladies à l'aube de la civilization occidentale*. Paris: Payot, 1983, p. 237.

<sup>155</sup> Para discussão ampla e exemplos, ver *L'etiologie divine dans l'antiquité classique*. In: BYL, S., 2011, p. 33.

<sup>156</sup> Cf. VITRAC, B., 1989, p. 69.

<sup>157</sup> Cf. PIGEAUD, J. *Folie et cures de la folie. Chez les medecins de l'antiquité gréco-romaine. La Manie. L'Âne D'Or*. Paris: Les Belles Lettres, 2010, p. 48.

<sup>158</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 286.

mesmo perda do controle consciente, passível de ser interpretada como uma possessão. Grmeck<sup>159</sup> afirma que as descrições clínicas do tratado “não deixam nenhuma dúvida sobre o bem fundamentado diagnóstico retrospectivo da doença dita sagrada: a epilepsia generalizada, mais precisamente, a crise do grande mal, constitui a parte central desse conjunto semiótico”.

Vejamos a abertura do texto:

Eis aqui o que é a doença dita sagrada. Ela não me parece ter nada de mais divino nem de mais sagrado do que outras doenças, mas, do mesmo modo que todas as outras tem uma origem e uma causa natural que a faz desenvolver-se. Os homens, no entanto, creem que ela é uma obra divina devido à sua incompetência e espanto diante de uma doença que não lhes parece em nada semelhante às outras. Ora, enquanto eles são incapazes de conhecê-la, seu caráter divino permanece. (§1)<sup>160</sup>

O autor hipocrático<sup>161</sup> afirma sua posição contrária à crença tradicional na origem divina da doença sagrada. Por um lado, considera essa tradição um fruto da incompetência dos homens vinculada ao espanto diante de suas manifestações, e por outro lado, além do quadro específico que irá examinar, afirma que as causas de todas as doenças são naturais e acessíveis ao conhecimento humano. A primeira parte do tratado é consagrada a esse debate, considerado “capital na história das ideias por se tratar do primeiro testemunho conservado onde a medicina racional se opõe à medicina mágico-religiosa em uma controvérsia lúcida e apaixonada”<sup>162</sup>. A extensa exposição crítica a respeito dos diversos argumentos da etiologia divina constituiu-se historicamente como um valioso documento representativo desse tipo de atividades.

O caráter espantoso e terrível das crises é o primeiro e mais forte argumento da atribuição de causa divina a uma doença. Para aqueles que testemunham tal cena, a experiência é impactante e assustadora por serem surpreendidos com sinais como perda da fala, espuma saindo da boca, dentes cerrados, olhos que divergem, fraqueza das mãos e movimentos bruscos das pernas, como *coices no ar*<sup>163</sup>. Tanto perder a consciência

<sup>159</sup> GRMECK, M., 1983, p. 70.

<sup>160</sup> *Da doença Sagrada*, §1. As citações serão indicadas pelo número dos parágrafos dos tratados, cujas traduções foram incorporadas como material de apoio em Anexo e realizadas a partir da edição francesa de J. Jouanna.

<sup>161</sup> Adotaremos o termo genérico *autor* ao nos referirmos ao conteúdo dos textos analisados, devido a não definição da autoria dos tratados médicos.

<sup>162</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 145.

<sup>163</sup> Expressão do autor hipocrático, que irá explicar esses e outros sintomas de uma crise a partir de causas naturais e a partir dos conhecimentos da arte médica. Ver em *Da doença sagrada*, (§7), em Anexo.

quanto movimentos descontrolados são eventos facilmente associados às forças divinas ou demoníacas. Na refutação desse argumento tradicional, o médico hipocrático desenvolve uma ampla exposição comparativa entre doenças, especialmente as febres e os delírios, nas quais também ocorre uma expressão de sintomas assustadores, sem a necessidade de evocar uma intervenção divina.

Por um lado, as febres cotidianas, as febres terçãs e as febres quartãs não me parecem em nada menos sagradas nem menos provocadas por um deus do que esta doença; porém, diante dessas febres os homens decerto não sentem espanto. Por outro lado, vejo pessoas enlouquecerem e delirarem sem nenhuma causa aparente, realizando atos fora de propósito, e sei que mesmo no sono as pessoas gemem e gritam, alguns sufocam, outros se levantam em sobressalto, fogem para fora e deliram até o despertar e depois reencontram a saúde e a razão anterior, exceto aqueles que ficam pálidos e sem força; tudo isso não é tão excepcional, mas frequente. (§1)

Todo o raciocínio se apoia na descrição minuciosa de comportamentos e sofrimentos corporais procurando demonstrar que o critério indicado não poderia ser verdadeiro apenas em alguns casos, levando à conclusão que os modos de manifestação das doenças não têm poder para decidir uma etiologia divina.

Os casos descritos no exame comparativo nos oferecem uma oportunidade de sublinhar uma distinção que será importante para as discussões médicas posteriores. Pigeaud<sup>164</sup> ressalta que, especialmente nessas passagens, além dos quadros febris que podem gerar episódios delirantes, temos a descrição de uma série de manifestações aberrantes relacionadas a comportamentos inexplicáveis, como delírios, perda e reencontro da razão, gritos e sobressaltos, que modernamente poderíamos considerar da ordem das doenças mentais, em oposição às doenças da ordem física. Evidentemente, no tratado não há qualquer distinção ou indicação desse tipo, na medida em que a noção hipocrática de doença, ao menos naquele momento de refutação à etiologia divina, não sugeria a existência de causas de outra ordem além das físicas. Para o autor do texto, a mesma causalidade física natural poderia explicar todos esses problemas, tanto a epilepsia quanto os delírios, ambas com tipos de manifestações de causar espanto.

No entanto, consideramos importante ressaltar que *Da doença sagrada* possui uma concepção dos estados delirantes ou perda e reencontro da razão, especificamente, como formas de sofrimento que possuem uma causa de ordem natural, longe de

---

<sup>164</sup> Cf. PIGEAUD, J., 2010, p. 54.

qualquer tipo de intervenção sobrenatural. E o responsável por tais distúrbios é um órgão central, o cérebro, como veremos mais à frente.

## 2.2. A crítica à magia e a defesa do divino.

Em passagens que se tornaram célebres, o autor desenvolve um veemente repúdio a uma categoria de curadores que considera como os primeiros<sup>165</sup> a alimentar a crença na etiologia divina, por almejarem vantagens e lucros pessoais. Trata-se de um registro importante na literatura médica sobre a fronteira fortemente estabelecida entre os tratamentos hipocráticos e as práticas mágicas de cura, radicalmente divergentes em seus fundamentos.

A meu ver, aqueles que, os primeiros, atribuíram um caráter sagrado a esta doença eram pessoas comparáveis a esses que ainda hoje são magos, purificadores, sacerdotes, mendicantes e charlatães, todas as pessoas que se dizem fortes piedosas detentoras de um saber superior. Essas pessoas, então, se revestem do divino para esconder sua incapacidade de possuir o que seria útil para prescrever, com medo que surja em um grande dia sua total ignorância, valorizando a crença que esta doença é sagrada, e reunindo a isso explicações apropriadas, estabeleceram um modo de tratamento que visa sua própria segurança, prescrevendo purificações e encantamentos e ordenando a abstenção de banhos e de um grande número de alimentos que são efetivamente inapropriados às pessoas [...]. (§1)

“Tais são as palavras e as tramas pelas quais eles fingem deter um saber superior e enganam as pessoas”<sup>166</sup> como se fossem intermediários privilegiados. O tratado examina diversos aspectos dos tratamentos propostos por esses curadores, evidenciando a fragilidade do tipo de raciocínio no qual se apoiam e o consequente caráter enganoso das promessas. O absurdo de várias interdições supersticiosas é denunciado como, por exemplo, não se vestir de preto por ser considerado um sinal de morte e não colocar um pé sobre o outro ou uma mão sobre a outra para evitar impedimentos. Além disso, orientam as pessoas doentes para não se deitarem sobre pele de cabra nem a colocar sobre si. Essa prescrição é vivamente refutada a partir do exemplo dos habitantes da Líbia, que não teriam boa saúde se isso dependesse do uso da pele de cabra<sup>167</sup>, muito

<sup>165</sup> Um aspecto importante do pensamento do chamado século das descobertas, que caracteriza o séc.V a.C., é a pesquisa pelo “primeiro inventor” tanto das artes quanto de concepções religiosas. Na medicina, no tratado *Da medicina antiga*, encontramos uma arqueologia da arte médica. Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 287, nota 7.

<sup>166</sup> *Da doença sagrada* (§1), em Anexo.

<sup>167</sup> A cabra é um animal frequentemente atingido por epilepsia como lemos em *Da doença sagrada* (§11), cujo estado do cérebro serve de comparação com o homem, pois, ao ser aberto, verifica-se uma

utilizada na região para vestir, calçar ou cobrir, por possuírem grande rebanho. Quanto às interdições alimentares associadas a motivos religiosos, o autor reconhece certa habilidade em seus adversários pelo acerto de algumas restrições como, por exemplo, o perigo efetivo de algumas carnes, peixes e certos legumes, conhecimento já do domínio médico sem a necessidade de qualquer ritual purificador. Nesses casos, conclui o autor, tudo se passa claramente no âmbito humano.

Todas essas prescrições são justificadas por eles pelo caráter divino (do mal), como se tivessem um saber superior e reunissem outras causas, a fim de que, se o doente se curasse, a glória e a reputação de sua habilidade lhes retornariam, e se o doente morresse, sua defesa seria estabelecida com toda a segurança e eles disporiam do pretexto de que eles não são os responsáveis pessoalmente, mas sim, os deuses. (§1)

Ao se ocultarem atrás do divino, outras causas permanecem inacessíveis ao conhecimento, sejam explicações inseridas nas próprias interdições, sejam elementos já descobertos pelo domínio médico. É dessa maneira enganosa que os purificadores ficam resguardados em sua posição, independentes dos resultados. Na verdade, diz o autor, pressionados por seus próprios interesses, acabam multiplicando os *artifícios e floreios*, alcançando um detalhamento absurdo a respeito da responsabilidade divina. Por exemplo, chegam a considerar que diferentes deuses são os responsáveis pela doença sagrada conforme os diversos tipos de sons que um doente pode emitir durante uma crise:

Se o doente imita (o balido) da cabra, se ruge ou se tem convulsões do lado direito, dizem que a mãe dos deuses é a causa disso; se ele emite sons mais agudos e estridentes, eles comparam a um cavalo e dizem que Poseidon diz respeito a isso; mas se, em outro, ele deixa excrementos – o que acontece frequentemente aos doentes sob a violência do mal –, é o nome da deusa protetora das estradas que se aplica a este caso. Se ele emite sons mais frequentes e mais finos como os pássaros, é Apolo Pastoral. Se ele expele espuma pela boca e lança coices, é Ares que leva a responsabilidade. No caso onde, à noite, sobrevêm os temores, terrores, perturbações do espírito, sobressaltos e fugas, eles dizem que são assaltos de Hécate e irrupções de heróis. (§1)

---

quantidade de líquidos ao redor, servindo de confirmação da teoria médica, no sentido de que não é a divindade que danifica o corpo, mas a própria doença.

O caráter revoltante de tais concepções e práticas fundamenta a posição do autor em defesa da verdadeira religião. Assim, desenvolve um argumento de acusação de falsidade do caráter religioso que os curadores atribuem às suas promessas mágicas. Declara-os ímpios e sacrílegos ao pretenderem representar divindades, acrescentando outro raciocínio de oposição à hipótese da causalidade divina: se essas pessoas, de fato, detivessem o poder de afastar uma doença por meio de purificações e encantamentos, o que as impediria de atraí-la apoiados em artifícios semelhantes?

Pois se um homem, pela magia e sacrifício, pode fazer descer a lua, desaparecer o sol e produzir trovoada e mal tempo, eu não posso mais acreditar, a meu ver, que nenhuma dessas operações seja divina, mas da ordem do humano, se verdadeiramente o poder do divino é vencido pela inteligência de um homem e Ihe é subjugado. (§1)

A esse respeito, Vitrac<sup>168</sup> comenta que o “autor hipocrático, de modo totalmente retórico, aplica aos curadores o argumento de ambivalência que o pensamento antigo concedia à divindade: a mesma potência pode punir e curar”. Pigeaud<sup>169</sup> explica que inocentar o divino do mal também preocupou a antiguidade grega, lembrando que “o pensamento trágico é justamente aquele que contempla o escândalo de um deus que age fora de toda medida; de um deus que é também origem do mal, que pratica o caprichoso desenho da reversibilidade das penas e da salvação dos inocentes”. É com esse espírito que o discurso da medicina racional defendido em *Da doença sagrada* visa salvar o divino da ideia de mal, separando-o daqueles que classifica de sacrílegos e preservando-o nos cultos oficiais dos templos. O poder divino não pode ser vencido pela ignorância do homem que pretende realizar prodígios de cura por meio de rituais mágicos de purificação.

Eles purificam, com efeito, aqueles que estão presos à doença com o sangue e outras coisas semelhantes, como se tratasse de pessoas portadoras de uma sujeira ou perseguidas por um demônio vingador, ou vítimas de feitiços ou autores de um ato sacrílego. Porém, a esses doentes, é o tratamento contrário que eles deveriam aplicar: sacrificar e rezar, levá-los ao santuário para suplicar aos deuses. Na realidade eles não fazem nada disso, eles purificam. Quanto aos objetos purificatórios, ora eles escondem na terra, ora eles jogam no mar, ora eles levam a lugares afastados nas montanhas, lá onde ninguém poderia lhes tocar nem pisar. Ora, esses objetos deveriam ser levados aos santuários para serem depositados em oferenda à divindade, se é verdadeiramente a divindade a responsável. (§1)

<sup>168</sup> VITRAC, B., 1989, p. 91.

<sup>169</sup> Cf. PIGEAUD, J., 2010, p. 50.



Se os curadores fossem de fato religiosos, seus rituais seriam celebrados somente nos limites do templo. A racionalidade médica hipocrática não vem acompanhada de ateísmo: ela faz uma forte oposição à magia, mas não à religião. Ao contrário, além de não excluir o recurso às divindades, enaltece seus domínios:

No entanto, não considero, a meu ver, que o corpo do homem possa ser manchado pela divindade, o que há de mais perecível pelo que há de mais puro; mas mesmo se acontecesse ao corpo humano ter sido manchado ou ter sofrido qualquer dano sob o efeito de outra coisa, estimo que seria purificado e santificado pela divindade, muito mais do que manchado por ela. De todo modo, no caso das faltas mais graves e mais ímpias é o divino que as purifica e santifica, o qual é para nós a substância que limpa. (§1)

Quem detém o verdadeiro poder purificador, portanto, é a divindade e ela não tem a menor responsabilidade pelos danos, oposição firme à tradição da doença sagrada. Lloyd<sup>170</sup> avança a reflexão sobre a questão analisando que, se para o autor a ideia de natureza implica uma regularidade de causas e efeitos, as doenças, como tudo o que é natural, sempre ocorrem a partir de causas determinadas e determináveis. Nenhuma enfermidade poderia resultar de uma intervenção divina nem mesmo estar sujeita à sua influência, pois a regularidade natural detém a força das causas, disponíveis ao conhecimento humano.

É interessante notar, no entanto, que em *Da doença sagrada* o autor não exclui todo recurso à noção de “divino”. De fato, ele não pensa que nenhuma doença é divina, mas que todas o são: todas são divinas e todas são naturais. Para ele a natureza inteira é divina, mas essa ideia não implica e nem autoriza exceções à regra que diz que os efeitos naturais são o resultado de causas naturais. A partir daí a situação adquire certas características de mudança de paradigma: o autor e seus adversários estão em completo desacordo sobre a natureza da explicação para dar conta da doença sagrada, quer dizer, sobre o que, para esse fenômeno e para outros, terá valor de explicação ou de causa<sup>171</sup>.

Ao final, o desacordo radical entre médicos e curadores quanto ao tipo de causa de uma doença, altera profundamente a forma de conceber as interações entre os domínios divino e natural. Sem implicar em rupturas, o avanço do conhecimento humano sobre os fenômenos da natureza propicia uma ampliação de seu poder e campo de

---

<sup>170</sup> LLOYD, G. E. R. 1990b, p. 41.

<sup>171</sup> Ibid.

atuação e, concomitantemente, afasta o horizonte da participação divina. Dessa forma, os dois âmbitos seguem preservados e nitidamente distintos em seus modos de participação nos estados de saúde. Vitrac<sup>172</sup> concorda que o autor hipocrático não é um ateu, e acrescenta que sua proposta demonstra uma visão crítica quanto à representação tradicional dessas relações, aproximando-o das considerações dos primeiros filósofos, no sentido de haver um deslocamento de posições a partir da ampliação do campo da razão humana.

Tendo estabelecido as fronteiras, chega o momento das explicações propriamente médicas da doença sagrada.

### **2.3. A causa natural da epilepsia: a hereditariedade, o cérebro e a fleuma.**

Primeiramente, a exposição da teoria sobre as causas da epilepsia retoma a afirmação de que ela não possui nada mais divino do que as outras e anuncia que ela é curável, exceto nos casos de longo tempo, por terem adquirido um vigor maior do que os remédios. O primeiro elemento explicativo provém da observação das características das pessoas atingidas: são aquelas que possuem uma natureza fleumática<sup>173</sup> e nunca biliosa. Para o autor, a predominância da fleuma não é uma decisão divina, mas uma qualidade presente desde o nascimento.

Seu ponto de partida, como para as outras doenças, é a hereditariedade. Pois se de um fleumático nasce um fleumático, e de um bilioso nasce um bilioso, de um tísico um tísico e de um esplênico um esplênico, o que é que impede que no caso onde o pai ou a mãe foram atingidos por esta doença, um de seus filhos não o seja também? Pois a semente vem de todas as partes do corpo, saudável de partes saudáveis e doente de partes doentes. Eis aqui outra grande prova que a doença não é em nada mais divina que as outras: ela se produz em pessoas que são fleumáticas por natureza, mas ela não atrai os biliosos. Portanto, se essa doença é mais divina que as outras, ela deveria se produzir em todos da mesma maneira sem fazer distinção entre um bilioso e um fleumático. (§2)

---

<sup>172</sup> VITRAC, B., 1989, p. 91.

<sup>173</sup> Como mencionamos no cap. I, item 2.3, a fisiologia hipocrática se apoia em um sistema de humores proveniente da observação dos diversos líquidos produzidos pelo corpo e que devem fluir de forma equilibrada nos estados de saúde. A fleuma e a bile, associadas às qualidades fria e quente, são especialmente citadas em muitos tratados do *Corpus* e possuem papel essencial e frequente nas explicações das causas de doenças, como é o caso da doença sagrada. Ver JOUANNA, J., 1992, p. 442.

O argumento da hereditariedade é vinculado a uma teoria da geração, especialmente na noção de panspermia<sup>174</sup>, ou seja, a semente que está no líquido seminal é proveniente de todas as partes do corpo, saudáveis ou alteradas, e transmite inevitavelmente as características dos pais, explicando as semelhanças entre as gerações. Brisson<sup>175</sup> comenta que, desde a antiguidade, médicos e filósofos se pronunciaram sobre a transmissão da vida e que a tradição hipocrática se distingue da maior parte das doutrinas antigas por reconhecer a existência de duas sementes que se misturam no útero, uma fornecida pela mulher e outra pelo homem. Desde as primeiras etapas de sua formação, o embrião tem a mesma formação de uma planta até a formação do coração. Para outros autores da antiguidade, somente o masculino fornece uma semente, enquanto o feminino mantém a função de receptáculo e guardiã do desenvolvimento. A tradição hipocrática sustenta a existência da semente feminina, fato que Galeno seguirá.

Ora, se apenas os fleumáticos e não os biliosos são atingidos, a etiologia divina mais uma vez é derrubada: os deuses não puniriam apenas um grupo e privilegiariam outros. Para o autor, não há razão para justificar o fato de que apenas um dos tipos de temperamento humano fosse escolhido para receber antecipadamente tal sofrimento. Sobre essas considerações, Pigeaud<sup>176</sup> ressalta que *Da doença sagrada* realiza uma universalização do divino, no sentido de que ele deve agir de forma indiferente, totalmente às cegas, atribuindo a função de fornecer as explicações sobre o caso dos fleumáticos apenas ao conhecimento das regularidades de causa e efeito que ordenam o domínio da natureza e, conseqüentemente, dos corpos humanos. Portanto, a questão da hereditariedade marca o ponto de inserção das causas nos processos de geração da natureza, de onde partem todas as explicações em sequência.

Na sequência, somos informados sobre a parte do corpo onde efetivamente ocorre a predominância da fleuma: o cérebro. Inicialmente, há uma descrição anatômica<sup>177</sup> do órgão e dos sistemas de vasos ligados a ele, apresentando as estruturas nas quais os processos fisiológicos operam. O cérebro ocupa um lugar central no

---

<sup>174</sup> Cf. PIGEAUD, J., 2010, p. 52.

<sup>175</sup> Cf. BRISSON L. Introdução. In: *PORPHYRE – Sur la manière dont l’embryon reçoit l’âme*. Librairie Philosophique, J. VRIN, Paris, 2012, p. 13-15.

<sup>176</sup> Cf. PIGEAUD, J., 2010, p. 53.

<sup>177</sup> A descrição anatômica é essencial para o entendimento das causas e sintomas de uma enfermidade, fato que conferiu ao texto importância ainda maior na história das ideias. Nessa época em que não havia a dissecação humana, o conhecimento anatômico de órgãos, vasos ou canais do corpo, tem como base a observação de animais sacrificados e os ferimentos de guerra.

desenvolvimento dessa e de outras doenças graves, assim como a parte de maior potência do homem, conforme exposição do autor mais à frente.

Vejamos um pouco da forma como é descrita essa anatomia:

Mas, de fato, é o cérebro o responsável por essa afecção, como ele é em outras mais graves. De que modo ele é e em virtude de que causa, vou expor claramente. O cérebro do homem é duplo, como é o caso também em todos os outros seres vivos. Uma fina membrana o divide ao meio – é a razão pela qual não é sempre do mesmo lado da cabeça que sofremos, mas de cada lado alternadamente e algumas vezes a cabeça inteira. E mais, os vasos se dirigem para ele vindos de todo o corpo: numerosos vasos finos e dois vasos grossos, um vindo do fígado e outro do baço. Aquele que vem do fígado se apresenta assim: uma parte do vaso se dirige para baixo através do lado direito até ao longo do rim e da lombar até o lado interno da coxa e desce até o pé. Chamamos de veia cava (veia com cavidade). Outra parte se dirige para o alto através do diafragma e da parte direita do pulmão. Um entroncamento vai para o coração e o braço direito enquanto que o resto se dirige para o alto através da clavícula para a parte direita do pescoço até sob a pele ao ponto de ser bem visível, e até junto à orelha ela se esconde e se divide nesse lugar: o entroncamento mais grosso, maior e mais oco leva ao cérebro, outro à orelha direita, outro ao olho direito, outro à narina. Eis aqui o que diz respeito aos vasos que partem do fígado. Mas há também um vaso que parte do baço que se estende do lado esquerdo, descendo e subindo, como o vaso que parte do fígado; ele é, todavia, mais fino e mais fraco. (§3)

Os circuitos dos vasos<sup>178</sup> são o respiradouro do corpo, por onde o ar e o pneuma<sup>179</sup> são introduzidos no corpo do homem e, junto ao sangue, circulam de alto a baixo até os pequenos vasos, sem nunca se imobilizar. Caso seja interceptado por uma compressão dos pequenos vasos em algum ponto, ocorre um entorpecimento e uma impotência momentânea da região.

Em seguida, há uma longa exposição a respeito das dinâmicas específicas da doença sagrada e seus sintomas, ocupando onze parágrafos do tratado<sup>180</sup>, passagens importantes, com grande riqueza clínica para os estudos de história da medicina. Aqui, procuraremos reunir apenas os principais conceitos e processos que articulam toda a linha de raciocínio relacionada à causalidade natural.

<sup>178</sup>A descrição do sistema de vasos é um dos mais desenvolvidos do *Corpus*, embora seja possível verificar muitas divergências com a exposição que encontramos em outros tratados. Cf. JOUANNA, 1999, p. 290, nota 43.

<sup>179</sup>O ar é o suporte do pneuma, princípio que traz a inteligência e tem função mediadora entre os humores. A chamada teoria pneumática possui semelhanças com a tradição indiana. Cf. AYACHE, 1992, p. 10.

<sup>180</sup>Ver (§3) à (§13) de *Da doença sagrada*, em Anexo.

O primeiro é a noção de purgação. A medicina hipocrática considera que um importante processo ocorre na formação do embrião antes do nascimento: a purgação<sup>181</sup> do cérebro e também de outras partes do corpo. No caso do cérebro, se a purgação ocorrer de forma equilibrada e justa, sem maior ou menor quantidade de fluxos, o resultado é um estado saudável e estável. Se houver um fluxo excessivo da fleuma vindo de todas as partes do cérebro e a purgação não se efetivar da forma necessária, haverá um acúmulo desse humor, gerando as condições propícias para o desenvolvimento da epilepsia.

Com esse tipo de desequilíbrio instalado no cérebro, o próximo raciocínio aponta para a dinâmica dos fluxos, ou seja, as diversas direções que o transbordamento da fleuma fria pode assumir no corpo quando segue em circulação junto ao sangue quente pelos circuitos de vasos. O encontro de forças e qualidades contrárias, o frio e o quente, é a fonte de inúmeros sinais da doença sagrada. Por exemplo, no caso da ocorrência de um fluxo descendente da fleuma que pressione o coração e o pulmão, a pessoa deixa de receber o pneuma necessário, causando palpitações, dificuldades respiratórias, deterioração do peito e costas curvadas. Quando o fluxo frio é dominado pelo sangue quente, dispersando-o, segue para outros vasos e cessam as manifestações. Esses movimentos explicam também o tempo de um ataque, a depender da quantidade do fluxo descendente, e a frequência deles, conforme o número desses fluxos. Em outros casos, se o escorrimento do acúmulo de líquido no cérebro seguir a direção dos grandes vasos já descritos, aqueles vindos do fígado e do baço, e sua passagem for interceptada, a pessoa perde totalmente os sentidos. Segundo o autor, esse é o motivo pelo qual é desencadeado de forma característica o ataque que toma subitamente os sentidos e o espírito, conferindo o famoso aspecto assustador atribuído ao mal sagrado. Vejamos um fragmento da descrição já citada:

O sujeito perde a palavra subitamente quando a fleuma, descendo pelos vasos, bloqueia o ar e não o deixa penetrar nem no cérebro, nem nos vasos ocultos, nem nas cavidades, mas intercepta a inspiração [...]. Também quando os vasos foram cortados de ar pela fleuma e ficam impossibilitados de recebê-lo, o homem fica sem voz e sem consciência. Quanto às mãos, elas ficam sem força e se crispam quando o sangue se imobiliza em vez de correr, como é seu hábito. E os olhos divergem quando os pequenos vasos são cortados de ar e se

---

<sup>181</sup> Como já mencionado no cap. I, item 2.3, purgação é um processo de transformação que significa uma espécie de *cozimento* (aquecimento que diminui a quantidade de líquidos) que ocorre no cérebro e em outras partes do corpo, ainda na formação do embrião. Uma má purgação está na base do desenvolvimento de doenças.

agitam. A espuma que sai da boca provém do pulmão; com efeito, quando o pneuma não o penetra, o pulmão espuma e ferve como se o doente estivesse morrendo. [...] O doente lança coices quando o ar é aprisionado nas pernas e não pode escapar para o exterior devido à fleuma. Saltando através do sangue para o alto e para baixo, o ar provoca convulsão e dor. (§7)

Ora, se o fator desencadeante de todos esses acidentes reside no excesso da fleuma, que é um argumento relacionado com a quantidade, um terceiro elemento é introduzido na cadeia explicativa: a natural qualidade fria desse humor. Assim, o raciocínio do autor opera em uma perspectiva quantitativa e qualitativa dos elementos envolvidos, gerando um confronto de forças opostas. Portanto, quando a presença da fleuma é abundante e espessa, seu poder é maior que o calor do sangue, causando resfriamento e imobilização – desencadeando a perda da razão – podendo chegar até mesmo à coagulação e à morte. Ao contrário, se o fluxo for menor, gera apenas um bloqueio momentâneo da inspiração e logo se dispersa pelos vasos após ser dominada pelo sangue quente e abundante, propiciando uma rápida retomada dos sentidos. Esses são os movimentos principais vinculados a uma série de especificidades clínicas descritas no texto.

De forma breve, devemos ressaltar alguns fatores que, segundo o autor, podem desencadear os transbordamentos de fluxos e ataques: as condições dos ventos, as estações do ano e a idade dos pacientes. Apenas como exemplo, as crianças possuem vasos finos e não suportam uma grande quantidade de fluxo, propiciando diversos graus de lesão ou até mesmo a morte. Os ataques ocorrem nas mudanças repentinas dos ventos ou mesmo a partir de terrores de origem obscura, que causam arrepios de frio, contração do cérebro e a consequente separação da fleuma que flui para baixo. As pessoas adultas, se a doença não se desenvolveu na infância, geralmente possuem maior vigor e os vasos são mais resistentes. O cérebro é mais estreito e denso e a fleuma não transborda tão facilmente, mas caso isso ocorra, é mais difícil para ela vencer o sangue abundante e quente. Já nos mais velhos, o inverno é o pior inimigo. Ao se aquecerem junto a um fogo forte e bruscamente passarem a um frio intenso, ou ao contrário, eles se tornam vítimas de um ataque. O mesmo pode ocorrer em outras estações, caso haja sol intenso ou grandes mudanças de temperatura.

Retomando o raciocínio, a lógica do encadeamento teórico para explicar a epilepsia partiu da informação sobre os fleumáticos, os mais atingidos por hereditariedade. Devido a isso, uma falha do processo de purgação gera acúmulo de

fleuma, com umidificação e esfriamento excessivo no cérebro antes do nascimento. A quantidade desequilibrada da fleuma leva a frequentes transbordamentos descendentes de fluxos frios que encontram o sangue quente nos vasos, e, a depender dos caminhos que tomam, surgem os diferentes sintomas, sem que o processo se esgote se não houver uma intervenção médica. Caso ele se mantenha sem tratamento, diz o autor, a doença fica instalada por muito tempo e o cérebro é completamente corroído pela fleuma, tendendo a se liquefazer, do mesmo modo como foi observado nos cérebros das cabras atingidas. Por essa razão, algumas pessoas são suscetíveis a ataques mais frequentes, indicando que a doença adquiriu força e deixou marcas danosas. Mais uma vez volta o argumento central, é a própria doença e não a divindade a causadora de danos ao corpo.

Em relação ao comportamento das pessoas atingidas, há uma interessante referência sobre o momento em que pressentem a proximidade de uma crise e fogem para se esconder dos homens e evitar que as assistam cair. Para o autor, “eles agem assim por vergonha de sua afecção e não por medo da divindade, como se acredita geralmente”<sup>182</sup>.

Ao final da apresentação sobre a forma de ação das causas naturais no corpo, o discurso passa a enaltecer a participação da natureza e suas potências, seja nessa doença, seja em todas as coisas, referindo-se especificamente à força dos ventos<sup>183</sup>, uma concepção importante que prepara sua explanação a respeito da função do cérebro nessas interações.

[...]. É essa mesma ação que ele exerce sobre a terra, o mar, os rios, as fontes, os poços, sobre tudo que cresce e contém umidade; pois há umidade em toda coisa, ora mais, ora menos. Tudo isso se ressent de este vento: o que é brilhante se torna sombrio, o que é frio se torna quente, o que é seco se torna úmido. E os jarros de argila cheios de vinho ou de outro líquido que estão dentro das caves ou afundados na terra, se ressentem totalmente do vento do Sul e se transformam tomando outro aspecto. E o sol, e a lua e os outros astros, ele os deixa muito menos brilhantes do que são naturalmente. Então, desde o momento em que esses ventos exercem um tão grande império sobre coisas tão grandes e tão potentes e que fazem com que o corpo se ressinta e se modifique necessariamente durante as mudanças dos ventos, por um lado, sob o efeito desses ventos do sul, o cérebro se solta e se umidifica e os vasos são mais largos, e por outro lado, sob o efeito dos ventos do norte, a parte mais saudável do cérebro se comprime enquanto que a parte mais doente e a mais úmida se separam e banham totalmente o exterior ao redor; de maneira que os

<sup>182</sup> *Da Doença sagrada*, §12 em Anexo.

<sup>183</sup> Sobre o poder dos ventos, como um princípio soberano da natureza, ver o tratado *Dos ventos*. In: JOUANNA, J. *Hippocrate*. Paris: Les Belles Lettres, 1988, e como princípio inteligente em Diógenes de Apolônia no cap. I, item 3 deste estudo.

fluxos para baixo se produzem durante as mudanças desses ventos. Eis aqui como essa doença nasce e cresce devido àquilo que entra e sai; ela não é de forma alguma mais desconcertante do que as outras, seja para cuidar seja para conhecer, e ela não é mais divina que as outras. (§13)

Se os ventos podem desencadear uma crise, aquilo que vem de fora e circula no corpo também tem poder de causa. Os hipocráticos consideram o homem totalmente imerso na natureza e no cosmos e constantemente afetado por suas transformações. Sejam os ventos de todas as direções, que tudo envolvem, seja a circulação contínua do ar e do pneuma no corpo que tudo vivifica, tudo isso constitui uma unidade no interior da qual as partes agem e sofrem ação de forma contínua. Inseridas nesse quadro complexo de interações, as doenças adquirem equanimidade tanto em relação à sua sacralidade quanto às dificuldades que impõem ao entendimento e aos cuidados que inspiram.

#### **2.4. Uma teoria física do conhecimento: o ar e o cérebro como o intérprete da inteligência**

Tendo estabelecido que o desequilíbrio humoral do cérebro é a causa da doença sagrada, os cinco parágrafos finais do texto se ocupam, ao contrário, com a importância de sua estabilidade para a inteligência. Pigeaud<sup>184</sup> considera *Da doença sagrada* sem dúvida importante em muitos aspectos, especialmente “pela descrição que oferece da epilepsia, pela racionalização de uma patologia e por apresentar uma teoria física do conhecimento”. Essa é a teoria que passa a ser apresentada.

Vejamos o texto:

Os homens devem saber que a fonte de nossos prazeres, de nossas alegrias, de nossos risos e de nossas brincadeiras não é outra senão esse lugar [o cérebro], que é igualmente a fonte de nossos desgostos, de nossas penas, de nossas tristezas e de nossos prantos. E é por ele, sobretudo, que nós pensamos, concebemos, olhamos, ouvimos, distinguimos o feio e o belo, o mal e o bem, o agradável do desagradável, ora discernindo após o uso, ora afetado pelo interesse; e como nós distinguimos também prazeres e desprazeres após a oportunidade, não são (sempre) as mesmas coisas que nos agradam. (§14)

---

<sup>184</sup> Cf. PIGEAUD, J., 2010, p. 48.



A descrição das atribuições fundamentais do cérebro<sup>185</sup> por meio de agrupamentos de funções leva-nos a muitas considerações. Seguindo a análise de Pigeaud<sup>186</sup>, primeiramente em um sentido amplo, os grupos indicam dois tipos de experiências humanas relacionadas com a sensibilidade e o conhecimento, como chamaríamos modernamente. No entanto, ao aprofundarmos a leitura, evidencia-se outro contorno para os agrupamentos. Em um primeiro grupo, se manteriam os sentimentos, organizados a partir da oposição entre aqueles dos prazeres e aqueles das tristezas, todos oriundos do cérebro. E no segundo, estão incluídos os elementos do conhecimento, sejam as percepções oriundas dos sentidos, sejam os julgamentos éticos – o bem e o mal –, ou estéticos – o feio e o belo. E nesse grupo, devemos considerar algumas diferenciações nas relações com o mundo:

Três critérios são dados ao conhecimento: julgamos segundo o costume, segundo as circunstâncias e percebemos segundo aquilo que nos é útil. O que explica que não tenhamos sempre os mesmos julgamentos, as mesmas apreciações. Todos os modos de sentir, de conhecer e de reagir a essas sensações e a esses conhecimentos são atribuídos ao cérebro.<sup>187</sup>

Os hábitos e os costumes, o útil e as circunstâncias são as condições que modificam nossas apreciações das coisas. Portanto, se as percepções do mundo impressionam e fazem variar os nossos julgamentos e ações, temos uma objetivação da questão moral. Seguindo a interpretação de Pigeaud<sup>188</sup>, essas concepções retiram a culpa do doente e da doença, em mais um raciocínio de oposição à etiologia divina apoiada justamente na ideia de punição moral. O texto nos possibilita considerar que as falhas de julgamento e as condutas equivocadas cometidas pelos homens, em grande medida podem ser atribuídas ao desequilíbrio do cérebro e sua diminuição da capacidade de discernimento. Esses aspectos, somados aos sentimentos desproporcionais, são justamente os que sobressaem de maneira espantosa nas condutas irracionais.

O cérebro, portanto, também é o responsável pelos comportamentos delirantes quando perde a estabilidade proporcionada pelo equilíbrio das qualidades: o frio, o quente, o seco e o úmido. A falta ou o excesso de uma delas impede sua firmeza e causam movimentos que alteram as percepções e os pensamentos. Na passagem que se

<sup>185</sup> Os hipocráticos reconhecem Alcmeón de Crotona, que teria sido o primeiro a considerar o cérebro como a sede da inteligência, como já indicado.

<sup>186</sup> Cf. PIGEAUD, J., 2010, p. 56-7.

<sup>187</sup> Ibid., p. 56.

<sup>188</sup> Ibid., p. 58.

tornou famosa ao estabelecer a relação do cérebro com os estados irracionais, diz o autor:

É devido a ele também que enlouquecemos, que deliramos, que receios e terrores nos chegam, alguns à noite, outros mesmo durante o dia, assim como insônias e errâncias sem motivos, preocupações não provocadas, o não conhecimento das coisas presentes e o esquecimento. A origem disso tudo é o cérebro, quando ele não está em boa saúde, mas quando está mais quente do que o natural ou mais frio, ou mais úmido, ou mais seco ou quando ele tenha qualquer afecção contra a natureza na qual ele não está habituado. É a umidade que está na origem da loucura, pois quando o cérebro é excessivamente úmido, ele necessariamente está em movimento, e quando ele se move nem a visão nem os ouvidos são estáveis, mas vemos e ouvimos ora uma coisa, ora outra; e a língua transmite segundo o que ele vê e ouve a cada instante; mas, durante o tempo em que o cérebro estiver estável, o homem conserva também sua razão. (§14)

Em relação aos casos de loucura, que não devem ser confundidos com epilepsia, o autor explica que existem dois tipos de manifestações a depender da fleuma ou da bile que alcança o cérebro de forma desproporcional. Aqueles que estão sob o efeito da fleuma são calmos, sem grandes turbulências, enquanto que aqueles que estão sob a ação da bile são agitados e nocivos por cometerem atos inconvenientes. Em situações mais pontuais e não contínuas, o aquecimento do cérebro pode ocorrer devido a um fluxo bilioso ocasional que o alcança, modificando-o de forma breve. Nesses casos, receios e terrores podem acontecer até que o humor retorne ao corpo pelos vasos. Um aquecimento súbito sempre traz agitação aos biliosos. Além disso, outro modo de aquecer o cérebro é quando o sangue o alcança durante um sonho aterrorizante, pois os olhos se avermelham e o rosto se inflama mesmo no sono. Ao despertar, retoma a razão e o sangue se dispersa. Tudo isso não ocorre com os fleumáticos, pois, de forma inabitual, o cérebro é comprimido pelo resfriamento e causa tristeza, náusea e até mesmo ausências de memória.

Além de ser o órgão de maior potência, diz o autor, o cérebro é o intérprete do princípio pensante, o pneuma, que recebe do ar<sup>189</sup>. O ar que penetra pelos vasos, alcança as cavidades do cérebro e fornece a inteligência. Pois à medida que ele entra pela boca e pelas narinas, primeiramente leva o pneuma ao cérebro e o deposita nas cavidades. Depois, em sua maior parte, vai para o ventre, para o pulmão e outros vasos, de onde se espalha para outras partes do corpo até os pequenos vasos. Assim, depois de ter sido

<sup>189</sup>Sobre as influências e implicações dessa passagem com a teoria de Diógenes de Apolônia e Anaxímenes sobre o ar como o fundamento e o princípio da inteligência, ver cap. I, item 3 deste estudo.

preenchido pelo conhecimento, o cérebro age como um mensageiro e transmite ordens de movimentos a todas as partes do corpo.

Pois, quando o homem o atrai para ele, o pneuma alcança primeiro o cérebro, de maneira que o ar se espalha pelo resto do corpo após ter depositado no cérebro o que há de mais ativo nele mesmo, quer dizer, aquilo que é pensante e provido de inteligência. Pois se o ar alcança primeiro o corpo e depois o cérebro, ele chegaria ali após ter depositado o discernimento nas carnes e vasos em estado quente e impuro, em um estado misturado ao humor que provém às vezes das carnes e do sangue, de modo que não seria mais preciso. (§16)

A precisão necessária ao discernimento é compreendida desse modo e é assim que os homens participam da inteligência veiculada pelo ar, que é o seu suporte e que circula na natureza – e o corpo acompanha o que o cérebro conhece. Essa concepção de conhecimentos é bem explicitada na formulação de Pigeaud:

O conhecimento existe em si, e pensar, sentir, agir, é participar desse conhecimento objetivo. [...]. Nós somos atravessados pelo conhecimento. Nós retemos o que podemos, quer dizer, o que o nosso cérebro é capaz de conservar. A qualidade de nosso pensamento depende da quantidade do que podemos absorver. Essa possibilidade, essa atitude, depende do acesso do ar através dos canais que podem ser mais ou menos preenchidos. [...] O médico de *Da doença sagrada* não tem a necessidade da alma para explicar o conhecimento e seus problemas. O cérebro lhe é suficiente, como o instrumento que recebe o ar.<sup>190</sup>

Por natureza, o cérebro possui a capacidade de acolher o ar depositado, pois é constituído de duas cavidades divididas por uma fina membrana, descrição anatômica já exposta, o que lhe dá condições de ser o intérprete da inteligência. A vinculação entre a estrutura natural dos órgãos e sua função na dinâmica fisiológica é essencial na compreensão hipocrática. Por essa razão, o tratado não reconhece o diafragma – uma estrutura fina, extensa e sem cavidades – como o centro do pensamento. Considerando a fraqueza de sua natureza, diz o autor, ele não oferece condições para *receber seja o bem, seja o mal*<sup>191</sup>, ao contrário, sofre perturbações caso esteja sob seus efeitos. Na verdade, o diafragma não pensa, ele se exalta diante dos sentimentos saltando e causando náuseas, assim como o coração:

---

<sup>190</sup> PIGEAUD, J., 2010, p. 59.

<sup>191</sup> Aqui fica evidenciado um aspecto moral que a captação da inteligência pode fornecer, a depender das condições de recepção do órgão.

Alguns dizem que nós pensamos com o coração e que é esta parte que sente a tristeza e a preocupação. Mas isso não é assim; na realidade, o coração é sujeito à movimentos bruscos como o diafragma, mas pelas seguintes razões: provindos inteiramente do corpo, os vasos se dirigem para o coração que os mantém atados em conjunto, de maneira que ele sente todo o sofrimento ou tensão que vem a se produzir no homem. Pois é necessário que o homem, quando tem tristeza, tenha o corpo que se arrepia e se estenda inteiramente, e que seja no mesmo estado quando sofre uma alegria intensa. Eis aí porque o coração sente no mais alto ponto o mesmo que o diafragma. Mas nenhuma dessas duas partes participa do pensamento. De tudo isso, é o cérebro que é a causa. (§17)

Como o primeiro a receber o ar é o cérebro, ele o sente de forma imediata e sensível a qualquer mudança que ele traga nas variações de estações. Devido a essa suscetibilidade e à importância de seu papel, todas as doenças que se abatem sobre ele são as mais graves e mortais, assim como as mais difíceis para os incompetentes.

No parágrafo final do texto, encontramos a reunião de considerações essenciais do discurso a respeito da doença sagrada. Todas as doenças provêm das mesmas causas, daquilo que entra e sai do corpo, seja o frio, o calor do sol ou os ventos que mudam. Todas essas coisas são divinas e todas as doenças são humanas, cada uma possui uma origem natural e uma potência que lhe é própria. Em sua maior parte, a medicina adquiriu recursos para curá-las por meio das mesmas coisas a partir das quais elas nascem. Muitas vezes, o que alimenta uma doença pode causar danos a outras, pois elas são seres vivos que nascem e crescem com força e características próprias, exigindo daqueles que se propõem a curá-las conhecimento e competência para discernir as causas e os tratamentos.

O que o médico deve saber então, é como, discernindo a oportunidade de cada tratamento, ele deverá dar alimentação a tal doente ou aumentá-la, e a tal outro suprimi-la ou diminuí-la. Pois é necessário nessa doença, como em todas as outras, não as aumentar, mas lhes esgotar, administrando a cada uma o que lhe é mais hostil e não o que lhe é habitual. Pois a doença cresce e aumenta pelo que lhe é habitual, enquanto definha e enfraquece pelo que lhe é hostil. Aquele que sabe produzir nos homens o seco e o úmido, o frio e o quente com a ajuda do regime, aquele pode igualmente cuidar dessa doença, na condição de discernir a oportunidade dos tratamentos úteis, sem recorrer às purificações, à magia e a todas as charlatanices do mesmo gênero. (§18)

### 3. *Da arte e o acaso.*

#### 3.1. Os argumentos em defesa da existência da arte.

As discussões de natureza epistemológica registradas na obra *Da arte* revelam valiosamente as principais demarcações que fundamentam a arte médica na defesa de sua existência. O estilo do texto, datado no último quarto do séc. V a.C., evoca as regras da retórica sofista: há um exórdio anunciando o propósito do discurso, as argumentações de defesa de uma tese e a conclusão confiante do cumprimento do objetivo anunciado. Essa estrutura formal se inscreve em um gênero literário apologético e epidítico sobre a medicina, análogo ao tratado *Dos ventos*. Jouanna<sup>192</sup> comenta que os médicos do *Corpus* possuem um grande mérito por não se limitarem ao exercício e registro por escrito de suas práticas, mas refletirem sobre a própria atividade, assunto de interesse principal do tratado *Da arte*.

Seu domínio de questões epistemológicas e filosóficas complexas (ser e não ser, filosofia da linguagem, vias de conhecimento, ciência e causalidade, arte e acaso, ou arte e natureza...), assim como o estilo do tratado, poderiam nos fazer pensar que o autor seria não um médico, mas um sofista. No entanto, sem dúvida, trata-se de um médico que alia às suas competências profissionais uma sólida cultura filosófica e retórica enquanto indispensáveis ao exercício da profissão médica: prática e reflexão epistemológica caminham frequentemente par a par dentro do *Corpus Hippocraticum*.<sup>193</sup>

Destinado a defender a existência da medicina como uma *techné*, palavra grega para *arte*, o título da obra, o discurso aborda seus métodos e os pressupostos que a sustentam no seu poder e limites de cura. A composição do texto se dá ao longo de uma revisão do autor das sucessivas críticas provenientes dos que a desacreditavam.

A noção grega de *techné* nos remete a toda atividade guiada por um conjunto de regras reconhecidas pela eficácia de seus resultados. Bailly<sup>194</sup> define *techné* como arte ou habilidade de fazer qualquer coisa, tanto manual quanto habilidade nas obras do espírito, e de maneira geral, todo conhecimento teórico ou maneira de tratar algo, método, exercício de uma profissão e expediente para produzir uma obra de arte. A arte médica,

<sup>192</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 99-100.

<sup>193</sup> Ibid., p. 99.

<sup>194</sup> BAILLY, A. *Abrégé du dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 2000, p. 866.

portanto, implica uma habilidade prática e teórica de sua atividade de curar e prevenir doenças. Trata-se de uma ação concreta guiada por um método, concomitante a uma atividade do espírito que observa e reflete sobre os resultados, orientando-se para ações futuras. Bourgey<sup>195</sup> comenta que *techné* é um termo frequente nos textos hipocráticos para designar o que chamaríamos hoje de ciência médica.

O preâmbulo do discurso é polêmico. O autor se pronuncia vivamente contra aqueles que imaginam mostrar o seu saber por meio de uma *arte de denegrir as artes*<sup>196</sup>. Não há nada de honroso em desacreditar as descobertas daqueles que souberam levar a termo questões inacabadas por obra da inteligência. Os discursos são ambiciosos e vazios, sem provar nada do que falam nem mesmo acrescentar algo às realizações. Trata-se, primeiramente, de uma argumentação geral de defesa de todas as artes referenciada por discussões epistemológicas e filosóficas da época. No entanto, o objeto maior de seu discurso é a defesa da medicina. Pleno de convicção, e confiante nos recursos adquiridos em sua formação, refutará as alegações de seus adversários em todos os pontos nos quais imaginam triunfar.

O raciocínio da primeira passagem de demonstração da existência das artes está colocado no plano lógico e ontológico, o que o aproxima das teses eleatas<sup>197</sup>.

De fato, é absurdo estimar que uma coisa que existe seja inexistente. Pois para as coisas que não existem em todo caso, que realidade poderíamos observar para anunciar que elas existem? Se se revela, com efeito, que é possível ver as coisas que não existem como aquelas que existem, não sei como poderíamos pensar que essas coisas sejam inexistentes, já que é possível vê-las com os olhos e conceber com a inteligência que elas existem. Mas receio que não seja assim. Não: o que existe se vê e se concebe sempre, o que não existe nem se vê nem se concebe. Ora, concebemos, no caso das artes, uma vez que são ensinadas, e não há nenhuma arte que não se veja a partir de certa

<sup>195</sup> BOURGEY, L., 1953, p. 34-35.

<sup>196</sup> Embora seja impossível chegar a uma certeza sobre a identificação dos autores desses discursos, muito possivelmente eles seriam provenientes dos meios sofistas, onde a retórica, como a arte do bem falar e da persuasão afirmava a potência e a independência dos discursos em relação a todo valor absoluto, cognoscitivo ou moral. Obras sofistas continham objeções contra as artes em geral e artes particulares. Cf. JOUANNA, J., 1988, p. 174.

<sup>197</sup> Na análise de Jouanna, o autor estabelece uma distinção radical entre *ser e não-ser* e lembra, por essa oposição e pelo estilo de raciocínio, os eleatas, onde *ser* e *pensar* são identificados. Assim como Parmênides (Diels-Kranz, 28 B 2), o autor hipocrático considera que somente *o que é verdadeiramente*, pode ser pensado e o que pode ser pensado, pode ser dito, enquanto a negação, aquilo *que não é*, não pode ser dito ou pensado. O que é objeto de opinião, ou seja, aquilo que poderia ser ou deixar de ser é o lugar do *não ser*, que não pode ser pensado ou proferido. Esse raciocínio é aplicado à realidade da arte médica. No entanto, Jouanna ressalta que o autor inclui em sua reflexão o testemunho da visão ao lado do pensamento, como um diferenciador do *ser* e do *não-ser*, afastando-se assim daquela concepção. Assim, a posição fica ambígua, pois adapta princípios do eleatismo a uma concepção realista. Ibid., p. 175-6.

forma. Estimo que as artes receberam seu nome por causa de sua forma. (§2)

Como todas as artes, a medicina possui uma forma<sup>198</sup> concebida pela inteligência, que inclui um conjunto de procedimentos visíveis na realidade, fundamentado em conhecimentos transmitidos no âmbito de uma formação. Primeiramente concebidas e percebidas, as artes recebem um nome próprio a cada uma, uma instituição dada pelo homem. No entanto, diz o autor, as coisas da natureza não existem a partir dos nomes, pois, “as formas não são instituições da natureza, mas produções”<sup>199</sup>.

Na argumentação sobre a realidade das artes, conforme constatamos, dois meios de conhecimento são evocados: a visão e a inteligência. Aquilo que se vê e aquilo que se concebe são colocados em um mesmo plano, sem valores de hierarquia. Admitindo essa concepção o autor se afasta das teorias eleatas, conforme comentário em nota, e afirma a importância dos dois caminhos de conhecimento na pesquisa médica, cujo método se apoia na observação e na experiência, como veremos de forma exemplar mais à frente nos casos das doenças visíveis e invisíveis.

Antes de responder às críticas específicas à medicina, o autor a define considerando seus objetivos e sua competência que procurará demonstrar:

E, primeiramente, vou definir o que é, a meu ver, a medicina. É libertar completamente os doentes de seus sofrimentos ou diminuir a violência das doenças, e não tratar os doentes que foram vencidos pela doença, sabendo bem que a medicina pode tudo isso. Estabelecer então, que ela alcança esses resultados e que ela é capaz de chegar continuamente a isso, eis o que será daqui em diante o objetivo do resto de meu discurso. (§3)

### 3.2. A noção de acaso e a “ordem dos porquês”

As críticas dos adversários se referem aos sucessos e fracassos dos casos que se submetem ou não aos tratamentos. De fato, entre os doentes cuidados pela arte há pessoas que se curam totalmente. Mas, dizem os opositores, existem casos em que,

<sup>198</sup> A forma (eidos) de uma arte não deve ser tomada aqui em uma acepção abstrata (ideia), mas em um primeiro sentido concreto, de forma visível. Trata-se da prática médica e das regras que deve seguir. Ver discussão ampliada em JOUANNA, J., 1988., p. 176-177.

<sup>199</sup> A questão diz respeito à relação dos nomes com o que eles designam. O autor opõe os nomes às realidades e assume uma concepção onde a linguagem deve guardar correspondência com a existência das formas produzidas pela natureza. Ibid., p. 177.

apesar da intervenção médica, não se obtém a cura e, na verdade, muitos até sucumbem à doença. E, ao contrário, outros casos retomam a saúde de forma espontânea, sem receber esses tipos de cuidados. Assim, dada essa incerteza e variabilidade de resultados julgam demonstrar a ineficácia dessas intervenções e afirmam que o agente primordial nas situações descritas, na verdade, é o acaso e não a arte, pois os resultados ocorreriam de qualquer forma. Jouanna<sup>200</sup> aponta que “a antítese entre arte (technê) e acaso (tychê) é uma oposição corrente nos debates técnicos e científicos nos V e IV séculos a.C. O papel do acaso e da sorte é levado a um segundo plano diante da competência médica”.

Se a responsabilidade por situações imprevisíveis e indeterminadas é atribuída ao acaso, trata-se de um sinal de ignorância, assim como no caso da etiologia divina. Em um sentido mais objetivo, a noção de acaso<sup>201</sup> implica a consideração de um determinado evento como algo resultante de uma intersecção de causas não apreensíveis em um primeiro momento, mas passíveis de identificação. A acepção evocada em *Da arte* aponta para esse sentido.

Aqueles que se curaram completamente tendo recorrido à arte, evidentemente, não poderiam atribuir a responsabilidade ao acaso, pois os fatores são conhecidos. Nos casos que sucumbiram à morte, a causa, diz o autor, está nos tratamentos defeituosos, pois se fossem corretamente conduzidos tenderiam ao êxito. E nos casos de recuperação da saúde sem médicos, a explicação é que isso não deve ter ocorrido sem a medicina, pois os doentes possivelmente a encontraram nos cuidados análogos àqueles que teriam se tivessem procurado seu socorro. Esse fato, ao contrário, deve ser compreendido como outra prova de sua existência e de sua grandeza, pois mesmo aqueles que a negam podem obter a saúde fazendo ou não fazendo tal coisa, seja jejum ou alimentação farta, seja ausência ou abundância de bebidas, banhos, exercícios ou repouso, sono ou vigília, ou até mesmo uma mistura de tudo isso. Essas experimentações livres com relação a hábitos e cuidados criam eventualmente as condições propícias ao restabelecimento de saúde. Para o autor, na verdade, esse fato apresenta características do próprio método de pesquisa da medicina na identificação e discriminação dos elementos que causam benefícios e aqueles que explicam os danos.

---

<sup>200</sup>JOUANNA, J., 1988, p. 265.

<sup>201</sup>Cf. FERRATER MORA, 2001, p. 39.



E pelo benefício sentido, necessariamente eles aprenderam a conhecer o que era a causa do benefício, assim como no caso do dano, pelo dano sentido, eles aprenderam a conhecer o que era a causa do dano. Pois o conhecimento do domínio delimitado pelo benefício ou do domínio delimitado pelo dano não está ao alcance de qualquer um. Então, se o doente é capaz de saber louvar ou criticar tal parte do regime que o conduziu à cura, tudo isso é do domínio da medicina. E os danos não são menos do que os benefícios, testemunhos da existência da arte. Pois, o que é benéfico é benéfico por ter sido administrado corretamente, o que é nocivo, é nocivo por não ter sido administrado corretamente. Ora, se aquilo que é correto e aquilo que é incorreto têm cada um o seu limite, como não o teria uma arte? Pois o que declaro ser falta de arte é quando não intervêm absolutamente as noções de correto e incorreto; enquanto que, quando cada uma das duas noções existe, isso não poderia ser obra de falta de arte. (§5)

Portanto, o conhecimento das causas benéficas e das causas danosas é o que permite o estabelecimento dos limites daquilo que é correto e daquilo que é incorreto. São os parâmetros da arte as medidas e as relações entre os vários elementos relacionados com a saúde e a doença. Para isso tudo, é necessário lidar com quantidades, qualidades e proporções visando identificar as potências de todos os recursos possíveis – remédios e regimes – para orientar as intervenções. A observação rigorosa no acompanhamento desse universo de informações exige uma competência reflexiva que não está ao alcance de qualquer um, pois somente aqueles que possuem a arte podem corresponder. Se ela adquiriu o discernimento de todos esses domínios, diz o autor, é impossível negar a sua existência.

Com efeito, o acaso é evidentemente conduzido a ser nada, pois para tudo podemos descobrir um porquê, e na medida em que há um porquê, o acaso claramente não tem nenhuma realidade, a não ser enquanto nome. Ao contrário, a medicina, na medida em que ela é da ordem do porquê e da previsão, tem e terá, evidentemente, sempre uma realidade. (§6)

Os recursos médicos contra o acaso repousam sobre o conhecimento da ordem dos porquês. O encadeamento de causas e efeitos que determinam os estados doentes, que permanecia oculto sob explicações de outras ordens, foi revelado pela arte. A observação foi orientada por um método que gerou um conjunto de explicações de situações presentes que permitem compreender circunstâncias passadas e antecipar ações futuras. O acaso, aquilo que acontece por si mesmo sem uma causa, é ausência de arte e o saber do médico é um saber causal.

### 3.3. O doente como causa e os limites da arte.

O segundo grupo de casos questionados pela crítica é aquele com resultados funestos, em que a morte acontece apesar das intervenções. A resposta se insere em uma ampla reflexão a respeito das diferentes condições e responsabilidades do doente e do médico nos tratamentos. Reafirmando sua enorme confiança na arte, considera tal argumento espantoso, pois para ele não há justificativa plausível para isentar os doentes de sua falta de firmeza em seguir as prescrições e culpar imediatamente a inteligência dos médicos. Para ele, a acusação é totalmente equivocada por pressupor que os médicos fossem capazes de indicar maus tratamentos e que os doentes seriam incapazes de transgredir suas receitas. Se considerarmos as diferenças de grau de discernimento entre os médicos e os doentes, esse fato não seria natural.

Pois uns têm uma mente sã em um corpo são quando empreendem o tratamento, raciocinando sobre o caso presente e sobre os casos passados que são análogos ao caso presente, de maneira a poder dizer a propósito de casos cuidados no passado como os doentes escaparam; os outros, ao contrário, não conhecem nem a natureza de seus sofrimentos, nem tampouco o que resultará da situação presente ou o que resulta de situações (semelhantes) às suas quando recebem as receitas, mas sofrem no presente, temem o futuro, cheios de doença, vazios de alimentos e desejam doravante dar boa acolhida àquilo que favorece a doença mais do que ao que favorece a cura, não porque desejam morrer, mas porque estão incapacitados de resistir ao mal. O que é verossímil? (§7)

A culpabilidade dos resultados funestos recai naqueles que estão *cheios de doenças*, um estado que impede a compreensão correta das consignas do médico, *uma mente sã em um corpo são*. A atividade equilibrada do pensamento vinculada a um corpo saudável é uma concepção bem estabelecida na medicina, conforme vimos em *Da doença sagrada*. No famoso triângulo hipocrático<sup>202</sup>, o doente, a doença e o médico constituem uma unidade e as informações que cada um pode aportar compõem para um bom resultado do processo. Jouanna<sup>203</sup> ressalta o valor que os hipocráticos atribuem à posição ativa dos doentes nos tratamentos, o que explica toda a ênfase neles depositada nos casos fracassados. Porém, a importância da palavra persuasiva do médico é inestimável, pois ele deve encorajar e envolver os pacientes em sua recuperação, além

<sup>202</sup> Ver GOUREVITCH, D. *Le triangle hippocratique dans le monde gréco-romaine*. Rome: École Française, 1984.

<sup>203</sup> Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 265.

de recolher o máximo de informações possível que eles possam fornecer de suas circunstâncias.

Visto que as curas não ocorrem por acaso, e que nos casos de insucesso devemos considerar a responsabilidade dos doentes, como responder ao próximo ataque sobre a recusa médica em cuidar dos casos considerados vencidos pela doença e que são justamente os que necessitam de maior socorro? Para os adversários, se a arte existisse verdadeiramente, cuidaria de todos sem distinção. Diante dessa acusação, a resposta médica nos oferece um amplo raciocínio a respeito dos fundamentos do conhecimento que defende.

Pois exigir que a arte tenha o poder em domínios que não procedem da arte, ou a natureza em domínios que não procedem da natureza, é ser ignorante de uma ignorância que tem mais de loucura do que ausência de saber. Pois, nos casos onde nos seja possível vencer, quer com os instrumentos da natureza, quer com aqueles da arte, nesses casos é possível agir, mas não em outros. (§8)

A explicação tem como pressuposto o reconhecimento de uma distinção entre os domínios da arte e da natureza, demarcando os limites do poder de ação do conhecimento médico. O incurável se impõe, ele é que traça a fronteira entre o possível e o impossível. A verdade é que a arte só pode vencer na medida do alcance de seus instrumentos. O dever do médico hipocrático é permanecer no interior de seus limites, aumentando seu poder de decisão sobre quais casos deve intervir de modo a levar benefícios. Em muitas vezes, o homem sofre de um mal mais forte que os recursos disponíveis.

O exemplo se apoia nos remédios cáusticos, em que a qualidade do fogo pode queimar em maior ou menor grau. Se os males são mais fortes que cáusticos fracos, não é evidente que sejam incuráveis. Mas, se os males são mais fortes que os cáusticos mais fortes, fica evidente a impossibilidade de cura. Esse raciocínio é aplicado a todos os recursos disponíveis e o médico deve adquirir esse conhecimento de forma rigorosa para que, ao recusar um tratamento, saiba atribuir à força do mal, e não à arte.

Tal clareza de julgamento é indício de convicção e mais uma prova da existência da medicina. *Da arte* a considera como um saber inteiramente descoberto, diferente da posição assumida no tratado *Da medicina antiga*, onde as descobertas adquiridas abrem caminhos para descobertas futuras. Se aqui ela é considerada inteiramente descoberta,

seus limites não se encontram na finitude de seu saber, mas sim no alcance de seus instrumentos, na natureza dos doentes e na natureza das doenças<sup>204</sup>.

### 3.4. O visível e o invisível: o olho e a inteligência.

Existem muitas doenças que são aparentes porque afloram à superfície do corpo e permitem o exame tátil e visual de todos os fatores que importa observar. Para os bons médicos, diz o autor, aqueles que estão investidos pelo conhecimento da arte e não possuem *uma natureza indolente*, os tratamentos dessa categoria de doenças devem ocorrer sem erros, não porque sejam fáceis, mas pelo fato de serem bem conhecidas.

As menos aparentes não permitem um reconhecimento fácil, dada a sua localização no interior do corpo, pois se dirigem para os ossos e cavidades. O autor faz uma breve descrição anatômica de todo o corpo com explicações sobre as possíveis localidades onde as doenças não visíveis podem se instalar. Ele enfatiza principalmente a existência de vazios e interstícios naturais, com reservatórios para líquidos que podem ser nocivos ou não. Além dos vasos e nervos estendidos ao longo de ossos e articulações, existem partes esponjosas e câmaras que podem se abrir largamente provocando danos<sup>205</sup>.

Pois, evidentemente, é impossível, se se atém à visão, conhecer qualquer uma dessas partes que estavam em questão. É por isso que as doenças são chamadas por mim invisíveis e julgadas assim pela arte. Sendo invisíveis, elas não são tão vencedoras por isso, mas tanto quanto possível vencidas. Pois isso é possível na medida em que a natureza das doenças se oferece ao exame e na medida em que a natureza dos pesquisadores é dotada para a pesquisa. Essas doenças exigem mais esforços e não menos tempo do que se fossem vistas pelos olhos para serem conhecidas. Pois o que escapa ao olhar da visão, é vencido pelo olhar da inteligência. (§11)

Essa formulação do tratado se tornou célebre. O olhar da inteligência apreende o que escapa ao olhar da visão. Para compreender a natureza das doenças invisíveis e superar a opacidade dos corpos, o método da arte trabalha conjuntamente duas vias do conhecimento. A ampliação dos recursos e refinamento do método a partir das

<sup>204</sup> Cf. JOUANNA, J., 1988, p. 186.

<sup>205</sup> *Da arte*, (§10) em Anexo.

dificuldades que surgem no cumprimento dos objetivos da cura, demonstram a potência do conhecimento conquistado.

No entanto, a necessidade de seguir caminhos diversos que alcancem o entendimento do que está oculto determina maior lentidão nos exames. Assim, o médico e a doença invisível se colocam em polos opostos e se engajam em uma relação com o tempo: se a doença e o tratamento se instalam em momentos próximos, ela não é a mais rápida. Porém, diz o autor, se ela se alojou no corpo em lugares impenetráveis em um tempo anterior aos exames, ou mesmo se houve negligência do doente em procurar cuidados, ela avança em velocidade maior e proporcional ao seu vigor. Existe um tempo propício para se dominar uma doença antes de seu pleno desenvolvimento. No entanto, a resistência do próprio corpo pode ser suficiente em muitos casos para o tempo dos exames e a chegada dos tratamentos.

Para saber qual das intervenções possíveis impediria o crescimento daquilo que não se dá a ver, é necessário um conhecimento a respeito da causalidade na natureza dos corpos. Somente esse tipo de raciocínio poderia identificar o correto encadeamento de condições e consequências que remonte às origens desses tipos de doenças, partindo somente de sinais visíveis e recursos auxiliares.

Bem, então é a potência da arte que convém admirar quando recoloca de pé um doente atingido por uma doença escondida, mais ainda do que quando recusa tratar os casos impossíveis. Não, certamente em nenhuma outra das profissões descobertas até o presente, existe alguma situação análoga. (§11)

Todas as informações ou sinais que o médico pode captar “a fim de reconstituir por indução, a partir do visível, o invisível dissimulado no corpo”<sup>206</sup>, são recursos auxiliares, e a medicina os possui em todas as doenças das cavidades. Primeiramente, o autor explica, o médico deve julgar quais partes internas do corpo doente podem estar relacionadas com alguns dos sinais normalmente emitidos na superfície do corpo, como por exemplo, lentidão ou aceleração da respiração, tipos de fluxos que escorrem pelas diferentes vias, odor, cor, finura ou espessura de tecidos e outros. Eles podem indicar tanto fenômenos que estejam se desenvolvendo em algum ponto, quanto doenças que já sofreram ou que ainda podem sofrer.

---

<sup>206</sup> Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 268.

E quando a natureza, por sua livre vontade, se recusa a entregar essas fontes de informações, a arte encontrou meios de pressionar pelos quais, sem causar danos, a natureza é violentada e as deixa escapar; depois, liberada, ela desvenda àqueles que conhecem as coisas da arte, o que se deve fazer. (§12)

A perspicácia do raciocínio médico se associa à descoberta dos recursos auxiliares para *violar a natureza sem danos*<sup>207</sup>. A intenção é provocar de forma artificial a entrega de sinais por meios diversos, como o uso de remédios purgativos ou evacuantes. Por exemplo, um médico pode pressionar o escorrimento da fleuma sob o efeito de alimentos e bebidas acres, trazendo à visão um indício para seu julgamento do caso. Do mesmo modo, forçar a respiração através de corridas ou atrair suores e esvaziamentos de líquidos para evidenciar as informações que se tenha a revelar. Portanto, as matérias podem ser atraídas por diversos meios e vias e trazerem os indícios.

[...]. Também não é espantoso que, nesses casos, os diagnósticos seguros exigem mais tempo e as intervenções dispõem de menos tempo, já que são intérpretes estranhos que transmitem as informações sobre esses casos à inteligência que os cuida. (§12)

Ao concluir seu discurso, o autor retoma com eloquência os enunciados essenciais da demonstração de sua tese. A força das palavras procurou demonstrar a verdade de suas posições, embora em seu julgamento considere que a maior prova da existência da arte é aquela realizada por aqueles que a praticam. A realidade dos fatos é superior aos discursos retóricos atacados em sua abertura.

Assim, pois, que a medicina encerra nela mesma os raciocínios plenos de recursos para levar socorro, que ela tem razão em não tratar as doenças que não se podem recuperar, ou que, para as doenças tratáveis, ela pode concluir um tratamento isento de falhas: tudo isso, as palavras pronunciadas presentemente o mostram, assim como as demonstrações daqueles que conhecem a arte, demonstrações que fazem com maior prazer pelos atos do que pelas palavras, porque eles não têm uma prática completa do discurso, mas estimam que a convicção do público que nasce do que ele vê é mais íntima do que aquela que nasce do que ele ouve. (§13)

---

<sup>207</sup> Expressão do autor, *Da arte*, (§12) em Anexo.

#### **4. *Da medicina antiga* e a recusa das hipóteses filosóficas.**

Se os adversários evocados no tratado *Da arte* depreciavam a arte médica com discursos sem comprovação, *Da medicina antiga* polemiza com outro tipo de opositores. O texto, escrito possivelmente no fim do séc. V a.C. ou no início do séc. IV a.C., denomina-os inovadores por pretenderem a inserção de postulados do pensamento especulativo sobre a natureza como fundamentos da medicina. O tratado se ocupa essencialmente dessa problemática e compõe a defesa da autonomia médica, alegando que desde suas origens não foi necessário recorrer a nenhum pressuposto concebido por outros domínios. Para isso, analisa criticamente as premissas envolvidas na discussão para esclarecer as diferentes concepções a respeito, seja os elementos que fazem parte da constituição do homem e da natureza, seja a questão das causas de doenças. Trata-se de um registro valioso da recusa de um autor hipocrático à tentativa de tornarem sua arte tributária das aquisições filosóficas, ao mesmo tempo em que expõe e amplia a definição de seus métodos e princípios. “Na verdade, ele inverte a tese, a filosofia é que se tornaria tributária das aquisições fornecidas pela medicina, essa sim, a única ciência verdadeira do homem”<sup>208</sup>.

A medicina é uma aquisição humana e não uma dádiva divina. Com esse espírito, *Da medicina antiga* faz uma exposição sobre as origens e as condições de seu aparecimento, considerando a descoberta da relação entre a alimentação e a saúde como fundamental na passagem de uma vida selvagem a uma vida propriamente humana. Não fosse isso, o acaso teria regido toda a sorte de doenças. O tratado defende e confia nas descobertas da medicina a respeito do que ainda se ignora, a depender de homens munidos dos conhecimentos já conquistados e que devem conduzi-la com os mesmos métodos e pressupostos que a trouxeram até ali.

##### **4.1. Recusa de postulados filosóficos e da concepção de causa única.**

Todos aqueles que, tendo empreendido tratar sobre a medicina, oralmente ou por escrito, colocam como fundamento de sua tese uma hipótese tal como o calor, o frio, o úmido, o seco, ou qualquer outra de sua escolha, simplificando a causa original das doenças e da morte entre os homens e postulando, em todos os casos, a mesma causa, um

---

<sup>208</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 73.

ou dois princípios, cometem erros evidentes exatamente sobre muitos pontos de suas teses. (§1)

A questão formaliza o debate sobre os fundamentos<sup>209</sup> das duas formas de conhecimento. A posição médica é clara: são concepções arbitrárias e simplificadoras que atingem uma arte que existe de forma autônoma. A inserção de novos postulados não serve à medicina. Segundo o autor, isso somente acontece quando se pretende dizer coisas a respeito de questões *duvidosas e invisíveis*, como no caso das coisas que estão no céu ou sob a terra, as cosmologias, e que, mesmo ao dizê-las, nem aquele que expõe nem aquele que escuta podem saber o que é a verdade. Essas formas de discurso não possuem critérios de exatidão do conhecimento.

A medicina não é invisível nem duvidosa e, portanto, não pode se fundamentar em hipóteses da especulação filosófica sobre a natureza. Ao contrário, explica o autor, há muito tempo ela possui todos os meios de um caminho seguro ao conhecimento que beneficia a saúde dos homens. As descobertas já adquiridas devem ser tomadas como pontos de partida para o avanço das pesquisas. Assim, aqueles que rejeitam essa forma já bem estabelecida da arte e pretendem empreender investigações sob outras formas, se enganam sem cessar.

A exposição desses primeiros argumentos permite distinguir algo determinante para a polêmica em questão: a delimitação dos campos de investigação. O interesse da medicina diverge daquele da pesquisa filosófica, pois os médicos se propõem a investigar e expor um conhecimento a respeito das doenças humanas e conhecer a natureza humana a partir daqueles que as padecem. É interessante observar que, ao apresentar os objetivos de sua arte, o autor enfatiza a importância da comunicação com os leigos, na medida em que eles fazem parte do conhecimento das doenças que sofrem.

E, acima de tudo me parece que devemos, quando se tratar desta arte, expor as coisas que sejam concebíveis pelos leigos. Porque o objeto que lhe convém pesquisar e expor não é outro senão o das afecções de que essas pessoas mesmas são atingidas e sofrem. Sem dúvida, não lhes é fácil conhecer perfeitamente por elas mesmas suas próprias afecções, o modo como nascem e como cessam, as causas que lhe fazem crescer e declinar, pois são leigos; mas quando elas são descobertas e expostas por um outro, é fácil. Pois não se trata de outra

---

<sup>209</sup> A palavra *hypothesis*, em um de seus mais antigos usos, não possui o sentido moderno de “verificável pela experiência”, mas em seu sentido primeiro e concreto daquilo “que está colocado sob”, “tese”, “fundamento”, que não necessita de demonstração, justamente o método de raciocínio de seus adversários. Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 248, nota 2.



coisa senão de rememorar, escutando-os, os acidentes que lhes aconteceram. Ao contrário, se passamos ao lado da faculdade de compreensão dos leigos, e se não colocamos as pessoas que escutam, nessa disposição de espírito, passaremos ao lado da realidade. É também por essas mesmas razões que a medicina não precisa, de forma alguma, colocar um postulado. (§2)

#### 4.2. Origens da medicina: a descoberta da alimentação como causa.

A medicina é uma antiga aquisição humana e foi a necessidade que pressionou a busca por conhecimentos que forjaram a arte médica. Na tese do autor, a primeira forma de alimentação humana, baseada em alimentos crus como a dos animais, foi a responsável pela provação de muitos sofrimentos, dores e até mesmo a morte, impondo a busca de um regime mais adaptado ao homem.

Ayache<sup>210</sup> comenta que a origem do homem e a origem da medicina são idênticas em *Da medicina antiga*. O homem não “é um composto natural de elementos naturais, mas ele mesmo é obra da arte”. A tese que o tratado defende é a inviabilidade da existência humana em um estado puro de natureza. Há limites no corpo humano para se adequar às qualidades dos alimentos disponíveis em uma natureza diversa, com a qual não possui continuidade direta e da qual depende. Nesse sentido, a ideia de saúde do homem implica considerá-lo não como uma simples soma equilibrada de seus elementos intrínsecos, mas como o polo de uma relação sempre mediada com a natureza, apenas na medida do assimilável na unidade de seu organismo. Essa condição leva, necessariamente, a um tipo de conhecimento fundamental que caracteriza uma das marcas do processo de cultura humana.

A arte culinária é a primeira forma da arte médica. É possível compreender porque o método arqueológico seguido pelo autor hipocrático se opõe às cosmogonias filosóficas: o autor parte de uma relação primeira impossível do homem com o mundo (a condição natural) e regressa analiticamente dessa impossibilidade às condições que permitiram a realidade humana. [...]. Ao contrário, os filósofos partem de elementos positivos e abstratos (água, terra, fogo, ar) que compõem formalmente para construir a espécie humana. O médico concebe o ser como relacional. E não abstrai jamais os elementos do todo que os condiciona. Sua questão arqueológica é: que tipo de relação possibilita a existência dos homens no cosmos? E não: que adição de elementos compõem o homem.<sup>211</sup>

---

<sup>210</sup> AYACHE, L., 1992, p. 58.

<sup>211</sup> Ibid., p. 59.

A concepção de homem em *Da medicina antiga* não é uma definição geral abstrata. O homem é definido por sua natureza relacional, inserido por meio dos vínculos que acontecem entre os elementos constitutivos de seu corpo com aqueles que constituem a natureza. Foi assim, diz o autor, que entre erros e acertos, os homens souberam encontrar seus recursos discernindo a respeito das qualidades dos alimentos e dos procedimentos de preparo para atenuar aquilo que fosse forte para a ingestão, como por exemplo, o cozimento, a moagem, a diluição, o ato de molhar o trigo para a confecção de pães etc. O resultado foi a prevalência de uma alimentação bem tolerada pelos indivíduos que se provou causa de sobrevivência, crescimento e saúde. Basta lançar um olhar de contraste entre o primeiro e o segundo tipo de regimes descritos para identificar claramente a medicina em seus primórdios. Assim, bem afastada de uma pesquisa puramente especulativa, a definição de medicina decorre naturalmente dessa perspectiva empírica:

Ora, a esta descoberta e a essa investigação, que nome mais justo ou mais adequado poderíamos dar do que o de medicina, já que se trata de uma descoberta feita para a saúde, a salvação e a alimentação do homem, em substituição daquele regime que estava na origem dos sofrimentos, das doenças e da morte? (§3)

A presença de um tipo específico de raciocínio voltado à doença e à saúde foi se refinando na discriminação de grupos alimentares, desde os totalmente nocivos para o homem, aqueles que são benéficos em condições saudáveis e os mais indicados para os debilitados. O conhecimento foi se constituindo por meio de conclusões gerais sobre casos particulares. A conquista em assuntos tão valiosos quanto esse deve causar admiração e, para o autor, esses fatos demonstram nitidamente a autonomia da arte e sua possibilidade de ser descoberta por inteiro seguindo essa mesma via.

Que diferença aparece então entre o raciocínio do homem chamado médico e reconhecido como especialista da arte, que descobriu o regime e a alimentação dos doentes e o raciocínio do homem que, na origem, encontrou e preparou para todos os homens a alimentação que nós usamos hoje, no lugar do regime selvagem e animalesco de outrora? A meu ver, o que parece é a identidade do método, é a unidade e similitude da descoberta. Um procurou retirar todos os alimentos ingeridos dos quais a natureza humana em um estado de saúde não era capaz de assimilar devido às suas propriedades bestiais e sem moderação, e o outro todos os alimentos que o doente, na disposição em que se encontrava a cada vez, não poderia assimilar. Em que então esta investigação difere daquela, senão que esta tem

mais faces, ela é mais diversificada e que ela exige maior habilidade operatória? Mas, o ponto de partida foi aquela investigação, que foi a primeira. (§7)

Daquele ponto originário, as coisas e as tarefas teriam sido fáceis, se bastasse apenas considerar inadequados os alimentos fortes e adotar somente os favoráveis ao restabelecimento e manutenção da saúde. No entanto, foi necessário maior conhecimento sobre as causas visando maior acuidade nos tratamentos de doenças já instaladas, uma vez que a primeira orientação geral também se mostrou capaz de erros e danos. Não se trata mais da nomeação de uma arte; os especialistas foram desafiados no sentido de saber operar um número maior de observações mais refinadas para estabelecer corretamente as relações entre as afecções e as intervenções específicas em cada caso.

Por uma ampliação da margem de segurança do conhecimento, as observações oriundas tanto dos tipos de alimentos quanto da dinâmica das doenças evidenciaram a importância do estabelecimento de parâmetros de medida, tanto quantitativas, que visam regular os extremos causados pela fome e pela saciedade, como qualitativas, que devem indicar as potências de ação de cada elemento no conjunto.

Eis porque as tarefas do médico são muito mais diversificadas e requerem uma exatidão bem maior. É necessário, com efeito, visar uma medida; ora, não há medida – nem sequer um número ou um peso – à qual pudéssemos nos referir para conhecer o que é exato, a não ser a sensação do corpo. Também é um trabalho que deve adquirir um saber muito exato para não cometer senão pequenos erros daqui ou de lá. O médico, ao qual eu dirigiria vivos elogios, é aquele que não cometeria mais do que pequenos erros, pois a precisão perfeita é um espetáculo raro. É que a maioria dos médicos me parece sofrer a mesma sorte dos maus pilotos de navios. De fato, essas pessoas quando cometem um erro pilotando em tempos calmos, o fazem sem que percebam, mas quando são tomados por um forte temporal e um vento que os faz derivar, a partir daí é bem claro aos olhos de todos, que por sua ignorância e seus erros, eles perderam o navio. (§9)

As medidas exatas não são possíveis em medicina, pois *não há modelo natural matemático da composição dos homens*<sup>212</sup>. Deve-se procurar sempre a proximidade com a precisão necessária em cada constituição individual, não esquecendo que a perfeição é *um espetáculo raro*. Nesse sentido, amplia-se a responsabilidade médica e o elogio deve ser dirigido àqueles que cometem somente pequenos erros mesmo em grandes

---

<sup>212</sup> AYACHE, L., 1992, p. 60.

dificuldades. A medida está na sensação do corpo, tal como o doente o percebe ao sinalizar suas oscilações. A participação dos doentes já tinha sido evocada pelo autor ao definir a medicina e seus objetivos.

#### **4.3. Causas naturais: a mistura de qualidades nos alimentos e no homem.**

Com a identificação dos primórdios da arte médica na história do homem, o discurso em defesa de sua autonomia se fortalece e o tratado retoma o ataque à tentativa de inserção de postulados filosóficos na medicina. Munido desse espírito, o autor admite a tese oposta. Se considerássemos que a causa de uma doença no homem fosse um desses princípios - o quente, o frio, o seco ou o úmido -, deveríamos aportar cuidados a partir da teoria dos contrários, ou seja, o quente contra o frio, o frio contra o quente, o seco contra o úmido e o úmido contra o seco.

Que me escolham um homem, não entre aqueles que têm uma constituição forte, mas entre aqueles que a têm fraca; que ele coma grãos de trigo recém colhidos, crus e sem preparação, assim como carnes cruas e beba água. Seguindo esse regime, ele será vítima, eu o sei bem, de acidentes múltiplos e graves; efetivamente, ele provará sofrimentos, seu corpo ficará sem força, o estado de seu ventre se deteriorará e ele não sobreviverá muito tempo. Que socorro será preciso levar a um homem em um estado como esse? O calor ou o frio, o seco ou o úmido? É evidente que é um desses princípios; pois se a causa do dano é um ou outro entre eles, é por seu contrário que lhe convém suprimi-la, conforme a teoria deles. (§13)

Como se trata de um regime forte, semelhante àquele dos homens primitivos, oferecido a uma pessoa de constituição fraca, o remédio mais seguro e evidente é suprimir a alimentação utilizada, trocando os alimentos crus pelos cozidos e a água pelo vinho, considerado melhor. Assim, a saúde seria restituída rapidamente, diz o autor, caso a alimentação errônea não tivesse sido utilizada por longo período e, evidentemente, já não tivesse avançado nos danos.

Que diremos então? Que ele sofria devido ao frio e que lhe administrando o regime quente em questão, nós fomos úteis a ele? Ou que é o contrário? Eu penso, de minha parte, ter colocado em grande embaraço a pessoa interrogada. Pois aquele que prepara o pão, é o calor ou o frio, o seco ou o úmido que ele tirou dos grãos de trigo? De fato, o que foi submetido ao fogo e ao molhado com a água e que sofreu também outras operações, das quais cada uma possui uma propriedade natural particular, perdeu algumas de suas qualidades

primeiras, mas se acrescentou a outras pelo tempero e pela mistura.  
(§13)

Com o exemplo segue a demonstração da inviabilidade da condução de um tratamento fundamentado na ideia de um princípio único. A filosofia da natureza concebe os fenômenos a partir das transformações de um princípio material primordial – que difere em cada pensador – e não oferece base segura para as intervenções. Suas teorias explicativas não advêm da observação empírica, a única que permite discernir as composições e gerar maior acuidade na compreensão das causas envolvidas em um caso particular. O fato é que os elementos se encontram misturados dinamicamente nos alimentos e no corpo, e necessitam de uma mediação inteligente para se harmonizarem.

Na pesquisa dos tratamentos e remédios, observações meticulosas da arte médica revelaram o poder das formas de preparo e a arte das misturas de alimentos e bebidas, visando diferentes ações nos corpos debilitados. De um modo ou de outro, cada preparação modifica algo na dinâmica das doenças e cada uma delas não se parece em nada com outra. Assim, as propriedades do que se ingere podem alcançar uma grande potência, a depender do estágio de uma doença, e devemos, evidentemente, compreender todo o possível a respeito delas. Ao concluir esse ponto, o autor ataca: aqueles que não possuem esse saber, o mais útil e necessário nesses casos, como poderiam conhecer as afecções que atingem o homem?

A medicina atingiu o conjunto desses conhecimentos sempre de forma autônoma e *conforme a natureza do homem*. E o percurso foi a tal ponto admirável, diz o autor, que os primeiros chegaram a pensar “que a arte médica deveria ser atribuída a um deus, o que é efetivamente a crença usual”<sup>213</sup>.

Marcada a distância das hipóteses filosóficas, o discurso volta aos fundamentos da arte médica propriamente. A causa das doenças, portanto, não é o seco ou o úmido, nem o calor nem o frio e nenhum outro princípio isolado desses, mas aquilo que é forte em cada alimento e que ultrapassa a capacidade de absorção humana. Ou seja, o mais forte no doce é o *mais doce*, no amargo, o *mais amargo*, no ácido, o *mais ácido* e em cada uma de todas essas substâncias presentes, o grau extremo. Junto a isso, deve-se considerar que todas essas substâncias também se encontram no homem: o salgado, o doce, o ácido, o azedo, o insosso e *mil outras*, variando em força e quantidade. Enfim,

---

<sup>213</sup> Essa é a única passagem onde o autor faz alusão à crença tradicional na origem mítica da medicina. Para ele, como vimos, ela é uma conquista da razão humana diante do acaso e da necessidade e somente ela compreendeu a verdadeira natureza humana. *Da medicina antiga*, (§14) em Anexo.

existem muitas qualidades e muitas composições de misturas. A questão, portanto, está nas propriedades de conjunto adquiridas pela forma como se encontram combinadas tanto nos alimentos quanto no homem. Na alimentação habitual que não gera incômodo, elas se encontram misturadas e temperadas umas pelas outras. Os danos e os sofrimentos surgem sempre que houver uma quebra do equilíbrio da composição, causado pelo isolamento ou separação<sup>214</sup> de um dos elementos.

Em compensação, tudo o que o homem come ou bebe regularmente, esses alimentos participam evidentemente menos que todos os outros, a um humor intemperado e predominante, como por exemplo, o pão de trigo, a torta de sorgo, e outros alimentos análogos que o homem tem o costume de usar em grande quantidade e diariamente [...]. Esses alimentos, embora penetrem bem e em grande quantidade no homem, causam menos do que qualquer outro, problemas e separações das qualidades nos corpos, e mais que qualquer outro, força, crescimento e nutrição; por essa única razão, eles são bem temperados e não contêm nada de destempero, nem de forte, mas formam na sua totalidade uma unidade simples. (§14)

Nessa passagem, temos a primeira referência do texto aos humores: um alimento com qualidades apropriadas não contribui para o destempero de um humor, pois não aporta forças de desequilíbrio. Um dos postulados da arte médica poderia ser enunciado dessa forma: alimentos e humores participam do mesmo princípio de explicação das doenças. O autor hipocrático “introduz aqui uma ideia original de uma dupla causalidade: uma causalidade interna (a ruptura da crase dos humores internos) e uma causalidade externa (a força e a intemperança dos alimentos que destroem a crase)”<sup>215</sup>.

Ora, os inovadores da medicina simplificam muito as coisas quando dizem compreender tudo a partir de um único princípio, pois atribuem a cada alimento apenas uma qualidade à parte e em si, seja o frio, o quente, o seco ou o úmido, sem a associação de outras, como o ácido, o amargo, o salgado ou o doce, o que causa impasses nos tratamentos. Caso fosse indicada a ingestão de algo quente contra uma doença, dever-se-ia definir exatamente qual de todos os alimentos que aportam essa qualidade seria o mais favorável, pois trazem junto outras qualidades, como o azedo ou o ácido, gerando efeitos contrários. No caso do elemento quente no corpo, ele não é separado e sempre se compõe com o frio, pois ambos costumam ser moderados e temperados um pelo outro sem propiciar danos, exceto se houver isolamento de um

<sup>214</sup> Essa afirmação é comparável à ideia de isonomia de forças ou mistura equilibrada das potências como causa de saúde, defendida por Alcmeão de Crotona, conforme cap. I, item 2.3.

<sup>215</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 257, nota 65.

deles. Caso isso ocorra, imediatamente o princípio oposto estará sempre presente procurando restaurar o equilíbrio, tal o zelo com o qual se relacionam. Diante disso tudo, conclui o autor, nada há de temível a esperar desses princípios, pois eles interagem espontaneamente a favor da moderação. O quente em si não pode ser causa de doenças.

O que causa então o dano são essas qualidades; o quente é como um auxiliar que também é presente participando na força na medida em que o princípio que dirige a possui, exacerbando-se e crescendo com ele, mas não possuindo nenhum poder maior do que aquele que lhe é próprio. (§17)

Com esse argumento o autor acredita ter derrubado a tese do princípio único como causa, e complementa com uma coleção de situações clínicas<sup>216</sup> expondo em detalhes todo o raciocínio das intervenções. Os casos demonstram de forma detalhada todo o encadeamento de movimentos e consequências que constituem toda a dinâmica corporal, junto a noções fundamentais elaboradas pela arte. Assim, por exemplo, encontramos a ideia de boa *mistura*, que designa uma composição equilibrada de humores e qualidades como base de saúde ou, ao contrário, a necessidade de ocorrer uma mudança para outra composição a fim de cessar os sintomas. Outro processo essencial é a *cocção* das substâncias no interior do corpo, como um tipo de *cozimento* necessário, tanto dos alimentos ingeridos quanto dos humores corporais, operando transformações que visam o reequilíbrio da interação de forças. E por último, novamente, a ideia central da fonte de sofrimentos, sempre desencadeados por separação e isolamento de elementos, e a busca natural do corpo, ou mediada pelo conhecimento médico, de restauração da harmonia por meio de forças de atração contrárias.

[...] quanto mais numerosas são as substâncias que se misturam, mais elas se suavizam e melhoram. O homem se encontra na condição mais excelente de todas quando as substâncias estão em estado de cocção e de calma, sem manifestar nenhum poder particular.<sup>217</sup>

Na concepção médica, portanto, as causas naturais das afecções se manifestam na pluralidade de substâncias presentes na natureza e no homem, assim como no equilíbrio e desequilíbrio de suas misturas. O aporte da arte médica, especificamente, é a diferenciação dos regimes em função das individualidades.

<sup>216</sup> Ver (§18) e (§19) de *Da medicina antiga*, em Anexo.

<sup>217</sup> *Da medicina antiga*, (§18) em Anexo.

#### 4.4. A medicina: o verdadeiro conhecimento da natureza humana.

No entanto alguns médicos e certos sábios declaram que não é possível conhecer a medicina se não conhecemos o que é o homem, e esse saber o devem adquirir aqueles que têm a intenção de cuidar corretamente dos homens. E o discurso dessas pessoas se dá no sentido da filosofia, como o de Empédocles ou outros que, a propósito da natureza, escreveram o que é o homem remontando à origem, como ele se forma no início e de quais elementos ele se constitui. Mas considero que, tudo o que foi dito ou escrito sobre a natureza por tal sábio ou tal médico, tem menos relação com a arte da medicina do que com a arte da pintura, e penso que para ter algum conhecimento preciso sobre a natureza não existe nenhuma outra fonte senão a medicina. (§20)

A célebre passagem é incisiva e formaliza a posição da medicina em relação à filosofia exatamente sobre a questão dos métodos. A verdadeira fonte de conhecimento sobre a natureza e o homem define a arte médica, enquanto a filosofia é aproximada à arte da pintura, composição livre de belos quadros. O autor se dirige aos sábios<sup>218</sup>, aqueles que discursam e escrevem de forma especulativa sobre os fundamentos da natureza (*physis*), uma alusão aos diversos tratados dos fisiólogos e a alguns médicos partidários desse procedimento. Para esses pensadores devemos primeiro remontar à origem do homem – como ele se forma e quais são os elementos que o constituem – para orientar os tratamentos médicos. Para Jouanna<sup>219</sup>, a menção a Empédocles é totalmente excepcional, pois não seria comum entre os gregos citar nomeadamente um adversário, e explica que os eruditos se questionam se ele é citado em *Da medicina antiga* como um representante exemplar dos médicos-filósofos em geral ou se haveria uma referência mais clara à proposta cosmológica, defendida por ele, das quatro raízes fundamentais da natureza.

O autor reafirma enfaticamente que todos esses pensadores não atingiram o conhecimento que pretendiam com seus postulados arbitrários, pois a única possibilidade de conhecimento sobre o homem, as causas de sua formação e tudo o que está contido nele com exatidão, está na admissão do método da medicina em sua totalidade.

<sup>218</sup> A palavra em grego é *sophistai*, mas não designa ainda *sofistas*, especialização que se dará com Platão. A questão aqui está na diferenciação de métodos e se refere aos fisiólogos. Cf. JOUANNA, J., *op. cit.*, p. 261.

<sup>219</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 261, nota 102.



Não é então possível formular um postulado geral sobre a natureza (no singular), como gostariam de fazer os filósofos: somente a medicina por observação e estudo dessa multiplicidade de casos particulares, pode conseguir discernir as naturezas (no plural) e as diversas constituições humanas.<sup>220</sup>

Uma distinção importante é colocada ao final. Além dos adoecimentos provenientes das qualidades, eles podem ocorrer também devido às configurações (*schêmata*), ou seja, podem advir das partes internas do corpo, aqui designando órgãos. A forma anatômica dos órgãos é associada à sua função na dinâmica corporal. Os exemplos se apoiam na relação entre a capacidade de absorção de líquidos e movimentos do ar com a forma e a textura dos órgãos.

Assim, o autor explica que as partes do interior do homem têm configurações naturais e podem ser ocas, por exemplo, como a bexiga, a cabeça e, entre as mulheres, o útero. Evidentemente essas partes são as que atraem mais líquidos e são constantemente preenchidas por eles. Se forem largas, são as mais aptas de todas para recebê-los, embora não possam aspirar tão bem quanto as menores. No caso das partes duras e arredondadas, isso não é possível, pois os líquidos apenas deslizam ao redor na falta de um lugar para ficar. As partes esponjosas e porosas, como o baço, o pulmão e o seio, em contato com um humor, são as mais aptas a absorver, a endurecer e aumentar justamente pela absorção do líquido e não se esvaziam facilmente, ao contrário, se preenchem inteiramente enrijecendo e compactando, impedindo ali as operações de cocção ou de evacuação. Ventre e tórax acolhem cólicas e ruídos, por serem ocos e espaçosos às movimentações perceptíveis dos ventos, e as partes carnudas e moles podem gerar entorpecimentos e obstruções.

Esse tipo de descrição demonstra bem um tipo de raciocínio analógico característico nos tratados médicos, pois estabelece noções a respeito da dinâmica interna do corpo tendo como referência a observação das manifestações da natureza como o movimento dos líquidos, as densidades da matéria, como dureza ou porosidade, os tamanhos das estruturas, a movimentação do ar e sons no espaço, esvaziamentos e preenchimentos. Além disso, as partes externas do corpo também podem ser consideradas como configurações e o médico deve conhecer bem as diferenciações para compreender as causas dos males que elas podem abrigar, por exemplo, a forma e tamanho da cabeça, do pescoço, um ventre alongado ou arredondado, ou largura e

---

<sup>220</sup> JOUANNA, J., 1999, p. 262, nota 105.

estreiteza do tórax. Como podemos ver, além da singularidade das composições e as qualidades que definem cada caso, a medicina considera a singularidade da própria estrutura e forma do corpo.

No entanto, a questão das qualidades ganha relevância ao final do tratado ao lermos ainda uma pequena exposição sobre a relação entre os humores e como se comportam em suas transformações, teoria fundamental da medicina hipocrática, como veremos em *Da natureza humana*. Cada um dos humores exerce uma ação específica sobre o homem e entre eles é possível reconhecer graus de parentesco quando se observa a sequência de suas transformações. Por exemplo, o humor doce, que dizem ser o mais apropriado aos homens, ao mudar o seu estado, segue primeiro para a qualidade ácida. A observação de tal regularidade é mais uma evidência para o entendimento de uma doença e condução do tratamento, além de ser mais uma prova da potência do método. A partir do que se vê pode-se atingir o que não se vê, afirmação que já conhecemos no tratado *Da arte*, cujo sentido é reafirmado aqui:

Quem fosse assim capaz, graças a uma pesquisa a partir dos fenômenos exteriores de atingir a verdade, seria igualmente capaz de escolher entre todos os tratamentos sempre o melhor. Pois o melhor é sempre o que é mais afastado do inapropriado.  
(§24)

## **5. *Da natureza do homem e o pluralismo causal.***

De forma análoga à *Da medicina antiga*, *Da natureza do homem* é mais um discurso de refutação às hipóteses filosóficas na medicina. No entanto, nesse caso, a polêmica é dirigida especificamente às concepções monistas sobre a natureza do homem, com adeptos no interior da própria arte médica. Para o autor hipocrático, esses tipos de teorias são incapazes de explicar a diversidade de doenças e remédios. No interior dessa discussão é apresentada a teoria dos quatro humores, os verdadeiros constituintes da natureza humana, que dominou a medicina ocidental até a época moderna. A redação do tratado é situada ao final do séc. V a.C. e é atribuída a Pólibo, discípulo e genro de Hipócrates<sup>221</sup>. O texto possui vinte e quatro seções, das quais examinaremos nove, onde se encontram as discussões que interessam ao nosso estudo.

---

<sup>221</sup> A alegação da autoria é baseada no testemunho de Aristóteles que, no texto *História dos animais* (III, 512 b12-513 a 7) praticamente transcreve o parágrafo 11 do tratado, constituído por uma importante descrição dos vasos do corpo, e cita Pólibo como o autor da exposição.

As seções que completam o tratado são consagradas às descrições de patologias, suas causas e tratamentos sob a luz da teoria humoral e uma parte a respeito do regime saudável que teria sido editada à parte e reunida posteriormente. As duas últimas seções foram incluídas acidentalmente na transmissão do texto<sup>222</sup>.

### 5.1. Ataque às teorias monistas: filosóficas e médicas.

Por se tratar de um discurso pronunciado diante de um auditório, Pólibo adverte que a exposição não se dirigirá àqueles que estão acostumados a ouvir os que falam sobre a natureza humana fora dos domínios que concerne à medicina<sup>223</sup>. Primeiramente, declara sua oposição aos que dizem que o homem seja ar, fogo, água, terra ou qualquer outra substância que não seja evidente no interior do próprio homem. Os que pensam dessa forma pretendem que *o que existe é um e o que está aí, é o um e o todo*, mas não possuem um conhecimento exato das coisas, pois suas teses não oferecem provas capazes de decidir. Todos utilizam o mesmo raciocínio, mas não dizem as mesmas coisas e discordam constantemente sobre o elemento primordial.

Podemos nos dar conta disso, sobretudo, nos espetáculos de seus combates oratórios: quando os mesmos adversários se defrontam diante do mesmo público, nunca acontece que o mesmo seja três vezes em seguida vencedor da discussão; na primeira parte é um que triunfa, na segunda é outro, e na terceira, aquele que, por sorte se mostre mais loquaz diante da multidão. No entanto, é justo aceitar que aquele que pretende possuir um conhecimento exato das coisas, faça seu discurso sempre triunfar se esse conhecimento repousar, efetivamente, sobre a realidade e a demonstração for exata. Parece-me, porém, que, por inabilidade, tais indivíduos são derrubados por eles mesmos nos termos de suas teses e restabelecem o discurso de Melisso.<sup>224</sup> (§1)

<sup>222</sup> Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 166.

<sup>223</sup> As pesquisas sobre a natureza do homem e dos seres vivos eram muito debatidas naquele período; cosmólogos ou filósofos e médicos tentavam explicar a natureza do homem a partir dos primeiros elementos. *Da medicina antiga* e *Da natureza do homem* se opõem a esses discursos que procuravam tornar a medicina um ramo da filosofia. Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 297.

<sup>224</sup> A variabilidade de resultados das discussões depõe contra os próprios debatedores do princípio único. As divergências de opiniões acabam refutando a tese da unidade absoluta. Melisso de Samos é partidário do monismo eleata, que afirma justamente a falsidade do conhecimento sensível, sujeito às mudanças, que representam o *não-ser*. Se as coisas fossem reais, não mudariam, pois não existem coisas múltiplas, só a unidade existe. O ser primordial é uno, imutável, infinito e incorpóreo, privado de qualquer figura que o determine. Melisso eliminou o campo das opiniões, pois as coisas não permanecem como nos apareceram. A verdade é idêntica e imutável como o uno e somente a razão pode conhecer a única realidade da verdade que é o ser. Ver Melisso DK 30 B 8.

A polêmica se volta para os próprios médicos que consideram a existência de uma substância única, seja o nome qualquer que tenham prazer em dar. Alguns pretendem que o homem seja sangue, outros afirmam ser bile e ainda outros, fleuma. E acreditam que essa substância, sendo uma, ao ser coagida pelo frio e pelo calor, muda o aspecto e a propriedade, sofrendo múltiplas modificações, tornando-se doce e amarga, clara e escura e todos os tipos de características. A perspectiva monista está fortemente representada no interior da *Coleção* através do tratado *Dos ventos*<sup>225</sup>, já comentado quando nos referimos à Diogênes de Apolônia.

Pólibo refuta vivamente essas posições e afirma que de forma alguma isso poderia ser assim, pois se o homem fosse uma unidade simples ele não sofreria. Não haveria uma causa para o sofrimento, e mesmo se considerássemos essa possibilidade, seria necessário que houvesse também um único medicamento. No entanto, existem muitos, assim como muitas substâncias estão presentes no corpo. Muitas vezes, contra a natureza, elas se esquentam e se esfriam, se ressecam e se umedecem e geram doenças de muitas formas, exigindo muitos modos de tratamentos. Portanto, aquele que considera que o homem é apenas sangue deve observar que ele não muda de aspecto ou de formas ao longo de um ano ou de uma vida nem ocorre um período qualquer no qual essa única substância aflore inteiramente como se fosse a única. Essas mesmas observações devem ser aplicadas à bile e à fleuma. Diante disso tudo, devemos admitir a necessidade de conceber a constituição da natureza humana de forma plural.

De minha parte, vou demonstrar que os elementos que constituem o homem, a meu ver, são, conforme o costume e conforme à natureza, constantes e invariavelmente idênticos, seja ele jovem, seja velho, durante a estação fria e durante a estação quente. Apresentarei provas e anunciarei as leis necessárias, em virtude das quais cada elemento aumenta e diminui no corpo. (§2)

## 5.2. A reunião e a dissolução dos elementos na formação dos seres.

A teoria da geração dos seres serve de demonstração da tese pluralista. Necessariamente, a gênese não se dá a partir de um só indivíduo. Deve haver mistura de seres semelhantes que possuam as mesmas propriedades. Além disso, é preciso que o

---

<sup>225</sup> O autor pertence à categoria de pensadores vinculados às teorias de Anaxímenes e Diógenes de Apolônia. Ver JOUANNA, J., 1988, p. 25-26.

calor e o frio, o seco e o úmido estejam presentes se relacionando de forma moderada, sem predominância de um sobre outro, mas com a sorte de formar conjuntamente uma mistura harmoniosa. Caso ocorra o contrário, o nascimento não tem lugar. Se essa é a natureza de todos os seres vivos e do homem em particular, diz o autor, necessariamente o homem não é uma unidade, mas cada um dos elementos que contribuíram para o seu nascimento, cujas propriedades são conservadas no corpo ao longo da vida. E quando o corpo do homem chega ao fim, necessariamente também cada elemento retorna à sua natureza: o úmido ao úmido, o seco ao seco, o calor ao calor e o frio ao frio.

Tudo começa do mesmo modo e tudo chega ao fim do mesmo modo. Pois a natureza dos seres se forma pela reunião de todos os elementos mencionados acima, e termina como foi dito: do mesmo lugar de onde veio cada ser no momento de sua formação, é para lá também que ele retorna<sup>226</sup>. (§3)

Nesse ponto da exposição e sem oferecer uma explicitação maior a respeito, Pólibo realiza uma transposição das quatro qualidades primordiais que participam da gênese dos seres vivos – o úmido, o seco, o quente e o frio –, para os quatro humores corporais, e enuncia a teoria médica que se tornou célebre. A passagem aos humores<sup>227</sup>, os líquidos que se manifestam de forma visível nos corpos, demarca o domínio médico perante as especulações.

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e bile negra<sup>228</sup>. Esta é a natureza do corpo; eis o que é a causa da doença e da saúde. Nessas condições há saúde perfeita quando os humores estão em uma justa proporção entre eles, tanto do ponto de vista da qualidade quanto da quantidade e, sobretudo quando seu casamento é perfeito; há doença quando um desses humores se isola no corpo, em muito pequena ou em grande quantidade, em vez de ficar misturado a todos os outros. (§4)

Quando ocorre a separação de um dos humores, tanto o lugar do qual se deslocou, quanto o lugar onde se acumulou e excedeu, geram dor e sofrimento. A *crase*

---

<sup>226</sup> Sobre a mistura e a separação dos elementos, ver as semelhanças com a doutrina de Empédocles apresentada brevemente no cap. I, item 3 de nosso estudo.

<sup>227</sup> Para a medicina antiga, no corpo circulam líquidos e ar. Por se tratar da defesa de uma tese empírica, os líquidos são perceptíveis pelos escorrimentos exteriores e podem tomar formas muito diferentes. Ver PIGEAUD, J., 2008, p. 149.

<sup>228</sup> Essa formulação poderia ser uma transposição para a medicina do sistema pluralista de Empédocles e seus quatro elementos (água, terra, fogo e ar). Os humores fornecem aos médicos um esquema explicativo: sempre presentes no corpo são sujeitos a variações, devido tanto a fatores internos quanto externos. Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 165.

dos humores, ou seja, a boa mistura ou a justa proporção interna da composição, determina a saúde. A doença seria então uma *discrasia*, pois reflete a ruptura da proporção que é sempre instável, pois muitas são as variáveis capazes de interferir na dinâmica humoral. Apesar das misturas, os humores guardam sua identidade.

Tendo então prometido mostrar que os elementos que constituem o homem, a meu ver, são sempre idênticos, conforme o costume e conforme a natureza<sup>229</sup>, declaro então que se trata do sangue, da fleuma, da bile amarela e da bile negra.<sup>230</sup> E a meu ver, primeiramente, os humores tem nomes nitidamente distintos, segundo o costume, e nenhum deles tem o mesmo nome; em segundo lugar, conforme a natureza, eles têm aspectos radicalmente diferentes: a fleuma não parece em nada com o sangue, nem o sangue com a bile, nem a bile à fleuma. Como, com efeito, esses humores poderiam se parecer, se eles não oferecem nem a mesma cor à vista nem a mesma sensação ao tocar? Pois, nem o calor, nem o frio, nem o seco, nem o úmido se encontram no mesmo grau. (§5)

A diferença entre os humores, seja em aspecto, seja em relação às propriedades naturais, comprova a impossibilidade de se conceber o homem a partir de uma única substância. Por se tratar de elementos congênitos, os humores o acompanham por toda a vida, o que não poderia ser de outra forma na medida em que ele nasce e é alimentado por uma mulher que os possui também desde o nascimento.

Aqueles que em seus discursos consideram o homem constituído por um só elemento se apoiam em testemunhos nascidos da observação de um determinado humor eliminado no momento da morte, seja bile ou fleuma, e normalmente causado por medicamentos. Os que consideram que é o sangue, assistiram mortes onde ele flui em abundância do corpo e, por isso, acreditam ser ele o princípio vital. Na verdade, segundo o autor, ninguém morre restituindo unicamente um humor. Quando um determinado medicamento é colocado no corpo, primeiro atrai e remove o humor que é mais de acordo com a sua natureza, e depois, necessariamente, atrai e expulsa todos os outros.

<sup>229</sup> O costume (*nomos*) e natureza (*physis*) representam uma antítese que se aplica ao nome e o que ele designa. Nessa passagem, a intenção do autor não é ressaltar a oposição, mas sublinhar a concordância. À diversidade dos nomes, devido ao uso, corresponde a diversidade de suas naturezas. Costume e natureza estão em acordo e reforçam a tese pluralista do autor. Cf. JOUANNA, J., *op. cit.*, p. 301.

<sup>230</sup> Além de ser o primeiro tratado que apresenta de forma elaborada a teoria humoral em sistema quaternário, é o texto mais antigo onde a bile negra aparece no mesmo plano que os outros. Ela aparece pela primeira vez como um humor distinto dos outros, o que permite, conforme comentadores, situar o tratado entre 410 e 399 a.C., entre *Epidemias I-III* onde não era citada, e *Epidemias II-IV e VI*, quando já era bem conhecida. Cf. JOUANNA, J., 1999, p. 167.

Isso ocorre do mesmo modo pelo qual as plantas ou as sementes no interior da terra atraem primeiro as substâncias que estiverem de acordo com a sua natureza, sejam ácidas, amargas, doces, salgadas e de todos os tipos, e depois atraem as outras. Os remédios agem da mesma forma no corpo: ao movimentarem primeiro a bile em forma pura, por exemplo, depois ela virá misturada com os outros humores e, ao final, todos serão mobilizados em novas configurações. A concepção sobre a ação dos medicamentos, em grande parte de origem vegetal, é um exemplo claro do pensamento analógico hipocrático alimentado pelas observações da natureza.

### 5.3. A relação dos humores com a natureza e a teoria dos contrários.

No corpo, além dos humores possuírem uma ação atrativa recíproca e alterarem constantemente as composições, também refletem o estado da totalidade e sofrem a ação dos ciclos da natureza que se manifestam nas quatro estações.

Aqui, o hipocratismo vai do todo ao elemento, definido por suas relações dinâmicas, e não do elemento ao todo, por composição. Aqui ainda, o hipocratismo admite uma realidade essencialmente contraditória, feita de tensões dinâmicas e evoluções dialéticas: não existiria frio sem calor, nem bile sem fleuma. Nessa linha, o texto não atribui uma natureza patogênica ou higiênica a nenhum elemento: tudo depende da harmonia circunstancial, da justa proporção, sem excesso ou falta, que produz uma *crase* singular para um indivíduo, claramente segundo sua idade e a estação.<sup>231</sup>

Ao longo de um ano ocorre alternância das qualidades e variam os tipos de doenças, pois as quatro estações movimentam os quatro humores. No inverno, há aumento da fleuma e suas doenças, pois sua natureza é fria e úmida, assim como o clima. Na primavera, ainda há força da fleuma conservada no corpo, enquanto o sangue cresce e o frio relaxa com as chuvas. O sangue se intensifica sob o efeito das águas e do calor, pois é úmido e quente. Na primavera e no verão, que se produzem muitas hemorragias nasais, o corpo está em seu máximo de calor e a pele é vermelha. Enquanto o sangue conserva a força no verão, a bile aumenta e persiste até o outono, quando então o sangue diminui com o clima contrário à sua natureza. A bile predomina no verão e no outono, quando ocorrem muitos problemas relacionados aos excessos de bile, como febres e coloração da pele. No verão, a fleuma está em seu grau mínimo de força, pois

---

<sup>231</sup>Cf. AYACHE, L., 1992, p. 64.

uma estação quente e seca é contrária à sua natureza. E no outono, é o sangue que atinge seu mínimo ao esfriar o corpo, enquanto a bile negra, ao contrário, atinge seu máximo em quantidade e força até o retorno do inverno, com o retorno do crescimento da fleuma. Da mesma forma que cada estação predomina por um período do ano, o humor correspondente predomina pelo mesmo período. Assim, as doenças do inverno se apagam no verão, aquelas do verão cessam no inverno, as doenças que nascem na primavera, atingem seu termo no outono. E as outonais terminam na primavera.

Portanto, essas substâncias existem perpetuamente como natureza do homem, aumentando e diminuindo conforme o ritmo do todo. Todos os elementos – o calor, o frio, o seco e o úmido – participam igualmente de todos os anos, e se um deles faltasse, nenhum ser poderia subsistir um só instante, porque é em virtude da mesma necessidade, diz o autor, que todos se reúnem e se alimentam mutuamente. E do mesmo modo, se um dos humores congênitos faltasse no homem, ele não teria como viver.

O homem não é uma unidade simples, mas uma harmonia dinâmica de contrários. O autor explica que, como são os contrários os componentes do corpo humano e que eles participam dos ciclos naturais, a medicina deve adotar também a teoria dos contrários para orientar os tratamentos, já que ela é a melhor conduta para a cura. Deve-se saber que as doenças causadas pela saciedade são curadas pela vacuidade e aquelas que provêm do esvaziamento são curadas pela saciedade. As que nascem dos exercícios se curam pelo repouso e as que são causadas por inação são curadas por exercício. Assim, o médico deve sempre se colocar em oposição às características das doenças, das estações e das idades, procurar relaxar o que estiver tenso e retesar o que estiver relaxado, orientação característica da medicina hipocrática.

O enunciado final é considerado uma inclusão acidental na transmissão do texto e não seria dirigido aos médicos, mas aos homens em geral: “Um homem sensato, pensando que para os homens a saúde é o bem mais precioso, no caso de doenças, deve saber encontrar socorro em seu próprio juízo (§24)”.



## CONCLUSÃO

A análise dos tratados ressaltou a natureza das questões presentes no debate que caracteriza o momento da constituição da medicina como uma *tecné*. Verificamos que os autores hipocráticos definiram e esclareceram os seus métodos e pressupostos não apenas diante dos discursos filosóficos que pretendiam fundamentar as teorias médicas, mas também se dirigiram aos próprios médicos que admitiam teses cosmológicas em suas práticas. A sequência de apresentação dos textos procurou estabelecer um caminho pelo qual acompanhamos a defesa médica da causa natural se posicionando diante da etiologia divina, do acaso e das concepções monistas e pluralistas da filosofia. Toda a exposição dos argumentos nos permite a apreensão de um discurso sobre a natureza humana próprio da arte médica e que procuraremos caracterizar em linhas gerais ao final de nosso percurso.

Assim, após a medicina hipocrática, não é mais no ritmo dos caprichos ou da justiça dos deuses que os assuntos humanos se realizam, mas é no ritmo das estações que os humores no corpo aumentam ou diminuem, segundo uma lei natural<sup>232</sup>.

*Da doença sagrada* dessacralizou todas as doenças e as instalou no âmbito natural, com potências e formas que lhes são próprias. A oposição à regulação divina, compartilhada pela filosofia, não se estabeleceu a partir das especulações da razão, mas nas teorias a respeito de uma doença em particular. Assim, ficou demonstrado o enraizamento do homem nas regularidades da *physis* através do corpo, usando como fundamentação a teoria da hereditariedade para explicar a transmissão de características humanas, pesquisa também desenvolvida pelos filósofos.

O corpo do homem, antes concebido como uma “caixa escura”, começa a ganhar profundidade. A noção geral de natureza humana elaborada pelo discurso filosófico não serve aos hipocráticos, pois o método de pesquisas sobre as causas das doenças descoberto pela arte afastou as hipóteses do acaso e revelou que os homens possuem naturezas particulares que reagem de formas diversas às coisas que lhes chegam de fora. Desse modo, estabeleceu parâmetros para aquilo que é correto e incorreto, e todos os recursos médicos contra o acaso repousam sobre o conhecimento da ordem dos porquês.

Além disso, considerando a condição de fragilidade do homem na natureza, tese desenvolvida em *Da medicina antiga*, ele próprio se vê forçado a intermediar e

---

<sup>232</sup> JOUANNA, J., 1995, p. 42.

estabelecer condições favoráveis de vida, o que lhe confere um caráter relacional que deve ser constantemente aperfeiçoado. Como os efeitos de cada medicamento ou alimento são determinados por um conjunto particular de circunstâncias, apreendemos a presença de uma noção de individualidade. Na análise de Pigeaud<sup>233</sup>, “há uma história da descoberta de nosso corpo, como corpo particular e individual”, e para ele, o tratado *Da medicina antiga* é um documento essencial para essa reflexão ao afirmar que a medicina nasce justamente a partir da percepção das diferenças de natureza.

*Da medicina antiga* é um escrito fundamental na medida em que testemunha a tomada de consciência do corpo pelo doente e pelo médico, a emergência de um sentir-se si mesmo como norma de saúde, como regulação do regime e como o elemento que determina a passagem da natureza à cultura. [...]. É então um corpo fisiológico, um corpo vivo, um corpo que sofre, que se constitui: e um corpo que tem a sua função no processo da história<sup>234</sup>.

Os médicos integraram saúde, doença e natureza humana particular na dinâmica e na temporalidade da *physys*. A noção de doença adquire um caráter dinâmico: à semelhança de um ser vivo com características próprias, ela surge, cresce, regride e avança até alcançar o seu ponto crítico antes de desaparecer ou vencer. Elas não representam mais entidades abstratas vindas de fora e que se instalam em uma pessoa, mas são histórias singulares em curso, que devem ser acompanhadas em seu conjunto de sinais com alto nível de observação e reflexão prognóstica.

O médico hipocrático é confrontado com uma realidade fluente que interdita todo recurso às receitas fixas: se conformar à natureza é se reger sobre sua inconstância e sua diversidade indefinida, às quais ele deve responder por uma mobilidade similar<sup>235</sup>.

O conhecimento hipocrático das causas naturais das doenças pressupõe que o homem seja constituído de forma plural, ou seja, composto a partir de elementos observáveis constantes e invariavelmente idênticos, que seguem leis necessárias vinculadas à natureza, conforme a exposição da teoria humoral em *Da natureza do homem*. Na fundamentação dessa perspectiva, vimos que o autor recorre à teoria da geração dos seres, também debatida nos meios filosóficos, pois a gênese não se dá a

<sup>233</sup> PIGEAUD, J. *La maladie de l'âme - Étude sur les relations de l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique*. 3. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2006, p. 10.

<sup>234</sup> Ibid., p. 12.

<sup>235</sup> AYACHE, L., 1992, p. 114.

partir de um só indivíduo, deve haver sempre mistura de seres semelhantes que possuam as mesmas propriedades, acrescidas das qualidades do calor e do frio, do seco e do úmido, em proporções corretas. Se essa é a natureza de todos os seres vivos e do homem em particular, necessariamente, ele não deve ser considerado a partir de uma única substância, pois ele é cada um dos elementos que contribuiu para o seu nascimento, cujas propriedades se conservam no corpo ao longo da vida.

Para além de algumas aproximações teóricas pontuais ou formulações semelhantes, os médicos recusam categoricamente as posições monistas e pluralistas a respeito dos fundamentos da natureza concebidas pelo método especulativo, questão amplamente discutida em *Da medicina antiga* e *Da natureza do homem*. Essas formas de discurso não possuem critérios de exatidão e servem para falar de coisas duvidosas e invisíveis, pois o verdadeiro conhecimento a respeito da constituição do homem somente pode ser adquirido por meio do método desenvolvido pela arte, orientado sempre de forma aproximativa para a precisão necessária em cada constituição individual.

O médico não deve tentar recriar o homem a partir de alguns elementos primeiros como um pintor representa o homem a partir de algumas cores fundamentais. Ele deve empreender a tarefa de observar as diferentes reações do corpo humano às diferentes ações do regime (alimentos, bebidas e exercícios). Graças ao estudo causal dessas ações e reações, a medicina substitui assim uma noção geral de natureza humana, que nasce de um saber filosófico (*physis*, no singular) as diferentes categorias de natureza humana obtidas por observação reflexiva (*physeis*, no plural). Desde então a medicina adquire um estatuto novo: ela não está mais a reboque da antropologia filosófica, mas se torna, ela mesma uma ciência do homem<sup>236</sup>.

O conhecimento das causas naturais é uma condição necessária para a existência da arte médica, e os tratados atestam a sua elaboração a partir do estudo da dinâmica dos elementos corporais vinculados à natureza e enunciam um novo discurso sobre o homem.

Aristóteles aportará uma contribuição fundamental para o avanço das relações entre a filosofia da natureza e a medicina, articulando uma teoria geral dos processos naturais, uma doutrina dos elementos e das qualidades, uma concepção dos principais processos da vida animal, trazendo um saber anátomo-fisiológico a partir da dissecação de animais. O médico será uma figura importante na ordem dos conhecimentos, mas será integrado ao pensamento filosófico<sup>237</sup>. Com a revolução filosófica implementada

<sup>236</sup> JOUANNA, J., 1995, p. 51.

<sup>237</sup> GALILE, M. *Philosophie de la médecine*. Fronteire, savoir, clinique. Paris: Vrin, 2011, p. 38.

por Sócrates, Platão e Aristóteles, estabelecendo outra matriz de pensamento, a noção de causalidade será elaborada para além dos elementos corporais.

No séc. II, Galeno de Pérgamo reunirá o pensamento filosófico às doutrinas médicas alexandrinas e hipocráticas, avançando de forma decisiva a compreensão das doenças humanas e reposicionando de uma forma admirável o entrelaçamento sempre vivo que existe entre a medicina e a filosofia.

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia específica:

CORPUS HIPPOCRATE. *Oeuvres complètes d'Hippocrate*. Texto grego, tradução e notas por Émile Littré, 10 vols. Paris: J. B. Baillière, 1839-1861. Reimpressão Amsterdam: A. M. Hakkert 1973-1982.

HIPPOCRATE. 13 vols. Texto grego e tradução J. Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

HIPPOCRATE, *L'Art de la Médecine*. Tradução e apresentação J. Jouanna e C. Magdelaine. Paris: Flammarion, 1999.

HIPPOCRATE. *Des lieux dans l'homme*. Paris: Les Belles Lettres, vol.13, 2000.

HIPPOCRATE – *Des Vents – De l'Art*. Vol.5. Texto estabelecido e traduzido por Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

TRATADOS HIPOCRÁTICOS. 8 vols. Tradução Carlos Garcia Gual. Madrid: Gredos, 2008.

HIPPOCRATES, 8 vols., Texto grego e tradução inglesa por W.H.S.Jones, Coleção Loeb Classical Library, Cambridge: Harvard University Press, 1994.

### Bibliografia geral

ARIKHA, N. *Gli Umori. sangue, flemma e bile*. Itália: Bompiani, 2009.

ARISTÓTELES. *Política*, VII, 1326a 15. Madrid: Gredos, 1998.

\_\_\_\_\_. *Metafísica* I, 5, 986 a. Madrid: Gredos, 1998.

AYACHE, L. *Hippocrate*. Paris: PUF, 1992.

BAILLY, A. *Abrégé du dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 2000.

BARDINET, *Les papyrus médicaux de l'Égypte pharaonique*. Paris: 1995

BATISTA, R. S. *Deuses e Homens – mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy Editora, 2003.

BENVENISTE, E. *Noms d'agent et noms d'actions en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948, p. 78-79.

BOURGEY, L. *Observation et Experience chez les médecins de la collection hippocratique*. Paris: Vrin, 1953.

BRISSON L. *PORPHYRE – Sur la manière dont l’embryon reçoit l’âme*. Librairie Philosophique, J. VRIN, Paris, 2012.

BRISSON, L.; MACÉ, A.; THERME, A. L. *Lire les présocratiques*. Paris: PUF, 2012.

BRUIT ZAIDMAN, L. *Les grecs et leurs dieux: pratiques et representations religieuses dans la cite à l’époque classique*. Paris: Armand Colin, 2005.

BURGOS, J. O. *Hipócrates y los egípcios - Influencias egípcias en la medicina hipocrática do séc. IV a.C*. México: Editorial Universidad Autónoma de Ciudad Juarez, 2009.

BURKET, W. *Religião Grega na época Clássica e Arcaica*. Tradução. M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

BURNETT, C. S. F., JACQUART, D. *Constantine the African and Alī Ibn Al-Abbās Al-Magūsī: The Pantegni and Related Texts*. Leiden: Brill, 1995

BYL, S. *De la médecine magique et religieuse à la médecine rationnelle. Hippocrate*. Paris: L’Harmattan, 2011.

\_\_\_\_\_. *De la médecine magique et religieuse à la médecine rationnelle. Hippocrate. Cap. II - L’etiologie divine dans l’antiquité classique*. Paris: L’Harmattan, 2011.

CAMBIANO, G. *Les présocratiques et la technique*. In: BRISSON, L., MACÉ, A., THERME, A. L., *Lire les présocratiques*. Paris: PUF, 2012, p. 45.

CAMPOLINA D. PEIXOTO, M. *A Saúde dos antigos. Reflexões Gregas e Romanas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

CASERTANO, G. *Os pré-socráticos*. São Paulo Ed. Loyola, 2011, p. 143.

CORPUS HIPPOCRATE. *Oeuvres complètes d’Hippocrate*. Introduction, traduction e notas por Émile Littré. Paris: J. B. Baillière, 1839-1861. Reimpression A. M. Hakkert. Amsterdam, 1973-1982.

DACHEZ, R. *Histoire de la médecine, De l’Antiquité à nos jours*. Paris: Editions Tallandier, 2012.

DARBO-PESCHANSKI, C. *Aitia*. In: I GRECI. *Storia Cultura Arte Società*, a cura de Salvatore Settis. Torino: S. Giulio Einaudi Editore, 1997.

DE LA FONTAINE. J. *Fables de La Fontaine*. Paris: Ed. Dayenne Selleiers, 2009.

DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Weidmann, Berlin, 1951-1952. 3. ed. Tradução italiana de Giovanni Reale, I Presocratici Prima Traduzione Integrale Con Testi Originali A Fronte Delle Testimonianze E Dei Frammenti Nella Raccolta Di Hermann Diels e Walther Kranz, Bompiani, Il Pensiero Occidentale. Milano: Bompiani, 2008.

DODDS, E. R. *Os gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta, 2002.

DUMINIL, M. P. *Le sang, les vaisseaux, le coeur dans la Collection Hippocratique, anatomie et physiologie*. Paris, 1983.

ENTRALGO, P. L. *La Curación por la palabra en la antigüedad clásica*. Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre, 1987.

\_\_\_\_\_. *La medicina hipocrática*. Madrid: Alianza, 1987.

EROTIEN. *Catalogue et Glossaire des livres hippocratiques*. Upsal: Ed. Ernst Nachmansan, 1918.

FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia. Verbete Physis*. São Paulo: Loyola, 2001.

FILLIOZAT, J. *La doctrine classique de la médecine indienne. Ses origines e ses parallèles grecs*. Paris, 1945.

FRIAS, I. M. *Platão leitor de Hipócrates*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina. 2001.

\_\_\_\_\_. *Doença do corpo, doença da alma - Medicina e Filosofia na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Edições Loyola, 2005.

GALIEN. *Que excellent médecin est aussi philosophe*. Tome I. Paris: Belles Lettres, 2007.

\_\_\_\_\_. *La survie d'Hippocrate et autres médecins de l'Antiquité*, Paris: L'Harmattan, 2011.

GAILLE, M. *Philosophie de la médecine. Frontière, savoir, clinique*. Paris: Vrin, 2011

GOUREVITCH, D. *Le triangle hippocratique dans le monde gréco-romaine*. Rome: École Française, 1984.

GRMEK, M.D. *La Maladie all'alba della civiltà occidentale*. Bologna: Il Mulino, 1983.

\_\_\_\_\_. *Les Maladies à l'aube de la civilisation occidentale*. 2<sup>a</sup> ed. Paris: Payot, 1994.

\_\_\_\_\_. *La vita, le maladie e la storia*. Roma: Di Renzo Editore, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Histoire de la pensée médicale en Occident Antiquité et Moyen Âge*. Vol. 1. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

HADOT, P. *O véu de Ísis - Ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 36.

HART, G. D. *Asclepius, the God of Medicine*. Londres: The Royal Society of Medicine, 2000.

HERÓDOTO. *Histoires*. (III, 131,3). Paris: Les Belles Lettres, 1970.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, v. 90-116. In: VITRAC, B., *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, VIII, 1989, p. 69-71.

HOMERO. *Iliada*, II, v.729-732, IV, v.193-219 e XI, v.833-836. Paris: Belles Lettres, 2005.

\_\_\_\_\_. *Odisseia*, X, 280-300. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

JAEGGER, W. A Medicina como Paidéia. In: \_\_\_\_\_. *Paidéia - A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JOLY, R. *Le niveau de la science hippocratique. Contribution à la psychologie de la histoire des sciences*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

\_\_\_\_\_. Platon, Phèdre et Hippocrate: vingt ans après. In: LASSERTE, F. et MUDRY, P. *Formes de pensée dans la Collection hippocratique*. Genève, Librairie Droz S.A., 1983.

JONES, W.H.S. *Philosophy and medicine in Ancient Greece*. Chicago: Ares Publishers, 1979.

JORI, A. *Medicina e medici nell'antica Graecia. Saggio sul peri technês ippocratico*. Nápoles: Il mulino, 1996.

JOUANNA, J. *Hippocrate: por une archéologie de l'école de Cnide*. Paris: Belles Lettres, 1974.

\_\_\_\_\_. *Hippocrate*. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

\_\_\_\_\_. *Hippocrate. Première Partie*. Paris: Fayard, 1992.

\_\_\_\_\_. La naissance de l'art médical occidental. In: GRMEK, M.D. *Histoire de la pensée médicale en Occident- Antiquité et Moyen Age*. Vol.1. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

JOUANNA, J.; MAGDELAINE, C. *Hippocrate L'Art de la médecine*. Paris: Flammarion, 1999, p. 33.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.



LANATA, G. *Medicina magica e religione popolare in Grecia fino all'eta de Ippocrate*. Roma, Edizione dell'Ateneo, 1967

LECA, A. P. *La Medicine egyptienne au temps des pharaons*. Paris: Roger Dacosta, 1988.

LLOYD, G. E. R. *Les Débuts de la science grecque. De Thales à Aristote*. Paris: Éditions La Découverte, 1990a.

\_\_\_\_\_. *Magie, Raison et Expérience. Origines et développement de la science grecque*. Paris: Flammarion, 1990b.

LORAUX, P. *L'invenzione della natura*. In SETTIS, S. *I greci. Storia Cultura Arte Società*, vol. 1. *Noi e i Greci*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1997, p. 321.

MURACHCO, H. G. O conceito de physys em Homero, Heródoto e nos Pré-socráticos. *Revista Hypnos*, São Paulo, Educ - Palas Athena, v. 1, n. 2, p. 14, 1997.

NADDAF, G. *Le concept de nature chez les présocratiques*. Philosophies antiques. Paris: Klincksieck, 2008.

PIGEAUD, J. *Metáfora e melancolia - ensaios médico-filosóficos*. Tradução Ivan Frias. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

\_\_\_\_\_. *La Crise*. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2006,

\_\_\_\_\_. *Folie et cures de la folie. Chez les médecins de l'antiquité gréco-romaine. La Manie*. L'Âne D'Or. Paris: Les Belles Lettres, 2010, p. 48.

\_\_\_\_\_. *La maladie de l'âme - Étude sur les relations de l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique*. 3. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

\_\_\_\_\_. *Poétiques du Corps. Aux origines de la Médecine*. L'Âne D'Or. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

\_\_\_\_\_. *Folie et cures de la folie chez les médecins de l'antiquité gréco-romaine. La Manie*. L'Âne d'Or: Collection dirigée par Alain Segonds. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

PINAULT, J. R. *Hippocratic Lives and Legends*. New York, Leyde, 1992.

PLATÃO, *Protágoras*, 311b. Tradução Carlos Alberto Nunes. Ed. Universitária UFPA, 2002.

\_\_\_\_\_. *Fedro*, 270 c. Tradução Carlos Alberto Nunes, Ed. Universitária UFPA, 20

SCHIEFSKY, M. J. Hippocrates on ancient medicine. Studies. In: *Ancient Medicine*. Boston: Ed. Brill Academic Publishers., 2005.

SIQUEIRA BATISTA, R. *Deuses e homens. Mito, filosofia e medicina na Grécia Antiga*. São Paulo: Ed. Landy, 2003.

- SMITH, W. D. *Hippocrates Pseudepigraphic Writings*. Leyde: Brill, 1990.
- SOARES, M. L. C. *Hipócrates e a arte da medicina*. Portugal: Ed. Colibri, 1999.
- VON STADEN, H. *Herophilus. The arte of medicine in Early Alexandria*. New Yorker: Cambridge, 1989.
- STROHMAIER, G. Reception et tradition: la médecine dans le monde byzantine et arabe. In: GRMECK, M.D. *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol.1, Paris, Seuil, 1995, p. 123.
- THERME, A. L., *Empédocle*. In: BRISSON, L.; MACÉ, A.; THERME, A. L. *Lire les présocratiques*. Paris: PUF, 2012.
- THIVEL, A. *Cnide et Cós? Essai sur les doctrines médicales dans la Collection hippocratique*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- VERBANCK-PIÉRARD, A. *Au temps d'hippocrate. Médecine et société en Grèce Antique*. Bélgica: Mariemont, 1998.
- VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão Européia do Livro/Editora Universidade de São Paulo, 1973.
- VITRAC, B. *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*. Saint-Denis: PUV, 1989.
- VON STADEN, H. *Herophilus. The arte of medicine in Early Alexandria*. New Yorker: Cambridge, 1989.

## ANEXO

### 1. DA DOENÇA SAGRADA

1. Sobre a doença dita sagrada, eis aqui o que ela é. Ela não me parece em nada mais divina nem mais sagrada do que as outras, mas, assim como todas as outras doenças têm uma origem natural a partir da qual elas nascem, essa doença tem uma origem natural e uma causa que a faz desenvolver-se. Os homens, no entanto, creem que ela é uma obra divina devido à sua incompetência e espanto diante de uma doença que não lhes parece em nada semelhante às outras. Porém, se pela incapacidade em que estão de conhecê-la, seu caráter divino permanece, ao contrário, pela facilidade que eles têm para encontrar um modo de tratamento para cuidarem dela, esse caráter divino desaparece pelo fato de cuidarem com purificações e encantamentos. E se, devido ao seu aspecto espantoso devemos acreditá-la divina haverá, nesse caso, muitas doenças que serão sagradas e não somente uma; pois eu vou mostrar que outras doenças não são em nada menos espantosas nem menos prodigiosas, doenças que ninguém (no entanto) acredita serem sagradas. Por um lado, as febres cotidianas, as febres terças e as febres quartãs não me parecem em nada menos sagradas nem menos provocadas por um deus do que esta doença; porém, diante dessas febres os homens certamente não experimentam espanto. Por outro lado, vejo pessoas enlouquecerem e delirarem sem nenhuma causa aparente, e realizar atos fora de propósito, e sei que mesmo no sono as pessoas gemem e gritam, alguns sentem sufoco, outros se levantam em sobressalto, fogem para fora e deliram até o despertar e depois reencontram a saúde e a razão anterior, exceto aqueles que ficam pálidos e sem força; tudo isso não é tão excepcional, mas frequente. E existem outras doenças de todos os tipos cuja exposição caso por caso exigiria um longo discurso.

A meu ver, aqueles que, os primeiros, atribuíram um caráter sagrado a esta doença eram pessoas comparáveis a esses que ainda hoje são magos, purificadores, sacerdotes mendicantes e charlatães, todas as pessoas que se dizem fortes piedosas detentoras de um saber superior. Essas pessoas, então, se revestem do divino para esconder sua incapacidade de possuir o que seria útil para prescrever, com medo que surja em um grande dia sua total ignorância, valorizando a crença que esta doença é sagrada, e reunindo a isso explicações apropriadas, estabeleceram um modo de tratamento que visa sua própria segurança, prescrevendo purificações e encantamentos e ordenando a abstenção de banhos e de um grande número de alimentos que são efetivamente inapropriados às pessoas doentes: quanto aos peixes do mar, o triglidae, o melanurus, a

tainha, a enguia (esses são, com efeito, os mais perigosos); quanto às carnes, aquelas de cabra, de cervo, de leitão e de cão (essas carnes são, de fato, as que incomodam mais o ventre); quanto às aves: a galinha, a rola, a abetarda (é a que tem a reputação de ter a carne mais forte); quanto aos legumes: a hortelã, o alho, a cebola (pois é o que é mais acre e não convém de forma alguma a um doente). E eles ordenam não usar casaco preto (pois o preto é signo de morte), não se deitar sobre pele de cabra nem colocá-la sobre si, de não colocar um pé sobre o outro nem uma mão sobre a outra (pois tudo isso, dizem eles, cria impedimentos). Todas essas prescrições são justificadas por eles pelo caráter divino (do mal), como se tivessem um saber superior e reunissem outras causas, a fim de que, se o doente se curasse, a glória e a reputação de sua habilidade lhes retornariam, e se o doente morresse, sua defesa seria estabelecida com toda a segurança e eles disporiam do pretexto de que eles não são de forma alguma responsáveis pessoalmente, mas são os deuses. De fato, eles não dão aos doentes nenhum remédio nem para comer nem para beber nem lhes indicam banhos escaldantes, de um modo que comprometeria sua responsabilidade.

Mas, creio, por minha parte, que nenhum dos Líbios que habitam no interior das terras estaria em boa saúde se isso dependesse tanto, seja um pouco das peles ou das carnes de cabra, já que nessa região, efetivamente, eles não se cobrem nem se vestem nem se calçam com nada que não provenha desse animal; pois não existe nenhum outro rebanho além de cabras (e de bois). E, se ao comer as carnes e ingeri-las faz nascer e crescer a doença, e se não comê-las, se obtém a cura, não é mais a divindade a responsável e não são mais as purificações que são úteis, mas são os alimentos que levam à cura e são eles que causam prejuízo, enquanto que a potência da divindade desaparece.

Nessas condições, pois, ao menos a meu ver, todos aqueles que se ocupam de cuidar dessa doença dessa forma não acreditam nem no seu caráter sagrado nem no seu caráter divino. Pois, a partir do momento em que as purificações são substituídas por aqueles tratamentos, o que é que impediria que com a ajuda de outros artifícios semelhantes a estes, elas não sobreviriam aos homens e não se abateriam sobre eles, de tal modo que não seria propriamente o divino o responsável, mas alguma coisa de humano? Pois aquele que é capaz por purificações circulares e operações mágicas afastar tal afecção, este poderia também atraí-la por outros artifícios, e com tal raciocínio o divino desaparece. Tais são as palavras e as tramas pelas quais eles fingem deter um saber superior e enganam as pessoas lhes prescrevendo santificações e

purificações; e a maior parte de seu discurso tem o traço do divino e do demoníaco. No entanto, ao menos a meu ver, não é sobre a piedade que levam o seu discurso, como eles imaginam, mas muito mais sobre a impiedade e sobre a ideia que os deuses não existem. Sua concepção de piedoso e de divino é, na realidade, ímpio e sacrílego, como vou lhe mostrar.

Se é verdade que eles pretendem fazer descer a lua, fazer desaparecer o sol, produzir trovoadas e mal tempo, chuvas e secas, infertilidade no mar e na terra e todo outro prodígio do mesmo gênero – que seja seguido de cerimônias iniciáticas ou de qualquer outra invenção ou prática em que eles afirmam seus prodígios possíveis –, aqueles que se entregam a essas ocupações me parecem, ao menos a meu ver, ter uma conduta ímpia, acreditar que os deuses são inexistentes e impotentes, e não devem se abster de nenhum ato extremo, já que os deuses não são para eles um objeto de crença. Pois se um homem, pela magia e sacrifício, pode fazer descer a lua, desaparecer o sol e produzir trovoadas e mal tempo, eu não posso mais acreditar, a meu ver, que nenhuma dessas operações seja divina, mas da ordem do humano, se verdadeiramente o poder do divino é vencido pela inteligência de um homem e lhe é subjugado.

No entanto, pode ser que não seja assim, mas as pessoas pressionadas pela necessidade multiplicam os artifícios e floreios de todos os tipos em todos os domínios em geral e em particular nesta doença, atribuem para cada forma de afecção, a causa a um deus – pois não é alternativamente que os doentes imitam os animais (em suas diferentes crises), mas muito frequentemente são os mesmos. Se o doente imita (o balido) da cabra, se ruge ou se tem convulsões do lado direito, dizem que a mãe dos deuses é a causa disso; se ele emite sons mais agudos e estridentes, eles comparam a um cavalo e dizem que Poseidon diz respeito a isso; mas se, em outro, ele deixa excrementos – o que acontece frequentemente aos doentes sob a violência do mal –, é o nome da deusa protetora das estradas que se aplica a este caso. Se ele emite sons mais frequentes e mais finos como os pássaros, é Apolo Pastoral. Se ele expele espuma pela boca e lança coices, é Ares que leva a responsabilidade. No caso à noite, onde sobrevêm os temores, os terrores, as perturbações do espírito, os sobressaltos e as fugas, eles dizem que são assaltos de Hécate e irrupções de heróis.

Eles recorrem então às purificações e encantamentos, cometendo assim uma ação muito sacrílega e ímpia, ao menos a meu ver. Eles purificam aqueles que estão presos à doença com o sangue e outras coisas semelhantes, como se tratasse de pessoas portadoras de uma sujeira ou perseguidas por um demônio vingador, vítimas de feitiços

ou autores de um ato sacrílego. Porém, a esses doentes, é o tratamento contrário que eles deveriam aplicar: sacrificar e rezar, levá-los ao santuário para suplicar aos deuses. Na realidade eles não fazem nada disso, eles purificam. Quanto aos objetos purificatórios, ora eles escondem na terra, ora eles jogam no mar, ora eles levam a lugares afastados nas montanhas, lá onde ninguém poderia lhes tocar nem pisar. Ora, esses objetos deveriam ser levados aos santuários para serem depositados em oferenda à divindade, se é verdadeiramente a divindade a responsável.

No entanto, não considero, a meu ver, que o corpo do homem possa ser manchado pela divindade, o que há de mais perecível pelo que há de mais puro; mas mesmo se acontecesse ao corpo humano ter sido manchado ou ter sofrido qualquer dano sob o efeito de outra coisa, estimo que seria purificado e santificado pela divindade muito mais do que manchado por ela. De todo modo, no caso das faltas mais graves e mais ímpias, é o divino que as purifica e santifica, a qual é para nós a substância que limpa. E, de nosso lado, designamos os limites aos santuários dos deuses e a seus recintos sagrados, para evitar que nada lhes transponha se não estiver em estado purificado, e ao penetrar ali nos aspergimos e tudo ao redor, não com a ideia de contrair uma impureza, mas com a intenção, no caso no qual tivéssemos uma impureza previamente contraída, de apagar por esta santificação. Eis aqui, a meu ver, o que diz respeito às purificações.

2. Essa doença, a meu ver, não é em nada mais divina que as outras, mas do mesmo modo que outras doenças tem uma origem natural a partir da qual cada uma nasce; ela tem uma origem natural e uma causa; ela é divina pela mesma razão que todas as outras; e ela é curável, e não menos que as outras, exceto se, seguida de uma longa duração ela tiver daí por diante atingido pleno vigor a ponto de ser, doravante, mais potente que os remédios administrados. Seu ponto de partida, como para as outras doenças, é a hereditariedade. Pois se de um fleumático nasce um fleumático, e de um bilioso nasce um bilioso, de um tísico um tísico e de um esplênico um esplênico, o que é que impede que no caso onde o pai ou a mãe foram atingidos por esta doença, um de seus filhos não o seja também? Pois a semente vem de todas as partes do corpo, saudável de partes saudáveis e doente de partes doentes. Eis aqui outra grande prova que a doença não é em nada mais divina que as outras: ela se produz em pessoas que são fleumáticas por natureza, mas ela não atrai os biliosos. Portanto, se essa doença é mais divina que as

outras, ela deveria se produzir em todos da mesma maneira sem fazer distinção entre um bilioso e um fleumático.

3. Mas, de fato, é o cérebro o responsável por essa afecção, como ele é em outras mais graves. De que modo ele é e em virtude de que causa, vou expor claramente. O cérebro do homem é duplo, como é o caso também em todos os outros seres vivos. Uma fina membrana o divide ao meio – é a razão pela qual não é sempre do mesmo lado da cabeça que sofremos, mas de cada lado alternadamente e algumas vezes a cabeça inteira. E mais, os vasos se dirigem para ele vindos de todo o corpo: numerosos vasos finos e dois vasos grossos, um vindo do fígado e outro do baço. Aquele que vem do fígado se apresenta assim: uma parte do vaso se dirige para baixo através do lado direito até ao longo do rim e da lombar até o lado interno da coxa e desce até o pé. Chamamos de veia cava (veia com cavidade). Outra parte se dirige para o alto através do diafragma e da parte direita do pulmão. Um entroncamento vai para o coração e o braço direito enquanto que o resto se dirige para o alto através da clavícula para a parte direita do pescoço até sob a pele a ponto de ser bem visível, e até junto à orelha ela se esconde e se divide nesse lugar: o entroncamento mais grosso, maior e mais oco leva ao cérebro, outro à orelha direita, outro ao olho direito, outro à narina. Eis aqui o que diz respeito aos vasos que partem do fígado. Mas há também um vaso que parte do baço que se estende do lado esquerdo, descendo e subindo, como o vaso que parte do fígado; ele é, todavia, mais fino e mais fraco.

4. Ora, por esses vasos nós introduzimos em nós a maior parte do pneuma. Eles são, com efeito, para nós os respiradouros do corpo: atraem o ar a eles, eles o veiculam pelo resto do corpo pelos pequenos vasos restituindo o ar fresco e, inversamente, relançando-o. Pois não é possível que o pneuma se imobilize, mas ele caminha de alto a baixo; pois se ele se imobiliza em alguma parte e é interceptado, a parte onde se imobilizou se torna impotente. Quanto a isso veja aqui a prova: quando um indivíduo senta ou deita, os pequenos vasos são comprimidos até o ponto que o pneuma não pode passar nos vasos, logo um entorpecimento lhe ocorre. Eis aqui o que diz respeito aos vasos.

5. Essa doença se produz nos fleumáticos e não nos biliosos. Ela começa a se desenvolver no embrião enquanto ele ainda está no ventre. Com efeito, o cérebro se purga e tem eflorescências, como outras partes do corpo antes do nascimento. Durante

essa purgação, se o cérebro se purga convenientemente e dentro de uma justa medida, e se o fluxo não é nem mais nem menos abundante do que deve, nessas condições o sujeito tem a cabeça bem saudável. Mas se o fluxo vindo de todo o cérebro é demasiado abundante e se produz um derretimento importante, o sujeito terá um crescimento da cabeça não saudável e cheia de zumbidos, e ele não suportará nem o sol nem o frio; e se é de uma só parte que esse derretimento importante, seja do olho seja da orelha, ou se um vaso se retrai, essa parte sofre um dano segundo o modo pelo qual ele foi afetado pelo derretimento. Se, inversamente, a purgação não se produz e o líquido se concentra no cérebro, nessas condições é necessário que o sujeito seja fleumático. E aqueles que, enquanto crianças, tem uma erupção de úlceras na cabeça, nas orelhas e sobre o resto do corpo, e tem material mucoso e escorrimentos de muco, aqueles se portam melhor à medida que avançam em idade; pois nesse momento eles evacuam e se purgam da fleuma, a qual eles teriam dado se purgar no ventre e as crianças que são assim purgadas não são atraídas por esta doença, de maneira geral. Ao contrário, aqueles que têm o corpo limpo, aqueles nos quais não sai nenhuma úlcera nem muco nem matéria mucosa, e que não operou a purgação no ventre, aqueles correm o risco de serem tomados por essa doença.

6. Se for para o coração que o fluxo descendente (da cabeça) se encaminha, palpitações sobrevêm assim como dificuldades respiratórias e o peito se deteriora; alguns doentes se tornam mesmo curvados. Pois enquanto a fleuma, que é fria, desce sobre o pulmão e o coração, e o coração palpita, a ponto de sob o efeito dessa pressão as dificuldades respiratórias e dispneia sobrevêm (pois o doente não recebe mais o pneuma em quantidade desejável), e isso até que o fluxo da fleuma seja dominado e se disperse, uma vez aquecido, indo para os vasos. Após isso o sujeito para de ter palpitações e dificuldades em respirar. Ele cessa de tê-los, segundo o modo pelo qual ele é afetado pela quantidade: mais lentamente se a quantidade de fluxo descendente é maior, mais rapidamente se ele é menor. E se as descidas de fluxo são muito frequentes, muito frequentes são os ataques. Eis aqui então o que passa o sujeito se o fluxo é levado para o pulmão e para o coração. Se for sobre o ventre, lhe acometem diarreias.

7. Mas se a fleuma, cortado em suas passagens, efetua seu fluxo descendente pelos vasos que mencionei mais acima, o sujeito perde a palavra e sufoca, espuma corre de sua boca, seus dentes são cerrados, suas mãos se retraem, seus olhos divergem, ele



perde totalmente os sentidos; em alguns há até evacuação de excrementos. E isso se produz ora do lado esquerdo, ora do lado direito, ora dos dois lados, às vezes. Eu vou explicar como se produz cada um desses acidentes. O sujeito perde a palavra subitamente quando a fleuma, descendo pelos vasos, bloqueia o ar e não o deixa penetrar nem no cérebro nem nos vasos ociosos nem nas cavidades, mas intercepta a inspiração. Pois, à medida que o homem recebe o ar pela boca e pelas narinas, primeiramente o pneuma penetra no cérebro, depois vai para o ventre em sua maior parte, uma parte indo também para o pulmão e outra parte para os vasos. A partir desses vasos, o pneuma se espalha por outras partes do corpo indo pelos pequenos vasos. A parte do pneuma que alcança o ventre refresca-o e não concorre a nenhum outro uso. É esse mesmo pneuma que vai para o pulmão. Em compensação, o ar que penetra pelos vasos concorre a um outro uso alcançando as cavidades e o cérebro, de maneira que fornece inteligência e movimento às partes do corpo. Também quando os vasos foram cortados de ar pela fleuma e ficam impossibilitados de receber eles deixam o homem sem voz e sem consciência. Quanto às mãos, elas ficam sem força e se crispam quando o sangue se imobiliza em vez de correr como é seu hábito. E os olhos divergem quando os pequenos vasos são cortados de ar e se agitam. A espuma que sai da boca provém do pulmão; com efeito, quando o pneuma não o penetra, o pulmão espuma e ferve como se o doente estivesse morrendo. Os excrementos saem quando o doente sufoca; ele sufoca quando o fígado e o estômago são precipitados para o alto contra o diafragma e o orifício do estômago é obstruído. Porém, eles se precipitam contra ele quando o pneuma não penetra na boca em grande quantidade como de hábito. O doente lança coices quando o ar é aprisionado nas pernas e não pode escapar para o exterior devido à fleuma. Saltando através do sangue para o alto e para baixo, o ar provoca convulsão e dor. É a razão pela qual o doente dá coices. O doente passa por todos esses acidentes quando a fleuma, que é fria, flui pelo sangue, que é quente. Pois a fleuma resfria e imobiliza o sangue. Se o fluxo é abundante e espesso, causa também a morte; pois ele leva vantagem sobre o sangue pelo frio e o coagula. Mas se o fluxo é menor, ele leva vantagem no momento bloqueando a inspiração; depois, com o tempo ele se dispersa pelos vasos e se mistura com o sangue que é abundante e quente, se ele for dominado, de modo que os vasos recebem o ar e os doentes retomam a consciência.

8. As crianças que são tomadas por essa doença em geral morrem se o fluxo sobrevém em abundância e pelo vento do sul. Pois, os pequenos vasos sendo finos não podem

receber a fleuma pelo fato de sua espessura e de sua quantidade, mas o sangue se resfria e se coagula; de maneira que a criança morre. Mas, se a fleuma é em pequena quantidade e que efetue seu fluxo descendente nos dois vasos ao mesmo tempo ou em um dos dois, eles sobrevivem inteiramente conservando marcas: seja a boca puxada de lado, seja o olho, seja o pescoço, seja a mão, segundo o lugar onde o pequeno vaso cheio de fleuma foi dominado e encolhido. Por causa desse pequeno vaso, então, é necessário que certa parte do corpo que foi danificada seja mais fraca e mais deficiente. Mas, com o tempo esse dano se revela geralmente útil; pois a criança não tem mais ataques, uma vez que ela conservou uma marca. Eis a razão disto: sob o efeito dessa limitação os outros vasos são lesados e em parte contraídos; também, embora eles continuem a receber ar, o fluxo descendente de fleuma não escorre mais da mesma maneira. Todavia, é normal que partes do corpo se debilitem do mesmo modo devido à lesão dos vasos. Em compensação, nos casos onde o fluxo se produz pelo vento do Norte, em muito pouca quantidade e do lado direito, as crianças sobrevivem sem conservar marcas, mas há perigo que (o mal) se alimente e cresça ao mesmo tempo em que as crianças, se elas não são cuidadas por remédios apropriados. No que concerne então às crianças, isto é assim ou coisa muito próxima disso.

9. Nas pessoas mais velhas (os adultos), a doença não mata quando ela surge e não provoca distorções. Por um lado, com efeito, os vasos são ociosos e preenchidos de sangue quente; eis porque a fleuma não pode dominar o sangue nem o resfriar a ponto de coagular, mas ele mesmo é dominado e se mistura rapidamente no sangue, de maneira que os vasos recebem ar e a consciência retorna; por outro lado, as marcas, as quais foram questão precedentemente, atingem menos os sujeitos desta idade por causa de seu vigor. Nas pessoas mais velhas, em compensação, quando essa doença surge, ela pode matá-las ou as deixar “paraplégicas” pela razão que os vasos estão vazios e o sangue está neles em pequena quantidade, seguro e aquoso. Se por isso o fleuma flui para baixo em abundância, e isso durante o inverno, a doença mata (pois o fleuma bloqueia a inspiração e coagula o sangue), se o fluxo descendente se produz dos dois lados ao mesmo tempo; se ele se produz somente de um lado, a doença deixa “paraplégico”; pois o sangue não pode dominar o fleuma, já que é mantido frio e pouco abundante, mas ele mesmo, sendo dominado, se coagula, assim como as partes onde o sangue foi alterado tornam-se impotentes.

10. O fluxo para baixo se produz, no entanto, mais do lado direito que do lado esquerdo porque os vasos aí são mais ociosos e mais numerosos do que o lado esquerdo; é, com efeito, a partir do fígado que os vasos se espalham e também a partir do baço. O fluxo para baixo e o derretimento de fleuma se produzem nas crianças, sobretudo quando a cabeça delas foi fortemente aquecida seja pelo sol, seja pelo fogo e, repentinamente, o cérebro se arrefece de frio; é então que a fleuma se separa. Com efeito, o derretimento é devido ao aquecimento e à liquefação do cérebro, enquanto que a separação é causada por seu resfriamento e sua contração; de maneira que o fluxo para baixo se produz. Em algumas crianças eis qual a causa desencadeante da doença; em outras também, quando um vento do Sul sucedendo bruscamente aos ventos do Norte exerce sua influência, ele estica e solta repentinamente o cérebro que estava contraído e fraco, e assim a fleuma transborda, de maneira que a fleuma efetua seu fluxo para baixo. O fluxo para baixo se produz também seguido a um terror de origem obscura e se a criança teve medo de um grito ou se ela não é capaz, durante um choro, de retomar rapidamente sua respiração, acidentes que acontecem frequentemente às crianças. Quando um desses acidentes lhe acontece, qualquer que ele seja, o corpo se arrefece logo de frio e a criança, privada de voz, não atrai mais o pneuma, mas o pneuma permanece imóvel, o cérebro se contrai, o sangue para, de modo que a fleuma se separa e flui para baixo. Nas crianças eis aqui então as causas que acionam o início do ataque. Nos idosos o inverno é o pior inimigo. Pois quando um idoso aquece fortemente a cabeça e o cérebro junto a um fogo alto e que em seguida encontra-se em um frio e arrefece, ou também quando, vindo do frio ele retorna ao abrigo junto de um alto fogo, ele é vítima dos mesmos acidentes, de maneira que ele tem um ataque como foi dito precedentemente. Há um grande perigo também na primavera que a pessoa idosa seja vítima dos mesmos acidentes, se a cabeça foi exposta ao sol; no verão, em compensação, os riscos são menores, pois não há mudanças bruscas. Mas quando passamos da idade de vinte anos, essa doença não ataca mais do mesmo modo se ela não se desenvolveu desde a infância, mas ela ataca poucas pessoas ou ninguém. Pois os vasos são repletos de sangue quente e o cérebro é mais estreito e denso, e assim a fleuma não desce nos vasos; e se ele desce, não vence o sangue que é abundante e quente.

11. Mas aquele no qual a doença cresceu e se desenvolveu desde a infância, é comum sofrer e ter um ataque em regra geral durante mudanças de vento e, sobretudo pelos ventos do meio-dia. E neles a cura é difícil. Com efeito, o cérebro se torna mais úmido

do que seu estado natural, e transborda de fleuma; em consequência, os fluxos para baixo são mais frequentes e o fleuma não pode mais ser evacuado nem o cérebro secado, mas fica tudo embebido e úmido. Podemos perceber melhor isso do seguinte modo: em pequeno rebanho que é abatido por essa doença e, sobretudo, as cabras (são elas que são atingidas frequentemente): se vocês abrirem a cabeça por uma fenda, vocês acharão o cérebro úmido, totalmente repleto de água ao redor e cheirando mal. E graças a essa observação vocês reconhecerão de modo manifesto que não é a divindade que danifica o corpo, mas a doença mesmo. E isso é o mesmo no homem. Quando a doença se prolonga, ela não é mais curável; pois o cérebro é completamente corroído pela fleuma e ele se dissolve; a parte derretida torna-se água que cerca o cérebro no exterior e o envolve todo ao redor; e por essa razão os indivíduos tornam-se muito frequentemente e muito facilmente sujeitos aos ataques. Eis aqui então o porquê a doença é de longa duração, e também porque a fleuma que flui é mantida devido à sua abundância ou é imediatamente dominada e aquecida pelo sangue

12. Aqueles que estão habituados com a doença pressentem quando eles vão ser tomados por ela e fogem para longe dos homens: se sua casa está próxima, é nela que vai o doente; se não é no lugar mais solitário, onde um menor número de pessoas é suscetível de vê-lo cair; e imediatamente ele vela a face. Ele age assim por vergonha de sua afecção e não por medo da divindade, como se acredita geralmente. As crianças pequenas, elas caem pela primeira vez no lugar onde se encontram devido à sua falta de costume, mas após terem tido muitos ataques, no momento em que pressentem um, elas fogem para junto de sua mãe ou da pessoa que conhecem melhor, por receio e medo do mal; pois elas não conhecem ainda o sentimento de vergonha.

13. Eis aqui as razões pelas quais eu digo que os ataques se produzem durante as mudanças de ventos, em primeiro lugar pelos ventos do sul, depois pelos ventos do norte, depois quando sopram os outros ventos: os ventos do sul e do norte são, em relação aos outros, os mais potentes e os mais opostos entre eles, tanto pela sua direção quanto pelo seu poder. O vento do norte comprime o ar, desprendendo a parte turva e a parte úmida, deixando-o claro e transparente; ele age da mesma maneira sobre todo o resto, a começar pelo que provém do mar e do resto das águas; pois ele solta a umidade e a parte escura de toda coisa, e seguramente também dos homens mesmos. Eis aqui porque ele é o mais salubre dos ventos. O vento do sul age totalmente de forma oposta.

Primeiramente ele começa por derreter e liquefazer o ar que é comprimido na medida em que ele não sopra logo com força, mas permanece fraco no começo, porque ele não pode levar vantagem logo sobre o ar que está previamente denso e comprimido, mas ele necessita de tempo para dissolvê-lo. É essa mesma ação que ele exerce sobre a terra, o mar, os rios, as fontes, os poços, sobre tudo que cresce e contém umidade; pois há umidade em toda coisa, ora mais, ora menos. Tudo isso se ressentido deste vento: o que é brilhante se torna sombrio, o que é frio se torna quente, o que é seco se torna úmido. E os jarros de argila cheios de vinho ou de outro líquido que estão dentro das caves ou afundados na terra, se ressentem totalmente do vento do sul e se transformam tomando outro aspecto. E o sol, e a lua e os outros astros, ele os deixa muito menos brilhantes do que são naturalmente. Então, desde o momento em que esses ventos exercem um tão grande império sobre coisas tão grandes e tão potentes e que fazem com que o corpo se ressinta e se modifique necessariamente durante as mudanças desses ventos, por um lado, sob o efeito desses ventos do sul, o cérebro se solta e se umidifica e os vasos são mais largos, e por outro lado, sob o efeito dos ventos do norte, a parte mais saudável do cérebro se comprime, enquanto que a parte mais doente e a mais úmida se separam e banha totalmente o exterior ao redor; de maneira que os fluxos para baixo se produzem durante as mudanças desses ventos. Eis aqui como essa doença nasce e cresce devido àquilo que entra e sai; ela não é de forma alguma mais desconcertante que as outras, seja para cuidar seja para conhecer, e ela não é mais divina que as outras.

14. Os homens devem saber que a fonte de nossos prazeres, de nossas alegrias, de nossos risos e de nossas brincadeiras não é outra senão esse lugar [o cérebro], que é igualmente a fonte de nossos desgostos, de nossas penas, de nossas tristezas e de nossos prantos. E é por ele, sobretudo, que nós pensamos, concebemos, olhamos, ouvimos, distinguimos o feio e o belo, o mal e o bem, o agradável do desagradável, ora discernindo após o uso, ora afetado pelo interesse; e como nós distinguimos também prazeres e desprazeres após a oportunidade, não são (sempre) as mesmas coisas que nos agradam. É devido a ele também que enlouquecemos, que deliramos, que receios e terrores nos chegam, alguns à noite, outros mesmo durante o dia, assim como insônias e errâncias sem motivos, preocupações não provocadas, o não conhecimento das coisas presentes e o esquecimento. A origem disso tudo é o cérebro, quando ele não está em boa saúde, mas quando ele está mais quente do que o natural ou mais frio, ou mais úmido, ou mais seco ou quando ele tenha qualquer afecção contra a natureza na qual ele

não está habituado. É a umidade que está na origem da loucura, pois quando o cérebro é excessivamente úmido, ele necessariamente está em movimento, e quando ele se move nem a visão nem os ouvidos são estáveis, mas vemos e ouvimos ora uma coisa, ora outra; e a língua transmite segundo o que ele vê e ouve a cada instante; mas durante o tempo em que o cérebro estiver estável, o homem conserva também sua razão.

15. A deterioração do cérebro é devida à bile e à fleuma. Reconhecemos cada um dos dois casos do seguinte modo: aqueles que são enlouquecidos sob o efeito da fleuma são calmos, não gritam nem são turbulentos; enquanto que aqueles que são enlouquecidos sob o efeito da bile são barulhentos, nocivos e eles não permanecem no lugar, mas estão sempre cometendo qualquer coisa de inconveniente. Se então a loucura é contínua, eis aqui quais são as causas. Mas, se são receios e terrores que acontecem, eles são devidos a uma modificação do cérebro. Pois ele se modifica se esquentando e ele se esquentando sob o efeito da bile, quando ela se lança para o cérebro pelos vasos sanguíneos provenientes do corpo. O terror se instala até que a bile retorne para os vasos e o corpo, após isso ele cessa. Sentimos tristeza e náusea quando o cérebro se resfria de modo imoderado e se comprime de maneira inabitual. Este estado é devido à fleuma. No curso da própria afecção temos ausência de memória. À noite, grita-se e uiva-se quando o cérebro se aquece subitamente. Isso acontece aos biliosos, mas não aos fleumáticos. O cérebro se esquentando também quando o sangue o alcança em abundância e borbulha; o sangue afluí em abundância pelos vasos mencionados precedentemente quando o homem se encontra diante de um sonho aterrorizante e entristece. Do mesmo modo que no estado de insônia o rosto se inflama e os olhos se avermelham, sobretudo quando há um terror ou que o espírito medite em fazer qualquer coisa de mal, isso é assim, mesmo no sono. E quando aquele que dorme desperta e retoma sua razão e o sangue se dispersa de novo pelos vasos, esse estado cessa.

16. Em virtude disso, eu penso que o cérebro é a parte do homem que tem a potência maior. É ele, com efeito, aquele que é para nós o intérprete daquilo que provém do ar, se ele se encontra saudável. Pois o ar fornece a ele o pensamento. Em compensação, os olhos, as orelhas, a língua, as mãos e os pés não fazem mais do que executar o que o cérebro concebe. Pois existe no corpo todo o movimento, tanto quanto participa o ar. Mas, naquilo que concerne à compreensão, o cérebro é o mensageiro. Pois enquanto o homem atrai para ele o pneuma, o pneuma alcança primeiro o cérebro, de maneira que o

ar se espalha pelo resto do corpo após ter depositado no cérebro o que há de mais ativo nele mesmo, quer dizer, aquilo que é pensante e provido de inteligência. Pois se o ar alcança primeiro o corpo e depois o cérebro, ele chegaria ali após ter depositado o discernimento nas carnes e vasos em estado quente e impuro, em um estado misturado ao humor que provém às vezes das carnes e do sangue, de modo que não seria mais preciso.

17. Eis aí porque digo que o cérebro é o intérprete da compreensão. Mas, o diafragma possui um nome inapropriado, adquirido por acaso e pelo uso, e não pontua seu verdadeiro nome conforme sua natureza. E eu não conheço de minha parte que propriedade possui o diafragma para pensar e conceber, exceto que, se o indivíduo é afetado de forma imprevista por uma alegria intensa ou uma tristeza, o diafragma salta e causa náusea pelo fato de sua finura e devido à sua tensão extrema no corpo. E mais, o diafragma não possui cavidade, onde ele falha em receber seja o bem seja o mal, mas sob o efeito de um e de outro desses aportes, ele passa por perturbações devido à fraqueza de sua natureza. Pois, para dizer a verdade, ele não sente nada diante das (outras) partes do corpo, mas é de forma absurda que ele possui esse nome e essa atribuição; o mesmo com as partes aderentes ao coração que chamamos “orelhas”, enquanto elas não contribuem de nenhuma maneira à audição. Alguns dizem que nós pensamos com o coração e que é esta parte que sente a tristeza e a preocupação. Mas isso não é assim; na realidade, o coração é sujeito a movimentos bruscos como o diafragma, e mesmo mais pelas seguintes razões: provindos inteiramente do corpo os vasos se dirigem para o coração que os mantêm atados em conjunto de maneira que ele sente todo o sofrimento ou tensão que vem a se produzir no homem. Pois é necessário que o homem, quando tem tristeza, tenha o corpo que arrepia e se estende inteiramente, e que seja no mesmo estado enquanto sofre uma alegria intensa. Eis aí porque o coração sente no mais alto ponto o mesmo que o diafragma. Mas nenhuma dessas duas partes participa do pensamento. De tudo isso, é o cérebro que é a causa. Do mesmo modo que então o cérebro percebe primeiro o pensamento vindo do ar antes das outras partes do corpo, do mesmo modo também se qualquer mudança poderosa se produz no ar sob o efeito das estações e o ar se torna diferente do que ele era, o cérebro sente primeiro. Eis aí porque eu afirmo que as doenças que se abatem sobre ele são as mais agudas, as mais graves, as mais mortais e as mais difíceis a julgar pelos incompetentes.

18. Essa doença, dita sagrada, provém das mesmas causas daquelas de onde provém as outras doenças, daquilo que entra e sai, quer dizer, do frio, do calor do sol, dos ventos que mudam e jamais ficam imóveis. Essas coisas são divinas, de maneira que não se deve colocar essa doença à parte e considerá-la como mais divina que as outras, mas todas as doenças são divinas e todas são humanas e cada uma tem uma origem natural e uma potência que lhe é própria. E não há aí nenhum aspecto que seja sem recursos e sem meios; elas são curáveis, em sua maior parte, pelas mesmas coisas a partir das quais elas nascem. Pois tal coisa é a alimentação para tal doença, mas causa dano para outra. O que o médico deve então saber é como, discernindo a oportunidade de cada tratamento, ele deverá dar alimentação a tal doente ou aumentá-la, e a tal outro suprimi-la ou diminuí-la. Pois é necessário nessa doença, como em todas as outras, não as aumentar, mas lhes esgotar administrando a cada uma o que lhe é mais hostil e não o que lhe é habitual. Pois a doença cresce e aumenta pelo que lhe é habitual, enquanto definha e enfraquece pelo que lhe é hostil. Aquele que sabe produzir nos homens o seco e o úmido, o frio e o quente com a ajuda do regime, aquele pode igualmente cuidar dessa doença, na condição de discernir a oportunidade dos tratamentos úteis, sem recorrer às purificações, à magia e a todas as charlatanices do mesmo gênero.

## **2. DA ARTE**

1. Há pessoas que têm por arte denegrir as artes, pois imaginam assim que mostram seu saber, longe de obter o resultado que digo. Em minha opinião, porém, descobrir uma coisa entre aquelas que não foram encontradas, e que uma vez encontrada é melhor do que se ela não tivesse sido descoberta, é ambição e obra da inteligência, como também fazer chegar até sua conclusão aquilo que estava cumprido pela metade. Ao contrário, esforçar-se por uma arte dos discursos que nada tem de honroso por desacreditar aquilo que foi encontrado pelos outros sem trazer nenhum progresso, mas, caluniando as descobertas daqueles que sabem junto àqueles que não sabem, ao que me parece, não é mais ambição e obra da inteligência; é, ao contrário, mais um indício desagradável do natural do que uma ignorância da arte. Pois, efetivamente, aos que são apenas ignorantes da arte corresponde a seguinte conduta: na presença de pessoas ambiciosas, mas totalmente incapazes, apoiar sua perversidade dentro de seu empreendimento para



caluniar as obras do próximo, se elas são corretas, ou para escarnecê-las, se elas não são. Ora bem, então para os indivíduos que atacam de certo modo aqueles de outras artes, que sejam refutados pelas pessoas competentes que se preocupam com isso e dentro dos domínios que lhes preocupam. Quanto ao presente discurso, ele se oporá àqueles que trazem assim seus ataques contra a medicina, confiante por causa dos adversários que ele critica, pleno de recursos por causa da arte que socorre. Poderoso devido ao conhecimento ao qual deve sua formação.

2. A meu ver, para dizer tudo, não existe nenhuma arte que seja inexistente. De fato, é absurdo estimar que uma coisa que existe seja inexistente. Pois para as coisas que não existem, em todo caso, que realidade poderíamos observar para anunciar que elas existem? Se se revela, com efeito, que é possível ver as coisas que não existem como aquelas que existem, não sei como poderíamos pensar que essas coisas sejam inexistentes, já que é possível vê-las com os olhos e conceber com a inteligência que elas existem. Mas receio que não seja assim. Não, o que existe se vê e se concebe sempre, o que não existe nem se vê nem se concebe. Ora, concebemos, no caso das artes, uma vez que são ensinadas, e não há nenhuma arte que não se veja a partir de certa forma. Estimo que as artes receberam seu nome por causa de sua forma. Pois é absurdo pensar que é a partir dos nomes que as formas se produzem; isto é impossível. Pois os nomes são instituições da natureza, enquanto as formas não são instituições da natureza, mas produções.

3. Bem, então sobre estas questões, se não compreendermos o suficiente o que foi dito, poderemos encontrar em outros discursos um ensinamento mais explícito. Mas, sobre a medicina, já que este é o objeto do discurso, vou fazer a demonstração de sua existência. E, primeiramente, vou definir o que é, a meu ver, a medicina. É libertar completamente os doentes de seus sofrimentos ou diminuir a violência das doenças e não tratar os doentes que foram vencidos pela doença, sabendo bem que a medicina pode tudo isso. Estabelecer então que ela alcança esses resultados e que ela é capaz de chegar continuamente a isso, eis o que será daqui em diante o objetivo do resto de meu discurso. E ao fazer a demonstração da existência da arte, arruinarei os argumentos daqueles entre eles que imaginam denegri-la, nos pontos em que cada um dentre eles imagina obter precisamente algum resultado.

4. Disponho de um ponto, para começar meu discurso, que será admitido por todos. Que exista entre os doentes cuidados pela medicina pessoas que se curam totalmente é um ponto admitido. Mas do fato que nem todos se curam, é a partir desta razão que a arte é censurada, e aqueles que falam mal se fundamentam naqueles que sucumbem às doenças, pretendem que aqueles que escapam devem ao acaso o fato de escapar e não à arte. A meu ver, verdade seja dita, não nego totalmente ao acaso sua eficácia, mas estimo que os tratamentos defeituosos das doenças sejam a maioria dos casos seguidos de fracasso enquanto que os bons o são de êxito. Em seguida, como pode que aqueles que se curaram completamente atribuam a causa à outra coisa senão à arte, se foi tendo recorrido a ela e se colocando sob seu serviço que se curaram? Pois eles não quiseram considerar só a realidade do acaso, dado que se voltaram para a arte. Do mesmo modo, eles estão longe de relacionar a cura ao acaso, enquanto que não estão longe de relacioná-la à arte. Pois, dado que se voltaram para a arte e a ela se confiaram, por isso mesmo observaram a realidade dela e conceberam sua potência quando sua obra chegou a seu termo.

5. Aquele que sustenta a tese contrária objetará que muitas pessoas, sem terem recorrido ao médico, foram curadas de sua doença. E por minha parte não coloco em dúvida essa proposição. Mas a meu ver, é possível que mesmo sem terem recorrido a um médico eles tenham encontrado a medicina, não certamente a ponto de saber o que é correto nela ou o que é incorreto, mas na medida em que eles podem ter sucesso dando a si mesmos os cuidados análogos àqueles que teriam recebidos se tivessem, de fato, recorrido aos médicos. E é seguramente uma grande prova da realidade da existência da arte e de sua grandeza, já que, claramente, mesmo aqueles que não creem em sua existência lhe devem sua saúde. Pois de toda necessidade, as pessoas que, mesmo sem ter tido auxílio de médicos curaram sua doença, sabem que se curaram fazendo ou não fazendo tal ou tal coisa. É, com efeito, recorrendo ao jejum ou a uma alimentação farta, bebidas mais abundantes ou à sede, aos banhos ou ausência de banhos, aos exercícios ou ao repouso, ao sono ou à vigília, ou à mistura de tudo isso que eles se curaram. E pelo benefício sentido, necessariamente eles aprenderam a conhecer o que era a causa do benefício, assim como no caso do dano, pelo dano sentido, eles aprenderam a conhecer o que era a causa do dano. Pois o conhecimento do domínio delimitado pelo benefício ou do domínio delimitado pelo dano não está ao alcance de qualquer um. Então, se o doente é capaz de saber louvar ou criticar tal parte do regime que o conduziu à cura, tudo isso é

do domínio da medicina. E os danos não são menos do que os benefícios, testemunhos da existência da arte. Pois se o que é benéfico é benéfico por ter sido administrado corretamente, o que é nocivo é nocivo por não ter sido administrado corretamente. Ora, se aquilo que é correto e aquilo que é incorreto têm cada um o seu limite, como não o teria uma arte? Pois o que declaro ser falta de arte é quando não intervêm absolutamente as noções de correto e incorreto; enquanto que, quando cada uma das duas noções existe, isso não poderia ser obra de falta de arte.

6. E mais, para dizer a verdade, se os remédios evacuantes e retentivos fossem os únicos meios de cuidar de quem esteja à disposição da medicina e dos médicos, minha tese seria fraca. Na realidade, é evidente que os médicos mais reputados cuidam também com a ajuda de regimes e mesmo outras formas de tratamento tais que ninguém poderia afirmar, não digo somente um médico, mas mesmo um profano ignorante se ele ouviu falar disso, que eles não procedem da arte. Quando, então, não há nada que fique sem ser utilizado pelos bons médicos e mesmo pela medicina, e quando a maior parte das produções naturais ou artificiais constituem as formas de tratamento e de remédios, em boa lógica, não mais é possível a nenhum dos doentes que se curam sem médico de referir a causa da cura ao acaso. Com efeito, o acaso é evidentemente conduzido a ser nada, pois para tudo podemos descobrir um porquê, e na medida em que há um porquê, o acaso claramente não tem nenhuma realidade, a não ser enquanto nome. Ao contrário, a medicina, na medida em que ela é da ordem do porquê e da previsão, tem e terá, evidentemente, sempre uma realidade.

7. Àqueles que atribuem a saúde ao acaso em detrimento da arte, eis então substancialmente o que podemos dizer. Quanto àqueles que se fundamentam sobre os resultados funestos para reduzir a arte a nada, me pergunto com espanto que argumento plausível os leva a desculpar a falta de firmeza daqueles que morrem e culpar, ao contrário, a inteligência daqueles que praticam a medicina; como se os médicos fossem capazes de prescrever maus tratamentos, enquanto que os doentes são incapazes de transgredir suas receitas. No entanto, é muito mais natural aos doentes serem incapazes de se submeter às receitas que aos médicos de prescrever maus tratamentos. Pois uns têm uma mente sã em um corpo são quando empreendem o tratamento, raciocinando sobre o caso presente e sobre os casos passados que são análogos ao caso presente, de maneira a poder dizer a propósito de casos cuidados no passado como os doentes

escaparam; os outros, ao contrário, não conhecem nem a natureza de seus sofrimentos, nem tampouco o que resultará da situação presente ou o que resulta de situações (semelhantes) às suas quando recebem as receitas, mas sofrem no presente, temem o futuro, cheios de doença, vazios de alimentos e desejam doravante dar boa acolhida àquilo que favorece a doença mais do que ao que favorece a cura, não porque desejam morrer, mas porque estão incapacitados de resistir ao mal. O que é verossímil? Que as pessoas que estão em tal estado se conformem às receitas dos médicos ou que façam outra coisa do que foi receitado? Ou que os médicos, que estão no estado anteriormente indicado, prescrevam maus tratamentos? Não é mais verossímil que uns façam prescrições convenientes e outros sejam verdadeiramente incapazes de obedecer e se precipitem para a morte, cuja causa aqueles que não raciocinam corretamente atribuem àqueles estão fora de causa, liberando aqueles que estão em causa?

8. Há pessoas que criticam também a medicina em razão dos médicos que recusam tratar os doentes vencidos pela doença, alegando que eles empreendem o cuidado justamente das doenças que se curariam de todo modo, sozinhas, enquanto que, para aqueles que necessitam um grande socorro eles não se prendem; ou seria preciso, segundo eles, se a arte existisse verdadeiramente, cuidar de todas as doenças sem distinção. Bem, os autores dessas alegações, se censurassem os médicos de não cuidar deles como pessoas em delírio quando dizem estas coisas, formulariam críticas mais fundadas do que estas. Pois exigir que a arte tenha o poder em domínios que não procedem da arte, ou a natureza em domínios que não procedem da natureza, é ser ignorante de uma ignorância que tem mais de loucura do que ausência de saber. Pois, nos casos onde nos seja possível vencer, quer com os instrumentos da natureza, quer com aqueles da arte, nesses casos é possível agir, mas não em outros. Quando então o homem sofre de um mal que é mais forte que os instrumentos da medicina, não se deve também contar que esse mal, de algum modo, possa ser vencido pela medicina. Por exemplo, entre os cáusticos de que a medicina dispõe, o fogo é o que queima em mais alto grau; muitos outros queimam menos do que ele. Quando então os males são mais fortes que os cáusticos fracos, não é ainda evidente que eles sejam incuráveis; mas quando os males são mais fortes que os cáusticos mais fortes, como não ser evidente que são incuráveis? No caso, com efeito, onde é o fogo que opera, como não é claro que o que escapa à influência do fogo proceda de outra arte e não daquela na qual o fogo é instrumento? Eu aplico o mesmo raciocínio a todos os outros instrumentos que servem à medicina. Digo que o médico

que teve sucesso na atuação de cada um entre eles, sem exceção, deve acusar a força do mal (se ele é mais forte) e não a arte. Assim, aqueles que criticam os médicos que se abstêm de tratar os doentes vencidos pelas doenças e recomendam que se deve atender tanto os casos que não convém cuidar quanto os casos passíveis de cuidados, eles são a piada dos médicos que trabalham conforme a arte. Na verdade, aqueles que são peritos nessa profissão não têm necessidade de tais insensatos, nem para escarnecê-los nem para exaltá-los, mas precisam de pessoas que souberam calcular o ponto ao qual chegam as ações dos praticantes quando são completadas, e o ponto do qual elas ficam afastadas quando são defeituosas, e mais, entre essas defeituosas, aqueles que devem ser imputados aos operadores e aqueles que devem ser aos operados.

9. Os problemas relativos às outras artes, tal ou tal momento com tal ou tal discurso os mostrará. Mas, os problemas relativos à medicina, sua natureza e a maneira de julgar, de um lado foram explicados no desenvolvimento anterior, e outra parte será no desenvolvimento presente. Existe, para as pessoas que têm um conhecimento conveniente dessa arte, de um lado as doenças cuja sede não é difícil de ver – e elas não são numerosas –, mas de outro lado as doenças cuja sede não é fácil de ver, e elas são numerosas. Há primeiramente doenças que afloram à superfície do corpo e cuja sede é bem visível, quer pela cor, quer pelo inchaço. Elas oferecem as possibilidades de reconhecer pela visão e pelo toque a dureza ou a flexibilidade que apresentam, e distinguir aquelas que são quentes, aquelas que são frias, e cada um dos fatores cuja presença ou ausência as torna tais. Para todas as doenças dessa categoria, em todos os sujeitos, os tratamentos devem ser isentos de faltas, não porque sejam fáceis, mas porque são perfeitamente descobertos, na verdade não pelas pessoas que os querem, mas entre aqueles, por aqueles que têm o poder. Pois têm o poder aqueles para os quais não falta educação e a natureza não é indolente.

10. Contra as doenças aparentes eis então como a arte deve encontrar facilmente os recursos. Para dizer a verdade também não deve, contra as doenças menos aparentes, ser privada de recursos. Essas doenças são aquelas que se dirigem para os ossos e para as cavidades. Ora, o corpo não contém uma só cavidade, mas muitas. Pois há duas cavidades que recebem e rejeitam alimentos, e outras em maior número conhecidas por aqueles que disso se preocupam. As partes do corpo que têm uma carne arredondada que chamamos músculo, todas contêm uma cavidade; pois toda parte é desprovida de

aderência natural, quer seja recoberta de pele ou de carne, é oca; e ela se preenche quando está sadia, de ar, e quando está doente, de humor seroso (*sérum-plasma*). Os braços têm então uma carne dessa natureza, igualmente as coxas, e também as pernas. E mais, mesmo nas partes desprovidas de carne, existe uma cavidade semelhante àquela cuja existência foi mostrada para as partes carnudas. Com efeito, tomemos o que chamamos de tórax, dentro do qual se abriga o fígado, o círculo da cabeça no qual se encontra o encéfalo, as costas contra a qual se encontra o pulmão. Dessas partes não há nenhuma que não tenha, ela mesma, um vazio, pois é plena de numerosos interstícios naturais. E para algumas dentre elas nada impede que tenha reservatórios que contenham numerosos líquidos, nocivos ao sujeito ou mesmo úteis. Tome-se ademais, os numerosos vasos ou os nervos, não os que estão em suspensão dentro da carne, mas o que são estendidos ao longo dos ossos e constituem os ligamentos das articulações; e tomem-se as articulações nas quais rolam o conjunto dos ossos que se movem; de todas essas partes, igualmente, não há nenhuma que não seja esponjosa em seu interior e que não possua câmaras cuja existência é revelada pela serosidade que, no momento onde as câmaras se abrem largamente, sai em grande quantidade, provocando assim grandes danos.

11. Pois, evidentemente, é impossível, se se atém à visão, conhecer qualquer uma dessas partes que estavam em questão. É por isso que as doenças são chamadas por mim invisíveis e julgadas assim pela arte. Sendo invisíveis, elas não são tão vencedoras por isso, mas tanto quanto possível vencidas. Pois isso é possível na medida em que a natureza das doenças se oferece ao exame e na medida em que a natureza dos pesquisadores é dotada para a pesquisa. Essas doenças exigem mais esforços e não menos tempo do que se fossem vistas pelos olhos para serem conhecidas. Pois o que escapa ao olhar da visão, é vencido pelo olhar da inteligência. E isto que os doentes sofrem devido à lentidão do exame não é atribuível àqueles que lhes tratam, mas à natureza do doente e da doença. Pois para o médico, do momento em que não lhe é possível perceber pela visão a parte que sofre nem se informar por ouvir dizer, a pesquisa é pelo raciocínio. Efetivamente, mesmo as informações que os doentes que sofrem um mal invisível se esforçam em dar sobre suas doenças àqueles que lhes tratam são informações ditadas pela crença mais do que pela ciência. Pois se possuíssem o saber, não ficariam doentes. É, com efeito, a mesma inteligência que pertence ao conhecimento das causas das doenças e ao saber tratá-las com todos os tratamentos que

lhes impeçam de crescer. Uma vez que não é possível tirar das informações dadas pelo doente um conhecimento claro e infalível, é preciso que aquele que trata leve seu exame para outro lugar. Tal lentidão não é atribuível à arte, mas à natureza dos corpos. De um lado a arte busca tratar uma vez que é informada, tendo a preocupação de conduzir o tratamento menos com temeridade do que com reflexão e com mais facilidade do que com violência. De outro, a natureza dos corpos, se ele resiste o tempo que ele precisa para ser examinado, resistirá também o tempo que for preciso para ser cuidado, mas se ela é vencida no decorrer do exame, seja devido à lentidão do doente para se render ao médico, seja devido à rapidez da doença, o resultado será fatal. Pois se a doença se lança no mesmo momento do tratamento, ela não é mais rápida, mas se ela o precede, ela é mais rápida. E ela o precede, ao mesmo tempo, por causa da impenetrabilidade dos corpos, que permite às doenças residir em lugares difíceis de ver, e devido à negligência dos pacientes que a isso se acrescenta. Pois não no momento em que as doenças os atingem, mas no momento em que já foram atingidos, que eles consentem em ser tratados. Bem, então é a potência da arte que convém admirar quando recoloca de pé um doente atingido por uma doença escondida, mais ainda do que quando recusa tratar os casos impossíveis. Não, certamente em nenhuma outra das profissões descobertas até o presente existe alguma situação análoga. Mas todas as profissões que operam por meio do fogo cessam sua atividade na ausência de fogo; e entre as profissões que são ativas por meio de materiais fáceis de retocar – uns operam com madeira, outros com couro e outros, mais numerosos, por meio do bronze, ferro e lingotes de metais análogos –, em todas essas profissões os trabalhos realizados por meio e com a ajuda desses materiais, não são realizados mais rapidamente do que convém e se interrompem apenas na falta de instrumentos.

12. A medicina, por seu lado, quer seja nos abscessos, nas afecções do fígado ou dos rins, ou em todas as doenças das cavidades, não podendo ver nada dessa visão que permite a todos tudo ver convenientemente, descobriu, todavia, outros recursos auxiliares. Com efeito, tomando como critério de avaliação a clareza ou a rouquidão da voz, a rapidez ou a lentidão da respiração, e no caso dos fluxos que têm o hábito de escorrer em cada uma das vias que lhe oferece saída, seja o seu odor, seja a sua cor, seja a sua finura ou sua espessura, o médico julga de quais partes dos corpos esses fenômenos são sinais, que males eles sofreram e que males podem sofrer. E quando a natureza, por sua livre vontade, se recusa a entregar essas fontes de informações, a arte

encontrou meios de pressionar, pelos quais a natureza violentada sem danos as deixa escapar; depois, liberada, ela desvenda àqueles que conhecem as coisas da arte o que se deve fazer. A arte pressiona primeiro a fleuma, humor inato a versar o pus sob o efeito dos alimentos e bebidas acres, a fim de apoiar-se sobre um indício visto para julgar esses casos que ela não tinha meios de ver. Depois é a respiração que a arte força, através de passeios por encostas e corridas, para revelar aquilo que se dá a revelar. É também os suores que a arte atrai pelos meios citados e pelas exalações de líquidos quentes para formar seu julgamento. Existem igualmente esvaziamentos que se fazem pela bexiga e que são mais aptas a desvelar a doença do que se saíssem pelas carnes. A medicina descobriu também bebidas e alimentos que sendo mais quentes do que os materiais que esquentam têm a propriedade de lhes dissolver e fazê-los escorrer por uma via por onde não escorreriam se não tivessem sofrido essa ação. Assim, então, as matérias que saem e que fornecem indicações são atraídas umas por um meio, outras por outro, e passam umas por uma via e outras por outra; também não é espantoso que, nesses casos, os diagnósticos seguros exigem mais tempo e as intervenções dispõem de menos tempo, já que são os intérpretes estranhos que transmitem as informações sobre esses casos à inteligência que os cuida.

13. Assim, pois, que a medicina encerra nela mesma os raciocínios plenos de recursos para levar socorro, que ela tem razão em não tratar as doenças que não se pode recuperar, ou que, para as doenças tratáveis, ela pode concluir um tratamento isento de falhas: tudo isso as palavras pronunciadas presentemente o mostram, assim como as demonstrações daqueles que conhecem a arte, demonstrações que fazem com maior prazer pelos atos do que pelas palavras, porque eles não têm uma prática completa do discurso, mas estimam que a convicção do público que nasce do que ele vê é mais íntima do que aquela que nasce do que ele ouve.

### **3. DA MEDICINA ANTIGA**

1. Todos aqueles que, tendo empreendido tratar sobre a medicina, oralmente ou por escrito, colocam como fundamento de sua tese uma hipótese tal como o calor, o frio, o úmido, o seco, ou qualquer outro postulado de sua escolha, simplificando a causa original das doenças e da morte entre os homens e postulando, em todos os casos, a



mesma causa, um ou dois princípios, cometem erros evidentes exatamente sobre muitos pontos de suas teses, mas são, sobretudo, censuráveis porque esses erros incidem sobre uma arte realmente existente, à qual todo mundo recorre em vista das coisas mais importantes, da qual todos honram no mais alto ponto os bons praticantes e os bons profissionais. Entre os profissionais, uns são medíocres, outros são muito superiores. Porém, esta diferença, se a arte da medicina não existisse absolutamente e se não se tivesse feito nenhuma observação e nenhuma descoberta, não existiria, mas todos seriam igualmente sem experiência e sem conhecimento desta arte, e seria o acaso que regeria totalmente a sorte de doenças. Na realidade não é assim; do mesmo modo que em todas as outras artes os profissionais diferem muito entre eles pela mão e pela inteligência, do mesmo modo ocorre com a medicina. É por isso que considero, de minha parte, que ela não necessita inovar colocando um postulado, como se faz para as coisas invisíveis e duvidosas; pois, para essas coisas é necessário, se se empreende dizer qualquer coisa, recorrer a um postulado, como é o caso para as coisas que estão no céu ou sob a terra: mesmo quando alguém as expusesse e concebesse como elas são, nem aquele que expõe nem aqueles que o escutam veriam claramente se ele está na verdade ou não; porque não há critério ao qual se possa referir para ter um conhecimento exato.

2. Ao contrário, há muito tempo a medicina está em posse de todos os seus meios, de um ponto de partida e de uma via que foram descobertas; graças a esses meios, descobertas foram feitas ao longo de um grande período de tempo, e as descobertas restantes serão feitas, desde que, reunindo aos dons suficientes o conhecimento das descobertas adquiridas, as tomarmos como ponto de partida da pesquisa. Mas aquele que, rejeitando ou recusando todos esses meios, empreende pesquisas por uma outra via e outro procedimento e pretende ter feito uma descoberta, este se engana e continua a se enganar. Pois é impossível. Por quais razões necessárias é impossível, vou tentar, de minha parte, mostrar, expondo e mostrando que a arte existe. Dessa demonstração aparecerá claramente que é impossível aparecer descobertas por qualquer meio diferente desse. E, acima de tudo me parece que devemos, quando se tratar desta arte, expor as coisas que sejam concebíveis pelos leigos. Porque o objeto que lhe convém pesquisar e expor não é outro senão o das afecções de que essas pessoas mesmas são atingidas e sofrem. Sem dúvida, não lhes é fácil conhecer perfeitamente por elas mesmas suas próprias afecções, o modo como nascem e como cessam, as causas que lhe fazem crescer e declinar, pois são leigos; mas quando elas são descobertas e expostas por um

outro, é fácil. Pois não se trata de outra coisa senão de rememorar escutando-as, os acidentes que lhes aconteceram. Ao contrário, se passamos ao lado da faculdade de compreensão dos leigos, e se não colocamos as pessoas que escutam nessa disposição de espírito, passaremos ao lado da realidade. É então também por essas mesmas razões que a medicina não precisa, de forma alguma, colocar um postulado.

3. Na origem, a arte da medicina não teria sido nem descoberta nem pesquisada – pois a necessidade não teria sido sentida – se tivesse sido proveitoso às pessoas que sofrem usar no seu regime e na sua alimentação os mesmos alimentos, as mesmas bebidas e, em geral, o mesmo regime das pessoas saudáveis, e se não tivesse havido outras coisas melhores que essas. Mas, na realidade foi a própria necessidade, ela mesma que fez com que a medicina fosse procurada e descoberta entre os homens, porque não seria proveitoso às pessoas que sofrem tomarem a mesma alimentação que as pessoas saudáveis, assim como hoje não seria do mesmo modo. E remontando ainda mais longe, estimo, por minha parte, o regime e a alimentação de pessoas saudáveis que usamos hoje não teriam sido descobertos se tivesse sido perfeitamente suficiente ao homem comer e beber as mesmas coisas que o boi, o cavalo e todos os animais ao redor do homem, como por exemplo, os produtos da terra, frutas, matos e forragens; porque graças a esses produtos eles se alimentam, crescem e vivem ao abrigo do sofrimento sem nenhuma necessidade de outro regime. E, verdade seja dita, acredito de minha parte que na origem o homem também usou tal alimentação. Quanto ao regime atualmente descoberto e elaborado com a arte, foi necessário um longo período de tempo para chegar a ser o que é. Com efeito, como as pessoas provaram muitos sofrimentos terríveis por consequência do regime forte e bestial, pelo fato de ingerirem alimentos crus, não temperados e dotados de qualidades fortes – sofrimentos análogos àqueles que as pessoas hoje passariam também em consequência desse regime, caindo em dores, em doenças e rapidamente na morte; sem dúvida, é em menor grau que as pessoas de então deviam provar esses sofrimentos, por causa dos hábitos; todavia, eles os provaram fortemente mesmo naquele momento e, a maioria, aqueles que tivessem uma natureza mais fraca, deveria perecer, ao passo que aqueles que fossem superiores deviam resistir por mais tempo, da mesma forma hoje ainda, depois de ter feito uma alimentação forte, alguns se retomam facilmente enquanto que outros pagam o preço de sofrimentos e males – desde então, pressionados pela necessidade, essas pessoas, a meu ver, procuraram uma alimentação adaptada a sua natureza e descobriram aquelas que

usamos atualmente. Assim então, a partir de grãos de trigo, depois de lhes ter molhado, lavado, moído, peneirado, amassado e cozido, eles confeccionaram o pão, e a partir dos grãos de sorgo, as tortas. E procedendo a muitas outras operações para preparar esse alimento, eles fizeram cozer e assar, misturaram e temperaram as substâncias fortes e não temperadas com a ajuda de substâncias mais fracas, compondo tudo em conformidade com a capacidade natural do homem, porque eles estimavam que, no caso dos alimentos mais fortes, a natureza do homem não seria capaz de os dominar se eles os ingerissem, e resultaria desses mesmos alimentos sofrimentos, doenças e morte, ao passo que, de todos os alimentos que ela é capaz de dominar, resultará alimentação, crescimento e saúde. Ora, a esta descoberta e a essa investigação, que nome mais justo ou mais adequado poderíamos dar do que o de medicina, já que se trata de uma descoberta feita para a saúde, a salvação e a alimentação do homem, em substituição daquele regime que estava na origem dos sofrimentos, das doenças e da morte?

4. Se isso não passa comumente como uma arte, não é sem razão; porque num domínio em que ninguém é leigo, mas onde todos são sábios por força do uso e da necessidade, nesse domínio, ninguém merece o título de “especialista da arte”. No entanto, foi uma grande descoberta, fruto de muitas observações e muita arte; o que é seguro é que ainda nos nossos dias aqueles que se ocupam de exercícios e treinamento de atletas acrescentam sem cessar descobertas aplicando o mesmo método em sua investigação para determinar quais são os alimentos e as bebidas com as quais um atleta triunfará ao máximo e graças às quais ele chegará ao ápice de sua força.

5. Mas examinemos também a medicina reconhecida como tal, aquela que foi descoberta para os doentes e que possui ao mesmo tempo um nome e especialistas da arte: ela visa também a um desses objetivos? Como então ela começou? A meu ver, como disse no início, não teríamos nem sequer encetado as investigações sobre a medicina se o mesmo regime tivesse sido conveniente aos doentes tanto quanto aos saudáveis. O que há de certo é que ainda hoje todos os que não usam a medicina – os bárbaros e um pequeno número de gregos – conservam (quando estão doentes) o mesmo regime que as pessoas de boa saúde, dando ouvidos apenas a seu prazer, e eles não sabem nem renunciar a nenhum dos alimentos que desejam nem mesmo reduzir a quantidade. Mas, aqueles que têm pesquisado e descoberto a medicina, mantendo o mesmo raciocínio daqueles mencionados no meu desenvolvimento precedente,

começaram, eles mesmos, a meu ver, por cortar da massa desses mesmos alimentos e reduzir a quantidade de muitos a bem pouco. Mas, conforme o que viram, esse regime às vezes suficiente para certos doentes, e manifestamente benéfico para eles, não era, todavia, para todos, já que alguns estavam num estágio tal que eles não podiam assimilar nem mesmo uma pequena quantidade de alimentos e como, desde então, é de um regime mais fraco que esses doentes lhes pareciam necessitar, eles descobriram as sopas misturando uma pequena quantidade de substâncias fortes com muita água e retirando as forças dessas substâncias pelo tempero e pelo cozimento. Enfim, para os doentes que não podiam assimilar nem as sopas, eles trituraram também essas sopas e as transformaram em bebidas; ainda procuraram fazer com que fossem em medida justa tanto pelos temperos quanto pela quantidade, abstando-se de administrar bebidas muito abundantes e sem tempero ou também muito insuficientes.

6. Eis aqui uma coisa que é bom saber: as pessoas às quais as sopas não são benéficas nas doenças, mas são contrárias, veem avivar-se sua febre e suas dores quando elas tomam essas sopas, e é evidente que o que foi ingerido aporta alimentação e crescimento à doença, mas degeneração e fraqueza ao corpo. E todas as pessoas que estando dentro de certa disposição ingerissem um alimento seco, torta de trigo ou pão de sorgo, mesmo em pequena quantidade, seriam vítimas de um mal dez vezes maior e mais manifesto do que se tomassem sopas, unicamente devido à grande força do alimento em relação a sua disposição. Quanto ao doente para quem é útil tomar as sopas, mas não comer, se comesse muito, ele seria vítima de um mal bem maior que se comesse pouco, e mesmo se comesse pouco sofreria. Daí que todas as causas do sofrimento remontam ao mesmo princípio, a saber, que as substâncias mais fortes são aquelas que causam os danos maiores e mais evidentes ao homem, quer ele tenha boa saúde, quer esteja doente.

7. Que diferença aparece então entre o raciocínio do homem chamado médico e reconhecido como especialista da arte, que descobriu o regime e a alimentação dos doentes e o raciocínio do homem que, na origem, encontrou e preparou para todos os homens a alimentação que nós usamos hoje, no lugar do regime selvagem e animalesco de outrora? A meu ver, o que parece é a identidade do método, é a unidade e similitude da descoberta. Um procurou retirar todos os alimentos ingeridos dos quais a natureza humana em um estado de saúde não era capaz de assimilar devido às suas propriedades

bestiais e sem moderação, e o outro todos os alimentos que o doente, na disposição em que se encontrava a cada vez, não poderia assimilar. Em que então esta investigação difere daquela, senão que esta tem mais faces, ela é mais diversificada e que ela exige maior habilidade operatória? Mas, o ponto de partida foi aquela investigação que foi a primeira.

8. Se examinássemos o regime dos doentes comparado àquele das pessoas de boa saúde, encontraríamos que ele não causa mais danos do que o regime das pessoas saudáveis comparado àquele dos animais selvagens e de outros animais. Tomemos, com efeito, um homem que sofre de uma doença que não pertence à categoria das doenças difíceis e intoleráveis, ao contrário, pertence àquelas benignas. Embora ele deva, no caso de erro de regime, ressentir-se do mesmo modo, suponhamos que ele queira comer pão e carne, ou qualquer outro alimento que as pessoas saudáveis têm proveito em comer, não em grande quantidade, mas muito menos que ele teria podido comer se estivesse em boa saúde; tomemos ao lado um homem com boa saúde, dotado de uma natureza nem fraca nem forte, e suponhamos que ele coma um dos alimentos de que o boi ou o cavalo tirariam proveito e vigor ao comer, como a erva, o sorgo ou qualquer outro alimento análogo, não em grande quantidade, mas muito menos do que poderia: no homem de boa saúde que agisse assim, o sofrimento e o perigo não seriam menores do que naquele doente que tomou inoportunamente o pão de trigo ou a torta de sorgo. Todos esses fatos são provas de que a arte da medicina propriamente dita, se prosseguisse a pesquisa na mesma via, poderia ser descoberta por inteira.

9. Se a coisa fosse tão simples assim como foi indicado – todos os alimentos, quando são muito fortes, são nocivos, e quando são muito fracos, são úteis e nutritivos tanto para o doente como para o homem de boa saúde – a tarefa seria fácil. Conviria, com efeito, para obter uma ampla margem de segurança, conduzir para o regime mais fraco. Mas, na realidade, o erro não é menor e o dano para o homem não é menor se lhe administrarmos uma alimentação inferior em quantidade e em qualidade do que a que lhe convém. Porque a fome impetuosa penetra com força na natureza do homem para lhe quebrar as pernas, enfraquecê-lo e matá-lo. Muitos outros males, diferentes deste que provém da saciedade, mas não menos temíveis, provêm também do esvaziamento. Eis porque as tarefas do médico são muito mais diversificadas e requerem uma exatidão bem maior. É necessário, com efeito, visar a uma medida; ora, não há medida – nem

sequer um número ou um peso – à qual pudéssemos nos referir para conhecer o que é exato, a não ser a sensação do corpo. Também é um trabalho que deve adquirir um saber muito exato para não cometer senão pequenos erros daqui ou de lá. O médico, ao qual eu endereçaria de minha parte vivos elogios, é aquele que não cometeria mais do que pequenos erros, pois a precisão perfeita é um espetáculo raro. É que a maioria dos médicos me parece sofrer a mesma sorte dos maus pilotos de navios. De fato, essas pessoas quando cometem um erro pilotando em tempos calmos, o fazem sem que percebam, mas quando são tomados por um forte temporal e um vento que os faz derivar, a partir daí é bem claro aos olhos de todos que por sua ignorância e seus erros eles perderam o navio. Acontece o mesmo também com os maus médicos, que são mais numerosos: quando cuidam de doentes que não têm nada grave e nos quais não se provocaria nada de grave cometendo os maiores erros – essas doenças são numerosas e ocorrem mais frequentemente do que as doenças graves –, pois bem, nesses casos eles podem cometer erros sem que os leigos se apercebam; mas quando eles se encontram com uma doença importante, violenta e perigosa, então seus erros e sua ignorância da arte são visíveis aos olhos de todos; porque para um e como para outro o castigo não se faz esperar por muito tempo, mas chega bem rápido.

10. Que os problemas no homem não são menos graves quando eles provêm de um vazio inoportuno do que quando provêm de uma saciedade inoportuna, é o que podemos bem compreender se nos referirmos aos homens de boa saúde. Para alguns, entre eles, com efeito, é benéfico tomar não mais do que uma refeição – regime que eles organizam assim para eles mesmos justamente por causa de sua característica benéfica –, e para outros tomar também um desjejum, em virtude da mesma necessidade. Pois para todos esses é benéfico proceder assim, mas não para os que adotam um ou outro desses dois regimes por prazer ou por qualquer outra razão fortuita. Com efeito, para a maior parte das pessoas, qualquer dos dois regimes que pratiquem, seja de uma só refeição, seja o desjejum a mais, não importa em nada manter-se neste hábito; há pessoas, ao contrário, que não seriam capazes, se se afastassem do regime que lhes é benéfico, de se restabelecer facilmente, mas ocorre neles, em cada um dos tipos de regime, por pouco que eles o mudem durante um só dia, e mesmo não inteiro, uma doença extraordinária. Alguns, com efeito, se tomam um desjejum quando isso não lhes é benéfico, logo ficam pesados, lentos de corpo e espírito, e são plenos de bocejos, sonolência e sede. E se, ainda por cima, tomam seu jantar, há gases, cólicas, um fluxo no ventre, e para muitos

está lá a origem de uma grande doença, mesmo se a quantidade de alimentação que eles ingerem em duas vezes é idêntica e não superior àquela que tinham o hábito de digerir numa vez só. Por outro lado, se o indivíduo que tem o hábito de tomar um desjejum quando tal regime lhe é benéfico, vem a suprimir seu desjejum, ele prova, logo que passa a hora, uma fraqueza estranha, tremor, desmaio; e mais que isso, os olhos fundos, a urina é mais amarela e mais quente, a boca amarga; e lhe parece que as vísceras caem, ele tem vertigem, abatimento, incapacidade de trabalhar. Aí estão todos os sintomas que se manifestam. E quando ele vai jantar, a alimentação é menos agradável e não pode digerir todos os alimentos que tomava anteriormente no seu jantar dos tempos em que jantava. Esses alimentos mesmos, cuja descida é acompanhada de cólicas e regurgitações, queimam no ventre. Essas pessoas dormem mal e têm sonhos agitados e tumultuados. E assim, entre muitos deles, está aí a origem de uma doença.

11. É necessário examinar por que causas esses acidentes lhes acontecem. Para aqueles que têm o hábito de fazer mais de uma só refeição, penso que é porque em vez de esperar o tempo suficiente para que seu ventre possa tirar completamente o proveito dos alimentos ingeridos na véspera, assimilá-los, se esvaziar e ter um repouso, ele introduziu em cima novos alimentos num ventre que está em ebulição e fermentação. Entre tais indivíduos, o ventre coze os alimentos muito mais lentamente e precisa de um tempo maior de relaxamento e repouso. Quanto àquele que tem o hábito de tomar também um desjejum, no momento em que ele teve necessidade da alimentação e já tinha gasto a refeição anterior e não tendo mais nada do que retirar proveito, seu corpo precisou e recebe logo o aporte de uma nova alimentação. Caso contrário, ele definha e se afunda sobre o efeito da fome; pois todos os males de que falei que o homem pode sofrer, eu os atribuo à fome. E afirmo também que todos os outros homens que, gozando de uma boa saúde, ficaram sem comer por um ou dois dias, sofreram dos mesmos males que aqueles que, precisamente, mencionei nos casos dos indivíduos privados de seu desjejum.

12. De tais constituições, que se ressentem prontamente e fortemente dos erros (do regime), eu digo, por minha parte, que elas são mais fracas que as outras. O fraco é o que mais se aproxima do doente, mas o doente é ainda mais fraco, e lhe toca sofrer mais a cada vez que se afasta da justa medida. É difícil quando tal exatidão é exigida pela arte, alcançar sempre a maior precisão. No entanto, muitos aspectos da medicina dos

quais falaremos chegam a esse grau de exatidão. Eu afirmo, então, que não convém acreditar que a medicina antiga não exista e não possua um método de investigação, e por isso rejeitá-la apoiando-se sobre o argumento de que ela não possui a exatidão em todos os seus aspectos, mas, ao contrário, ela é capaz a meu ver de se aproximar bem perto da maior precisão com a ajuda do raciocínio após ter saído de uma profunda ignorância e de admirar as descobertas obtidas por um método bom e correto, e não sob o efeito do acaso.

13. Eu quero voltar à teoria daqueles que adotam um novo método em suas pesquisas sobre a arte partindo de um postulado. Admitamos que seja um princípio quente, frio, seco ou úmido, que é a causa do dano no homem, e que é preciso, para cuidar corretamente, levar socorro pelo quente contra o frio, pelo frio contra o quente, pelo seco contra o úmido e pelo úmido contra o seco. Que me escolham um homem, não entre aqueles que têm uma constituição forte, mas entre aqueles que a têm fraca; que ele coma grãos de trigo recém colhidos, crus e sem preparação, assim como carnes cruas e beba água. Seguindo esse regime, ele será vítima, eu o sei bem, de acidentes múltiplos e graves; efetivamente, ele provará sofrimentos, seu corpo ficará sem força, o estado de seu ventre se deteriorará e ele não sobreviverá muito tempo. Que socorro será preciso levar a um homem em um estado como esse? O calor ou o frio, o seco ou o úmido? É evidente que é um desses princípios; pois se a causa do dano é um ou outro entre eles, é por seu contrário que lhe convém suprimi-la, conforme a teoria deles. De fato, o remédio mais seguro e mais evidente consistiria em suprimir o regime que ele usava dando-lhe, no lugar de grãos de trigo, o pão e, no lugar de carnes cruas, carnes cozidas e fazendo-o beber, após isso, vinho; essa mudança não deixaria de lhe restituir a saúde, na condição, bem entendido, de que seu estado não seja completamente deteriorado por um mau regime prolongado. Que diremos então? Que ele sofria devido ao frio e que lhe administrando o regime quente em questão, nós fomos úteis a ele? Ou que é o contrário? Eu penso, de minha parte, ter colocado em grande embaraço a pessoa interrogada. Pois aquele que prepara o pão, é o calor ou o frio, o seco ou o úmido que ele tirou dos grãos de trigo? De fato, o que foi submetido ao fogo e ao molhado com a água e que sofreu também outras operações, das quais cada uma possui uma propriedade natural particular, perdeu algumas de suas qualidades primeiras, mas se acrescentou a outras pelo tempero e pela mistura.



14. Pois eu sei igualmente, claro, que o pão age diferentemente sobre o corpo do homem conforme ele é feito de farinha pura ou misturada, de trigo não limpo ou limpo, conforme ele seja amassado com muita água ou pouca, fortemente amassado ou não amassado, bem cozido ou quase cru, ou conforme mil outras preparações além destas. O mesmo acontece com a torta de sorgo; nesse caso também, as propriedades de cada preparação têm grande poder e uma dessas propriedades não parece em nada com a outra. Aquele que não examinou essas questões ou que, mesmo examinando-as, não possui o saber delas, como ele poderia conhecer o mínimo das afecções que atingem o homem? Pois por cada uma dessas preparações o homem é afetado e se modifica deste ou daquele modo, de modo que toda a sua vida depende disso, quer seja ele saudável, convalescente ou doente. Não existe então nenhum saber que seja mais útil nem mais necessário que esse, é certo. E é como por ter prosseguido com suas pesquisas, seguindo um bom método e um raciocínio apropriado, em conformidade com a natureza do homem, que os primeiros a fazer as descobertas as fizeram, eles pensaram até que a arte médica deveria ser atribuída a um deus, o que é efetivamente a crença usual. Estimando, com efeito, que não é o seco ou o úmido nem o calor nem o frio nem nenhum outro desses princípios que causa dano ao homem – ou do qual o homem tem necessidade –, mas o que, em cada alimento, é forte e supera a natureza humana, eles estimaram então que o que era nocivo era que a natureza humana não podia dominar, e eis aí o que eles procuraram descartar. Porém, esse que há de mais forte no doce, é o mais doce, no amargo, o mais amargo, no ácido, o mais ácido e em cada uma de todas essas substâncias presentes, o grau extremo. Pois eles viram que estas substâncias estavam igualmente presentes no homem e que elas o incomodavam. Há no homem o salgado, o amargo, o doce, o ácido, o azedo, o insosso e mil outras substâncias possuidoras de propriedades diversas quanto à quantidade e à força. Essas substâncias, na medida em que são misturadas e temperadas uma pela outra, não são manifestas e não fazem o homem sofrer; mas quando uma dentre elas se separa e se isola, então, ela se manifesta e faz sofrer o homem. Por outro lado, no que concerne aos alimentos, todos aqueles que não são apropriados e incomodam o homem quando são ingeridos, são, cada um tomado à parte, o amargo intemperado ou o salgado ou o ácido ou toda outra substância intemperada e forte; e esta é a razão pela qual nós somos incomodados pelos alimentos como pelas substâncias que se separam no interior do corpo. Em compensação, tudo o que o homem come ou bebe regularmente, esses alimentos participam evidentemente menos que todos ou outros a um humor intemperado e predominante, como por

exemplo, o pão de trigo, a torta de sorgo, e outros alimentos análogos que o homem tem o costume de usar em grande quantidade e diariamente, com a exclusão daqueles que são temperados e preparados com vistas ao prazer da saciedade. Esses alimentos, embora penetrem bem em grande quantidade no homem, causam menos do que qualquer outro problemas e separações das qualidades nos corpos, e mais que qualquer outro, força, crescimento e nutrição; por essa única razão que eles são bem temperados e não contêm nada de destempero nem de forte, mas formam na sua totalidade uma unidade simples.

15. De minha parte, me pergunto com perplexidade, como as pessoas que professam esta tese e que conduzem a arte fora dessa via para um postulado podem tratar os doentes em conformidade com o que eles postulam. Pois, eles não descobriram, eu penso, alguma coisa que seja quente, frio, seco ou úmido em si e à parte de si, sem estar associado a algum outro tipo de qualidade. Mas penso de minha parte que eles têm à sua disposição os mesmos alimentos e as mesmas bebidas que aquelas que usamos todos. Eles apenas atribuem a um a qualidade de ser quente, a outro de ser frio, a tal outro de ser seco e a tal outro de ser úmido. Pois, é seguramente um impasse prescrever ao doente tomar alguma coisa quente; logo, com efeito, ele perguntará: “qual coisa? ”, embora eles sejam obrigados a divagar ou recorrer a uma das coisas quentes que são conhecidas. Mas se é verdade que determinado quente seja também azedo, tal outro quente, insosso e tal outro quente seja causa de problemas – existem também outras variedades de quentes que têm muitas propriedades opostas entre elas –, seguramente não será indiferente administrar uma entre elas, o quente azedo ou o quente insosso, ou do mesmo modo o frio azedo (isso existe também) ou o frio insosso. Pois, enquanto sei de minha parte, é um efeito exatamente contrário que resulta de cada uma das duas variedades, não somente sobre o homem, mas também sobre o couro, a madeira, e muitos outros corpos que são menos sensíveis que o homem. Pois, não é o calor que possui uma grande propriedade, mas o azedo e o insosso, assim como todas as outras substâncias que mencionei, quer estejam no homem ou fora do homem, tomadas na forma de alimentos ou de bebidas ou aplicadas do exterior sob a forma de unguentos e emplastros.

16. Estimo, por minha parte, que o frio e o calor são, de todas as propriedades, aquelas que têm menos poder no corpo, pelas seguintes razões. Na medida em que, bem

entendido, o frio e o quente ficam juntos no corpo, misturados um com o outro, eles não causam sofrimento, pois o frio é temperado e moderado pelo quente, e o quente pelo frio. Mas quando um dos dois se separa e se mantém separado, então ele causa sofrimento. Todavia, nesse instante crítico, assim que o frio sobrevém e causa algum sofrimento ao homem, com toda a pressa, e por isso mesmo, o quente vindo do próprio interior do homem se apresenta em primeiro lugar sem que ele tenha necessidade alguma de socorro e nem de alguma intervenção. E esta ação, o quente a leva a bom termo entre as pessoas de boa saúde como entre os doentes. Por exemplo, se um indivíduo saudável quer resfriar seu corpo no inverno, seja tomando um banho frio, seja de qualquer outro modo, facilmente ele se resfria e, na condição de que seu corpo não seja totalmente congelado, mais facilmente ele se esquentar assim que repõe suas roupas e volta a um abrigo. Por outro lado, se ele quiser se esquentar intensamente, seja após um banho quente, seja por um grande fogo e, depois disso, recolocar a mesma roupa e ficar no mesmo local em que estava quando se resfriou, evidentemente ele terá muito mais frio e, além disso, tremerá muito mais. Ou ainda, se alguém que se abana por causa de um calor sufocante, e procura para si o frio dessa maneira, vier a parar de fazê-lo, o calor escaldante e sufocante será para ele dez vezes mais intenso do que para aquele que não fez nada disso. Eis agora uma prova ainda mais forte: todas as pessoas que por terem andado na neve ou em qualquer outro templo glacial tiveram particularmente frio nos pés, nas mãos ou na cabeça, que sofrimentos não aguentam à noite, quando eles são envolvidos em suas cobertas e estão ao abrigo, devido ao calor ardente e a comichão! Em alguns até surgem bolhas como entre aqueles que foram queimados pelo fogo. E eles não aguentam esses sofrimentos antes de serem aquecidos. Tal é então o zelo com os quais cada um desses princípios se apresenta em confronto com o outro. E eu poderia citar mil outros exemplos. No que concerne aos doentes, não é naqueles que são tomados de arrepio que eclode a febre mais aguda? – febre que, no entanto, não é tão forte assim (quanto parece), mas cessa em pouco tempo e se revela, ademais, geralmente inofensiva? E todo o tempo que o arrepio está presente ele é muito quente, depois atravessando todo o corpo ela termina mais frequentemente nos pés, lá onde precisamente o arrepio e o resfriamento tiveram o maior vigor e ficam mais tempo do que em outros lugares. Inversamente, quando o doente transpirou e a febre se afastou, ele se resfria muito mais do que se a febre não o tivesse pego antes. Assim, de um princípio frente ao qual se apresenta rapidamente o princípio que lhe é mais oposto e

que lhe retira espontaneamente seu poder, o que poderíamos esperar de grande ou de temível? Que é necessário um poderoso socorro contra ele?

17. Alguém poderia objetar: “Mas aqueles cuja febre é devida ao *causus*, à pneumonia e outras doenças graves, não se desembaraçam rapidamente do calor, e nesses casos o frio não se apresenta contra o calor”. Pois bem, penso dispor aqui de uma grande prova que, se essas pessoas têm a febre, não é simplesmente devido ao calor e não seria somente esse princípio a causa da afecção, mas que há conjunção do amargo e do quente, o ácido e o quente, o salgado e o quente e mil outras combinações – o frio, por sua vez, sendo associado às outras qualidades. O que causa então o dano são essas qualidades; o quente é como um auxiliar que também é presente participando na força na medida em que o princípio que dirige a possui, exacerbando-se e crescendo com ele, mas não possuindo nenhum poder maior do que aquele que lhe é próprio.

18. É claro que é assim a partir dos exemplos seguintes. Para começar, vejamos os casos mais manifestos dos quais fazemos frequentemente e continuaremos a fazer a experiência. Primeiramente, em todos aqueles entre nós que tem coriza com o desencadear de um fluxo pelas narinas, esse fluxo, sendo geralmente mais acre do que aquele que existia antes e que saia pelas narinas todo dia, faz com que o nariz se inche e se inflame ao ponto de ficar quente e ardente ao último grau; e se nós levamos a mão a ele, e se o fluxo persiste por muito tempo, essa parte que não é carnuda e que é dura, pode mesmo se ulcerar. E como então cessa essa ardência do nariz? Isso não ocorre enquanto há o fluxo e a inflamação, mas quando o humor escorre mais espesso, menos acre e cozido e mais misturado ao humor precedente; então por isso dali em diante o ardor cessa. Todavia, se aqueles em que a coriza é manifestamente provocada somente pelo frio sem que nenhuma outra qualidade se associe, em todas essas pessoas eis como lhes sobrevém a liberação: após o resfriamento, aquecemos e, em seguida ao calor ardente, resfriamos; e esses estados se apresentam rapidamente sem que tenha necessidade a mais de nenhuma cocção. Mas todos os outros casos de coriza que digo que se produzem por acrimônia e pela falta da composição dos humores, chegam ao fim de modo idêntico quando tiver tido cocção e composição.

19. Em segundo lugar, os fluxos que se voltam para os olhos, na medida em que eles contêm acrimônias violentas e variadas, ulceram as pálpebras, corroem completamente

bochechas em alguns, assim como a região sob os olhos no lugar em que eles escorrem, rasgam e atravessam corroendo a túnica que envolve a pupila. Dores, calor ardente e inflamação extrema se apoderam do doente e isso até quando? Até que esses fluxos sofram a cocção e se tornem mais espessos e que isso resulte na viscosidade. Pois a cocção provém da mistura e da composição dos fluxos entre eles, assim como de sua cozedura em comum. Outro exemplo: os fluxos que se dirigem à garganta e são a origem da rouquidão, das anginas, erisipela e das pneumonias, todos esses fluxos começam a emitir substâncias salgadas, aquosas e acres – e devido a tais substâncias as doenças são plenas de vigor –, mas quando eles se tornam mais espessos e mais cozidos, e quando eles são desembaraçados de toda acrimônia, então, em seguida, as febres cessam, assim como todos os outros males que afligem o homem, Convém naturalmente considerar que essas substâncias são a causa, em cada caso da afecção, porque sua presença determina necessariamente seu modo de ser, e porque sua mudança em outra composição determina necessariamente sua cessação. E nessas condições, todos os fluxos sobre a garganta que provêm só do calor somente no estado puro ou só do frio somente no estado puro, sem ter parte nenhuma outra qualidade, cessarão do seguinte modo: pela mudança do quente em frio e do frio em quente, mudança que se opera como disse anteriormente. Ademais, todos os outros males que afetam o homem provêm de qualidades. De uma parte, com efeito, quando um humor amargo se despeja, humor que chamamos bile amarela, que náuseas, que febres ardentes, que fraqueza se apodera dos doentes! E quando eles se livram desse humor – às vezes após uma purgação, seja espontânea, seja provocada por um remédio, se uma dessas operações se produzir como convém –, eles manifestadamente se livram tanto das dores como do calor; mas enquanto esses humores são aliviados sem cocção e sem composição, eles não têm nenhum meio de pôr um fim nem às suas dores nem às suas febres. Por outro lado, também nos casos em que acidez acre e ferruginosa vem se fixar, que acessos de fúria, que cólicas nas vísceras e no tórax, que aflição! E o doente não deixa este estado antes que a acidez se esvazie ou se acalme e se misture a todas as outras substâncias do corpo. Mas sofrer a cocção, se transformar, tornar-se fino ou mais espesso para chegar a uma forma de humor passando por numerosas formas variadas – isso que explica que as crises e a diminuição dos períodos tenham uma grande importância nessas doenças – são modificações que o calor ou o frio de todas essas substâncias do corpo são as menos aptas a sofrer. Pois não poderia haver, pelo menos nesse caso, nem amadurecimento nem espessamento. De fato, em que poderemos dizer que existe, para o calor e para o

frio, composições possuindo esta ou aquela propriedade, conforme elas se façam com essa ou aquela substância, pelo calor que não se misturará com nada quando ele perder seu calor, senão com o frio, e o frio não se misturará a nada a não ser com o calor? É diferente de todas as outras substâncias presentes no homem: quanto mais numerosas são as substâncias que se misturam, mais elas se suavizam e melhoram. O homem se encontra na condição mais excelente de todas quando as substâncias estão em estado de cocção e de calma, sem manifestar nenhum poder particular.

20. Sobre esse assunto penso ter me explicado suficientemente. No entanto, alguns médicos e certos sábios declaram que não é possível conhecer a medicina se não conhecemos o que é o homem, e esse saber é o que devem adquirir aqueles que têm a intenção de cuidar corretamente dos homens. E o discurso dessas pessoas se dá no sentido da filosofia, como o de Empédocles ou outros que, a propósito da natureza, escreveram o que é o homem remontando à origem, como ele se forma no início e de quais elementos ele se constitui. Mas considero que, tudo o que foi dito ou escrito sobre a natureza por tal sábio ou tal médico, tem menos relação com a arte da medicina do que com a arte da pintura, e penso que para ter algum conhecimento preciso sobre a natureza não existe nenhuma outra fonte senão a medicina. E esse conhecimento é possível de se adquirir perfeitamente quando se abraça corretamente a medicina em sua totalidade – como até agora não se fez na maioria dos casos – quero dizer, esta investigação que consiste em saber o que é o homem, as causas de sua formação e tudo o que permanece nele com exatidão. Pois eis aqui, em todo caso, o que me parece necessário para um médico saber sobre a natureza e de procurar com suas fontes, a saber, se há a intenção de preencher, ainda que minimamente, seus deveres: é o que é o homem com relação aos alimentos e às bebidas, o que ele é por relação com seu gênero de vida, o que acontecerá a cada um em consequência de cada coisa e não simplesmente assim: “O queijo é um alimento ruim porque causa o mal a quem se enche dele”, mas que mal ele causa, por que razão, e qual é, entre as substâncias contidas no homem, aquela à qual ele é impróprio. Pois há muitos alimentos e bebidas ruins que afetam o homem de um modo que não é o mesmo. Assim pois, que me seja permitido tomar o exemplo do vinho: não misturado, bebido em grande quantidade, ele afeta o homem de certa maneira; e todos, somente à vista desse estado, reconheceriam a propriedade do vinho e que ele é a causa; quanto às substâncias contidas no homem sobre as quais ele exerce sobretudo certa ação, nós sabemos quais são. Tal é então a verdade que quero ver aparecer igualmente

nos outros casos. O queijo, já que eu o escolhi como exemplo, não incomoda todos os homens do mesmo modo, mas há indivíduos que podem se encher dele sem sofrer o menor dano, e ele até fornece uma força espantosa àqueles aos quais ele convém; e há outros, em compensação, que têm a dificuldade de eliminá-lo. Existe então uma diferença entre as naturezas dessas pessoas e a diferença está na substância que, no corpo, é precisamente inimiga do queijo, e que é despertada e colocada em movimento por ele. Aqueles nos quais esse humor existe em grande quantidade e exerce uma dominação maior no corpo, esses experimentam normalmente um sofrimento maior. Se o queijo fosse nefasto para o conjunto da natureza humana, ele teria incomodado o conjunto de homens. Quem possuísse esse saber não sofreria.

21. Por outro lado, nas convalescenças, ao sair das doenças, e mais ainda nas doenças de longa duração, produzem-se numerosas perturbações, algumas espontaneamente, outras por coisas administradas fortuitamente. Pois sei que a maioria dos médicos como os leigos, se naquele dia os doentes tiverem feito alguma inovação seja banhando-se, seja passeando, seja comendo uma iguaria diferente – tudo isso, uma vez administrado, seja melhor ou não para os doentes – atribuem, todavia, a responsabilidade a uma dessas inovações, ignorando a causa e suprimindo, se isso se encontra assim, aquilo que é mais útil. Não é preciso raciocinar assim, mas saber o efeito que produz um banho suplementar tomado inoportunamente ou o efeito que produz um cansaço suplementar e inoportuno. Pois não é jamais o mesmo sofrimento que resulta de cada uma dessas coisas, nem mais uma pletora nem mesmo tal ou tal alimento. Aquele que não souber como cada uma dessas coisas se comporta com respeito ao homem não poderá conhecer os efeitos que resultam e nem saberá utilizá-las corretamente.

22. Deve-se, a meu ver, saber igualmente isso: quais são os males sofridos pelo homem que provêm das qualidades e quais são aqueles que provêm das configurações. Que quero dizer por isso? Por qualidade entendo acuidade e força dos humores; por configurações, todas as partes internas do corpo, algumas sendo ocas e apertadas após uma porção larga que se estreita, outras sendo ao contrário, alargadas, outras duras e redondas, outras largas e suspensas, outras estendidas, outras longas, outras compactas, outras largas e inchadas, outras esponjosas e porosas. Dentro dessas condições, quando se trata, primeiramente, de atrair a si e aspirar um líquido do resto do corpo, são as partes ocas e alargadas que são as mais capazes de fazê-lo, ou as partes duras e

arredondadas, ou as partes ocas que se apertam em uma porção estreita após uma porção larga? Eu penso que são as últimas, aquelas que se encolhem em uma porção estreita após uma porção oca e larga. Para compreender isso convém referir-se ao que é visível e exterior. De um lado, mantendo a boca aberta, você não poderá aspirar nenhum líquido; mas avançando os lábios e contraindo-os e comprimindo-os, você aspirará; e mesmo se, além disso, aplicar uma cânula entre os lábios, será com facilidade que você poderá aspirar tudo o que quiser. Por outro lado, as ventosas que aplicamos formam uma porção larga que se estreita em uma porção mais apertada, são uma invenção da arte cujo objetivo é precisamente atrair para fora da carne e aspirar; isso é assim como outros instrumentos análogos. As partes no interior do homem que têm uma configuração natural desse tipo são: a bexiga, a cabeça e, entre as mulheres, o útero. Manifestamente, essas partes são as que atraem mais e são constantemente preenchidas de um líquido trazido de fora. Quanto às partes ocas e largas, são as mais aptas de todas para receber o líquido quando ele aflui, mas elas não podem aspirar tão bem quanto as precedentes. As partes duras e arredondadas, elas não podem nem atrair o líquido nem receber quando ele aflui; pois o líquido só pode deslizar ao redor na falta de um lugar para ficar. As partes esponjosas e porosas, tais como o baço, o pulmão e o seio, colocados em contato com um humor, são os mais aptos a absorver, a endurecer e aumentar pelo aporte do líquido. Pois eles não podem, como no caso em que o líquido está dentro de uma cavidade e que essa cavidade envolve ao redor, se esvaziar a cada dia; mas quando uma dessas partes bebeu e recebeu nela o líquido, os lugares vazios e porosos, mesmo de tamanho pequeno, se preenchem por toda parte, e de mole e poroso que era esta parte se torna dura e compacta e ela não opera nem cocção nem evacuação. Eis o que sofre pela natureza de sua configuração. Tudo o que produz vento e cólicas no corpo provoca, normalmente, nas partes ocas e espaçosas tais como o ventre e tórax, ruídos e estrondos; pois, se o vento não os preenche suficientemente para ficar imóvel, mas deixa a possibilidade de mudar de lugar e se movimentar, resulta necessariamente em ruídos e movimentos perceptíveis. Mas quando as partes são carnudas e moles, provoca normalmente entorpecimento e regurgitações parecidas com aquelas que ocorrem dentro de partes obstruídas. Quando o vento encontra uma parte larga que faz obstáculo e se choca com ela, e quando ocorre que essa parte não é naturalmente muito forte para ser capaz de suportar a violência do choque e não sofrer nenhum mal, nem muito mole e nem muito frouxa para receber o ar e lhe ceder lugar, mas ao mesmo tempo tenra, inchada, plena de sangue e compacta, como por exemplo, o fígado, então



esta parte, por um lado, devido à sua compacidade e à sua largura, resiste e não cede, enquanto o vento fluindo aumenta, ganha força e provoca ataques mais violentos contra o obstáculo que lhe repele. Por outro lado, também devido à sua moleza e a seu teor de sangue, não pode ficar isento de sofrimento. Eis as razões pelas quais as dores muito agudas e frequentes sobrevêm nessa região, assim como acúmulos de pus e grande número de inchaços. Esses sintomas se manifestam assim com violência também sob o diafragma, todavia com menor intensidade. Pois o diafragma, por sua extensão, é uma parte larga que faz obstáculo, mas devido à sua constituição, possui uma parte mais fibrosa e robusta. O lugar também é menos sujeito à dor; no entanto, nessa região também se produzem sofrimentos e tumorações.

23. Há outros tipos de configurações no interior e no exterior do corpo que diferem grandemente umas das outras relativamente aos males sofridos, seja num doente seja num homem são, por exemplo, uma cabeça pequena ou grande, um pescoço fino ou grosso, longo ou curto, um ventre alongado ou arredondado, a largura e a estreiteza do tórax e muitas outras espécies de configurações; a respeito de todas, convém conhecer em que elas diferem a fim de que, conhecendo as causas de cada um dos males sofridos, se possa preservá-las corretamente.

24. No que concerne às qualidades, convém examinar a respeito de cada um dos humores tomados neles mesmos, qual a ação ele é capaz de exercer sobre o homem, como foi dito precedentemente, e a respeito das relações entre eles, qual o grau de parentesco eles mantêm. Quero dizer substancialmente isso: se um humor, sendo doce, se transforma em outra espécie não por mistura, mas deixando ele mesmo seu estado, que humor ele se tornará primeiramente? Seria um humor amargo, ou salgado, ou acerbo ou ácido? Em minha opinião, ácido. O humor ácido deve ser então o mais apropriado a ser prescrito entre os humores restantes, se é verdade que o humor doce é o mais apropriado de todos os humores. Quem fosse assim capaz, graças a uma pesquisa a partir dos fenômenos exteriores de atingir a verdade, seria igualmente capaz de escolher entre todos os tratamentos sempre o melhor. Pois o melhor é sempre o que é mais afastado do inapropriado.

#### 4. DA NATUREZA HUMANA

1. Quem quer que tenha o costume de escutar exposições sobre a natureza humana que saiam do domínio estrito da medicina não tem nenhum interesse em escutar a presente exposição. Pois não declaro, de nenhum modo, que o homem seja ar, fogo, água, terra, ou qualquer outra substância cuja presença não se manifeste no homem. Deixo essas declarações a quem tem prazer em sustentá-las. Tenho a impressão, todavia, que as pessoas que fazem tais declarações não têm conhecimento exato das coisas. Pois, no fundo, estão todos de acordo, mas sobre os termos, não mais. No fundo, sustentam o mesmo raciocínio: pretendem que o que existe é um e o que está aí, o um e o todo. Sobre os nomes, ao contrário, estão em desacordo: esse um e esse todo, alguns nomeiam ar, outros, fogo, outros, água e outros, terra; e cada um apoia sua tese em testemunhos e provas que não valem nada. Daí que, por estarem todos de acordo sobre o fundo sem estarem sobre os termos, é evidente que eles não conhecem nada. Podemos nos dar conta disso, sobretudo, nos espetáculos de seus combates oratórios: quando os mesmos adversários se defrontam diante do mesmo público, nunca acontece que o mesmo seja três vezes em seguida vencedor da discussão; na primeira parte é um que triunfa, na segunda é outro, e na terceira, aquele que, por sorte se mostre mais loquaz diante da multidão. No entanto, é justo aceitar que aquele que pretende possuir um conhecimento exato das coisas faça seu discurso sempre triunfar, se, efetivamente, esse conhecimento repousar sobre a realidade e a demonstração for exata. Parece-me, porém, que por inabilidade, tais indivíduos são derrubados por eles mesmos nos termos de suas teses e restabelecem o discurso de Melisso.

2. Eis o bastante sobre essas pessoas. Passemos aos médicos. Alguns declaram que o homem é sangue, outros pretendem que é a bile, alguns mesmo, a fleuma. Eles sustentam também o mesmo raciocínio: pretendem que exista uma única substância – qualquer que seja o nome que agrada a cada um lhe dar – e essa substância muda o aspecto e a propriedade sendo coagida pelo frio e pelo calor, e se torna doce e amarga, clara e escura, enfim, sofre modificações múltiplas. Mas, a meu ver, isso não é assim de modo algum. Contrariamente à maior parte das pessoas que professam teorias semelhantes ou muito próximas, eu considero que se o homem fosse um ele nunca sofreria. De fato, não poderia existir um princípio causa de sofrimento, se o homem fosse um. Suponhamos mesmo que haja sofrimento: necessariamente o remédio também

seria um; mas de fato, existem muitos. É que existem no corpo muitos elementos que, por uma ação recíproca, podem se esquentar, se esfriar, se ressecar ou se umidificar anormalmente e assim produzir as doenças. Também há muitos tipos de doenças e muitos modos de tratamento. De minha parte, aquele que pretende que o homem é exclusivamente sangue e nada mais, espero que observe que essa substância não muda de aspecto nem sofre modificações múltiplas, e que não existe um período, seja no ano, seja na vida do homem, ao longo do qual o sangue é manifestamente o elemento exclusivo do homem. Pois é mesmo necessário que haja algum período qualquer, quando ele seja tudo o que existe realmente, e que se manifeste em si e separadamente. Essas mesmas observações se aplicam a quem pretende que o homem seja fleuma ou bile. De minha parte, vou demonstrar que os elementos que constituem o homem, a meu ver, são, conforme o costume e conforme a natureza, constantes e invariavelmente idênticos, seja ele jovem, seja velho, durante a estação fria e durante a estação quente. Apresentarei provas e anunciarei as leis necessárias, em virtude das quais cada elemento aumenta e diminui no corpo.

3. Primeiramente é necessário, para que haja nascimento, não partir de um princípio único. Como, com efeito, um ser único poderia engendrar se não se unisse a outro ser? E mais, nem mesmo no caso em que uma união onde os seres não são da mesma raça e não têm a mesma propriedade, nem mesmo nesse caso um só nascimento poderia se produzir. E mais, se entre o calor e o frio, entre o seco e o úmido, não existe uma justa proporção e um equilíbrio, se, ao contrário, a predominância de um elemento sobre o outro, quer dizer o mais forte sobre o mais fraco, é nítida, o nascimento não teria lugar. Assim, como é pensável que a geração se produza a partir de um ser único, dado que ela não se produz mesmo a partir de muitos, se eles não têm a oportunidade de formar conjuntamente uma mistura harmoniosa? Necessariamente então, já que tal é a natureza de todos os seres e do homem em particular, o homem não é um, mas cada um dos elementos que contribuem para seu nascimento conserva no corpo a propriedade que ele trouxe como contribuição. E, necessariamente também, cada elemento retorna à sua natureza própria quando termina o corpo do homem, o úmido para o úmido, o seco para o seco, o calor para o calor e o frio para o frio. Tal é também a natureza dos seres vivos, e todos os seres em geral. Tudo começa da mesma maneira, tudo chega ao fim da mesma maneira. Pois a natureza dos seres se forma pela reunião de todos os elementos

mencionados acima e termina como foi dito: do mesmo lugar de onde veio cada ser no momento de sua formação, é para lá também que ele retorna.

4. O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Eis o que constitui a natureza do corpo; eis o que é a causa da doença e da saúde. Nessas condições há saúde perfeita quando os humores estão em uma justa proporção entre eles, tanto do ponto de vista da qualidade quanto da quantidade e quando seu casamento é perfeito; há doença quando um desses humores se isola no corpo, em muito pequena ou em grande quantidade, em vez de ficar misturado a todos os outros. Pois, necessariamente quando um dos humores se isola e se mantém à parte, não somente o lugar que ele deixou adoece, mas também aquele aonde vai se fixar e se acumular; em consequência de um acúmulo excessivo provoca sofrimento e dor. De fato, quando um desses humores escorre para fora do corpo mais do que é preciso para reabsorver a superabundância, o vazio provoca o sofrimento; se, inversamente, é para o interior que o humor se evacua, muda de lugar e se separa dos outros, necessariamente, a partir do que foi dito, é um duplo sofrimento que ele provoca: ao lugar que ele deixou e àquele onde ele se acumulou em excesso.

5. Tendo então prometido mostrar que os elementos que constituem o homem, a meu ver, são sempre idênticos conforme o uso e conforme a natureza, declaro então que se trata do sangue, da fleuma, da bile amarela e da bile negra. E a meu ver, primeiramente, segundo o uso, os humores têm nomes nitidamente distintos e nenhum entre eles tem o mesmo nome; em segundo lugar, conforme a natureza, eles têm um aspecto radicalmente diferente: a fleuma não parece em nada com o sangue, nem o sangue com a bile, nem a bile com a fleuma. Como, com efeito, esses humores poderiam se parecer, se eles não oferecem nem a mesma cor à vista nem a mesma sensação ao tocar? Pois, nem o calor, nem o frio, nem o seco, nem o úmido se encontram no mesmo grau. Necessariamente então, dado que eles apresentam entre eles uma tão grande diferença de aspecto e propriedade, eles não são uma substância única, se é verdade que o fogo e a água não são uma substância única. Pode-se de resto dar-se conta disso, pelos fatos seguintes, que todos esses humores, bem longe de ser uma substância única, possuem cada um sua propriedade e sua natureza respectiva: deem a um indivíduo um medicamento que atraia a fleuma, vocês observarão um vômito de fleuma; e se você lhe der um medicamento que atraia a bile, vocês observarão um vômito de bile; do mesmo

modo, terá também evacuação de bile negra se lhe der medicamento que atraia bile negra; e se vocês o ferirem num ponto do corpo de maneira a fazer uma ferida, seu sangue correrá. E essas reações, vocês observarão em todos os homens a todo o momento, dia e noite, tanto no inverno como no verão, enquanto ele for capaz de inspirar e expirar o ar, enquanto ele não for privado de um desses elementos congênitos. Pois são congênitos os elementos que nomeei. Como, com efeito, não seriam? Em primeiro lugar, é manifesto que o homem contém todos esses elementos perpetuamente enquanto vive; em seguida, ele nasceu de um ser humano que os possuía todos, e foi alimentado dentro de um ser humano que os possuía todos, quero dizer todos os elementos que são objeto de minha tese e de minha demonstração.

6. Aqueles que pretendem que o homem é um, fazem, a meu ver, o seguinte raciocínio: observando no caso dos indivíduos que tomam medicamentos evacuantes e morrem em superpurgações, vômitos seja de bile, seja de fleuma, eles deduziram daí que o homem é constituído por um ou outros desses humores, de acordo com aquilo que viram evacuar ao morrer. E aqueles que pretendem que o homem é sangue fazem o mesmo raciocínio: olhando, no caso de decapitação, o sangue correr fora do corpo, eles deduzem que esse humor é para o homem o princípio de vida. Eis, de resto, os fatos que eles trazem como testemunho em suas argumentações. Mas, primeiramente, nos casos de superpurgação, ninguém até o momento morreu expelindo unicamente bile; na realidade, após a absorção de um medicamento que atrai a bile, há primeiro vômito de bile, depois de fleuma, depois, além disso, de bile negra e enfim de sangue puro. Os efeitos são análogos no caso dos medicamentos que atraem a fleuma: primeiramente vômitos de fleuma, depois de bile amarela, depois bile negra e enfim, sangue puro: é então que sobrevém a morte. Pois o medicamento, uma vez no corpo, começa por atrair o humor do corpo que é mais conforme à sua natureza, depois atrai e evacua também os outros humores. Com efeito, da mesma maneira que os vegetais plantados ou semeados, uma vez na terra, atraem cada um o suco da terra que é conforme a sua natureza – a terra contém sucos ácidos, amargos, doces, salgados, enfim, sucos de todos os tipos; primeiro, portanto, eles absorvem a maior quantidade possível do suco que é conforme à sua natureza, depois atraem igualmente outros sucos; de maneira análoga, os medicamentos agem no corpo: aqueles que atraem a bile começam por evacuar uma bile muito pura, depois uma bile misturada; quanto aos fleumáticos, começam por atrair um fleuma muito puro, depois um fleuma misturado; e no caso das decapitações o sangue

corre a princípio muito quente e muito vermelho, depois corre misturado de fleuma e bile.

7. Há o aumento de fleuma no homem no inverno; pois esse é o humor do corpo que é mais conforme a natureza do inverno, já que ele é o mais frio. Eis uma prova de que a fleuma é o humor mais frio: toquem a fleuma, a bile e o sangue, vocês constatarão que a fleuma é o mais frio. No entanto, é o humor mais viscoso e aquele que – evidentemente depois da bile negra – exige a maior violência para ser atraído. Porém, o que exige violência para ser evacuado se aquece sob o efeito dessa violência. Todavia, apesar de todas essas condições, a fleuma aparece manifestamente como o humor mais frio, e isso em virtude de sua natureza particular. Que o inverno preencha o corpo de fleuma vocês poderão se dar conta pelos fatos seguintes: é no inverno que os escarros e o muco nasal contêm mais fleuma, é nessa estação, sobretudo, que sobrevêm as leucoflemasias e outras doenças fleumáticas. Na primavera, a fleuma conserva ainda força no corpo e o sangue aumenta, pois os frios se relaxam e as chuvas chegam. O sangue então aumenta sob o efeito dos aguaceiros e dos dias de calor; pois são essas as condições do ano que são mais de acordo com a natureza desse humor; de fato, o sangue é úmido e quente. Que isso seja assim vocês poderão se dar conta pelos fatos seguintes: é na primavera e no verão que se produzem ataques de disenteria e hemorragias nasais, que o corpo está em seu máximo de calor e que a tez é vermelha. No verão o sangue conserva ainda a força, enquanto que a bile cresce no corpo e persiste assim até o outono. No outono o sangue diminui, pois o outono é contrário à sua natureza. A bile predomina no corpo no verão e no outono. Vocês poderão se dar conta disso pelos fatos seguintes: durante essa estação, há vômitos espontâneos de bile, e as evacuações provocadas pelos remédios são muito ricas de bile. Asseguramo-nos disso também pelas febres e pela coloração da tez. A fleuma está no verão em seu grau mínimo de força, pois a estação que é quente e seca é contrária à sua natureza. O sangue no outono atinge seu mínimo no homem, pois o outono é seco e começa já a esfriar o corpo. A bile negra, ao contrário, está no seu máximo no outono, do ponto de vista tanto da quantidade quanto da força. Mas no retorno do inverno, a bile se esfria, diminui enquanto que a fleuma aumenta de novo, em consequência da abundância de chuvas contínuas e da extensão das noites. Assim todos os elementos existem perpetuamente no corpo do homem, mas com o ciclo das estações, eles passam por fases de aumento e de diminuição, cada um segundo sua volta e segundo sua natureza. Com efeito, assim como o ano participa durante toda sua duração

de todos esses elementos, o calor, o frio, o seco e o úmido – com efeito, nem um único ser em nosso universo poderia subsistir um só instante sem todos os outros, e a ausência de apenas um provocaria o desaparecimento de todos; pois é em virtude de uma só e mesma lei que eles se encontram todos reunidos e que se alimentam uns dos outros, assim também, a ausência no homem de um dos princípios congênitos tiraria toda a possibilidade de sobreviver. Mas no ano, ora o inverno predomina, ora a primavera, ora o verão, ora o outono. E igualmente também no homem, ora a fleuma predomina, ora o sangue, ora a bile, primeiro a bile amarela, depois a bile negra. Vejamos uma prova muito clara: deem ao mesmo indivíduo o mesmo medicamento evacuante quatro vezes no ano, vocês constatarão que o vômito no inverno é rico de fleuma, na primavera, muito úmido, no verão muito bilioso e no outono muito negro.

8. Desde que é assim, todas as doenças que crescem no inverno devem se apagar no verão, todas as que crescem no verão, cessam no inverno, exceto aquelas que terminam em um período de dias; sobre esse período de dias, vou expor mais tarde do que se trata. Para todas as doenças que nascem na primavera, é preciso atingir o termo no outono. Quanto às doenças outonais, é na primavera que terão necessariamente seu termo. Mas para toda a doença que ultrapassar as estações indicadas, é preciso saber que a duração será de um ano. E o médico deve ter no espírito, quando se opõe às doenças, que cada uma delas domina no corpo segundo a estação que é mais conforme à sua natureza.

9. Eis que é preciso saber, além disso: as doenças causadas pela saciedade são curadas pela vacuidade; aquelas que provêm da vacuidade são curadas pela saciedade. Aquelas que provêm do exercício são curadas pelo repouso; aquelas que são causadas por uma grande inação são curadas, elas, por exercício. Para resumir todas essas noções, o médico deve se opor à característica estabelecida das doenças, das constituições, das estações e das idades, relaxar o que está estendido e estender o que está relaxado. É o melhor método, com efeito, para trazer alívio à parte doente. Eis em que consiste a meu ver, o tratamento. As doenças provêm seja do regime, seja do ar que inspiramos para viver. O diagnóstico para cada uma das duas categorias deve se fazer assim: quando uma única doença atinge um grande número de indivíduos no mesmo momento, é preciso atribuir a sua causa ao que é mais comum, àquilo que nós todos utilizamos mais; ora, é o que respiramos. É bem claro, com efeito, que o regime de cada um entre nós não pode ser a causa da doença, dado que ela ataca todo mundo a cada vez, jovens e

velhos, mulheres e homens e, sem distinção, aqueles que bebem vinho e aqueles que bebem água, aqueles que comem pão de sorgo e aqueles que se alimentam de pão de trigo, aqueles que fazem muitos exercícios e aqueles que fazem poucos. O regime não estaria em causa, quando, apesar da maior diversidade de regime, os indivíduos são atingidos pela mesma doença. Mas quando são doenças de toda a espécie que se produzem no mesmo momento, é evidente que a causa é, em cada caso, o regime de cada um, é preciso então, para o tratamento se opor à causa da doença, como expliquei também em outro lugar, e preceder às mudanças no regime. É evidente, com efeito, que o regime habitualmente seguido pelo paciente não lhe é apropriado, e isso, seja na totalidade, seja em grande parte, seja pelo menos em parte. É o grau que é preciso determinar com precisão para proceder à mudança; é necessário também levar em consideração a idade e a constituição do paciente, a estação do ano e a característica da doença, para assim efetuar o tratamento, eliminando aqui, acrescentando lá, como já disse há muito tempo, e é preciso ter em vista em cada caso, a idade, a estação, a constituição e a doença para os medicamentos como para o regime. Mas quando se trata de uma só doença estabelecida sob a forma de uma epidemia, é evidente que sua causa não é o regime; é o ar que respiramos que está em causa; e é evidente que é porque ele contém emanção patogênica que o ar é nocivo. É preciso, nesse momento, dar as seguintes consignas à população: não mudar de regime, uma vez que ele não é causa da doença, mas procurar emagrecer e diminuir o corpo ao extremo, eliminando alimentos e bebidas do regime habitual, mas progressivamente, pois se mudamos bruscamente o regime, a mudança tem o risco de acrescentar um novo incômodo no corpo. Para o regime é preciso então proceder assim, dado que manifestamente não faz nenhum mal. Mas, para o ar, eis as precauções a tomar: inspirar o menos de ar possível e o menos contaminado possível; para isso, desabitatar tanto quanto possível na região os lugares infestados pela doença, depois fazer regime de emagrecimento, pois é o melhor modo de evitar a necessidade de uma respiração forte e frequente.

10-15. Uma parte mais técnica consagrada às patologias, aborda as causas e tratamentos das doenças à luz da teoria dos humores, elaborado nos primeiros capítulos.

16-22. Seção devotada ao regime, considerada como uma obra à parte editada com o nome *Regime Saudável*. Encontramos os mesmos princípios fundamentais e o mesmo vocabulário.

23-24. Reunidos acidentalmente na transmissão do texto, não pertencem à obra.



24. Um homem sensato, pensando que para os homens a saúde é o bem mais precioso, deve saber, no caso de doenças, encontrar socorro em seu próprio juízo.